

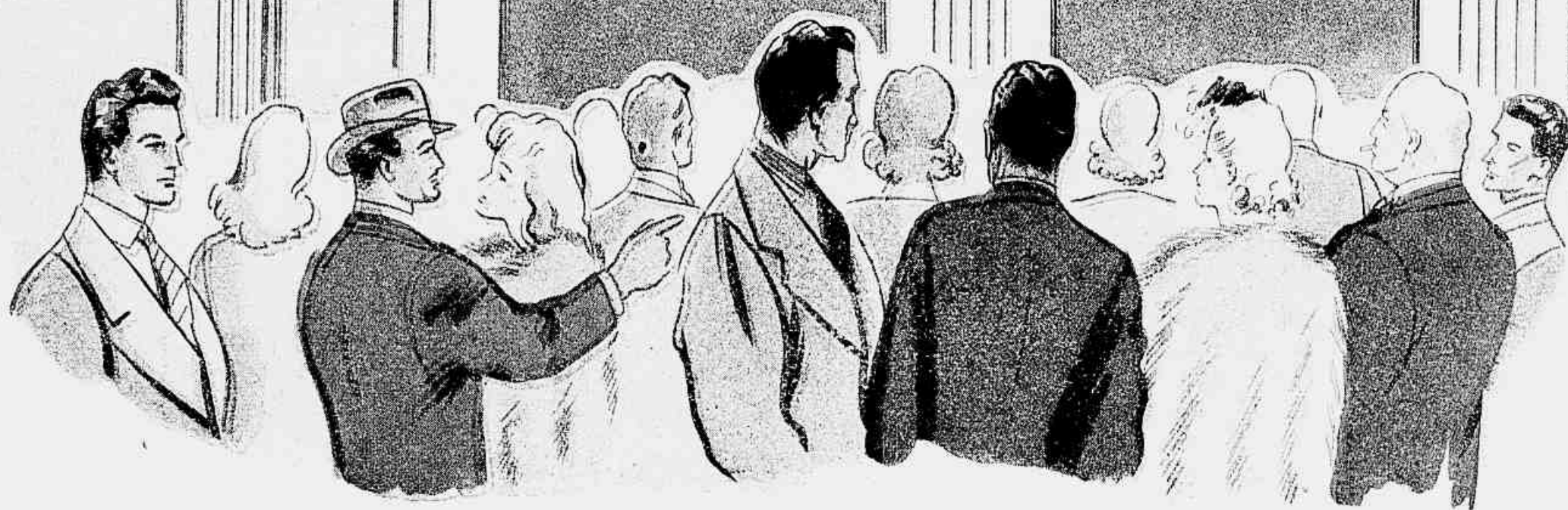
REVISTA DA SEMANA

Nº. 52
29-12-1945
Cr\$ 1,50



ULTIMOS!
SENSACIONAIS!

NOTICIARIOS



...chegam também pelo

CLIPPER EXPRESS ✱

DENTRE as centenas de artigos diariamente despachados nas 3 Américas via "Clipper Express" – os noticiários cinematográficos recentes são dos mais importantes. Porque assim, cidadãos de todo o continente... desde os grandes centros às mais remotas povoações... ficam sabendo das últimas novidades, enquanto são novidades!

Os que se habituaram à rapidez, à conveniência e à economia com que lhes era possível

despachar ou receber importantes remessas para os seus negócios ou seu bem-estar, certamente sentiram de perto as restrições que a guerra impôs aos transportes aéreos. Mas souberam compreendê-las, pois éramos todos partícipes de uma só causa: a da Vitória. Em breve haverá maior número de aviões mais velozes, mais espaçosos e mais frequentes para que os mercados do mundo fiquem na verdade ao seu alcance imediato!



PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS

A Rede dos Clippers

* Serviço rápido de encomendas aéreas pelos Clippers da PAA

1946

“HELLO”, 46!

Ano Bom, bom de verdade, bom em todos os sentidos, boníssimo ano da graça de 46, podes entrar. A casa é tua. Vamos quebrar essa garrafa de “champagne” na quilha do barco resistente que vai trazer-te e toldar o espírito com o seu espumante conteúdo, porque o vinho faz esquecer as amarguras e não há por que recordá-las.

Ano Bom, ano novo, lembra-te que és diferente. Vens portador de uma dose incomum de esperanças, de coisas boas que se ambicionaram durante os seis anos turbulentos que passaram.

Vamos, pois, esquecer a guerra, as revoluções, as filas, as pelejas e competições eleitorais, os racionamentos, as angústias dos gêneros que faltam. Vamos, até, esquecer que existe inflação. Tôdas essas calamidades correram por conta dêsse famigerado 45, de trágica e detestável memória quando, depois de amanhã, bater meia-noite.

46 amigo, trazes a obrigação maior de ser bom, mas bom até à última gota. És o ano das esperanças, dos prêmios ao nosso sacrifício, o ano bom de verdade.

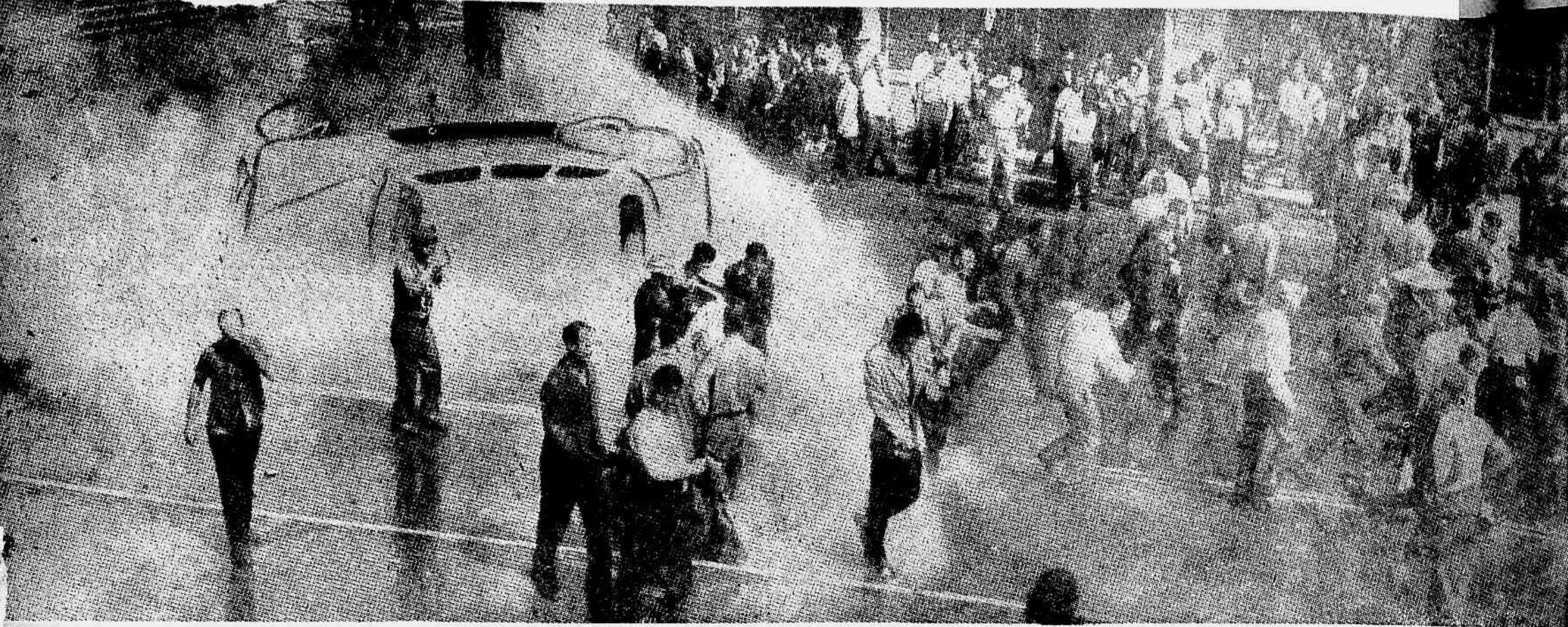
Entra. A porta abriu-se e a casa é tua. Entra — e traz para nós todos uma dúzia de meses felizes. Cinquenta e duas semanas de alegria intensa. Trezentos e sessenta e cinco dias de sossego, que é o de que mais andamos precisando, amigo!

Depois de amanhã és dono do terreno. Todos nos curvaremos ao determinismo de teus dias, de tuas horas.

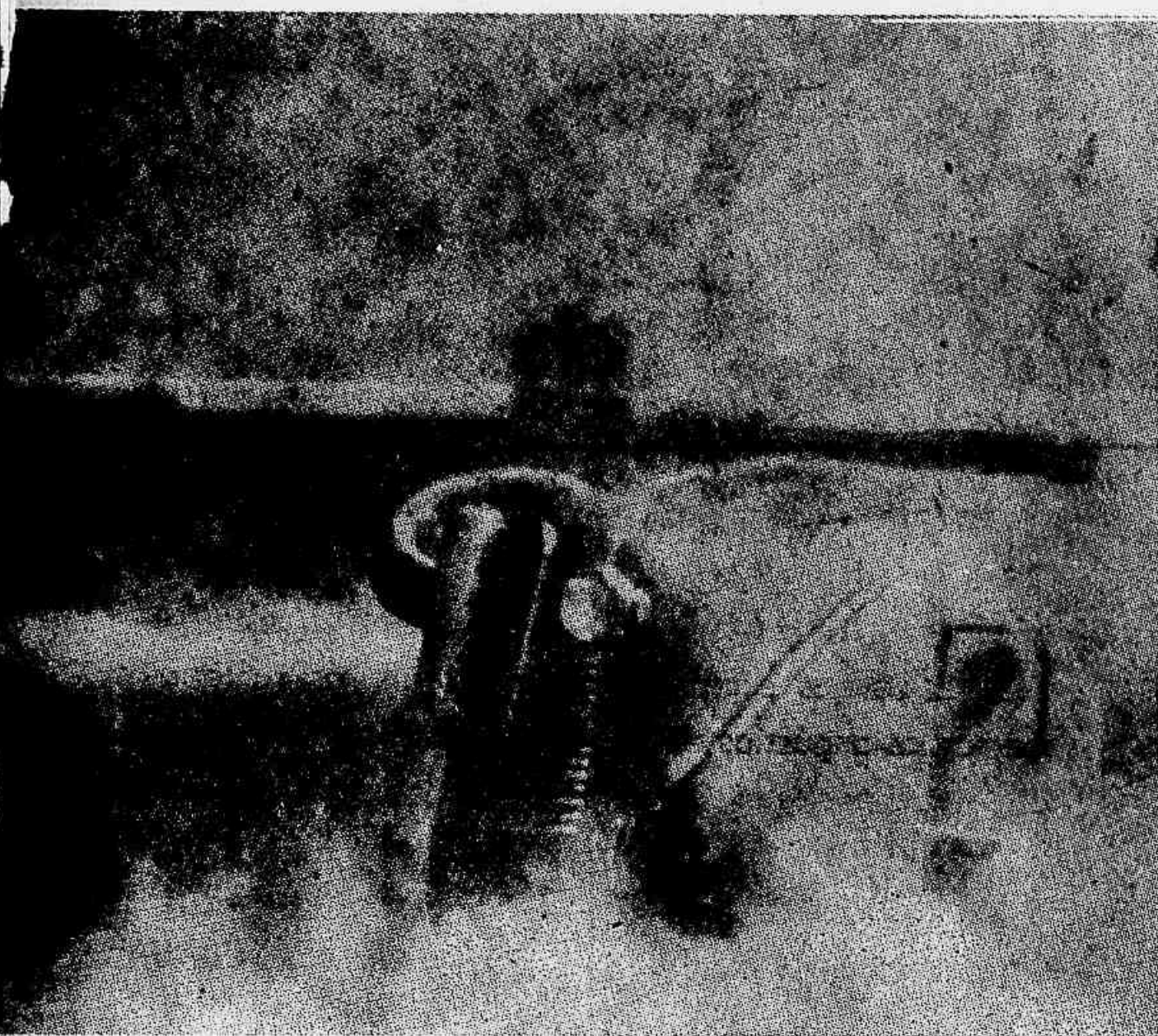
Vem, que a Bahia te espera...

E nós também.





OS AUTOMÓVEIS FAZEM DE TRINCHEIRAS — Verdadeiras cenas espetaculares, tal como se apresentam nos filmes de aventuras, registraram-se durante o período culminante da greve nos estúdios. Nesse sensacional flagrante vêem-se vários carros — carros de classe, aliás — virados em plena via pública, e, em primeiro plano, um grevista jogando uma bomba de gás. As ruas ficaram em polvorosa; as autoridades tiveram trabalho dias seguidos. Mangueiras com possantes jatos de água eram utilizadas contra os grevistas.



BOMBAS DE GAS LACRIMEJANTE E JORROS DE AGUA — Estas são as cenas que Hollywood não filmou. Instantâneos divulgados pela imprensa de Los Angeles dão-nos uma pálida idéia das proporções realmente assumidas pela greve dos trabalhadores nos estúdios. Populares correndo em todos os sentidos, mangueiras com violentos jatos de água, bombas de gás lacrimante — tudo aparece nesses instantâneos documentários. Artistas famosos misturavam-se com os operários, de acordo com o que nos informou o telégrafo.



O serviço telegráfico fez divulgar nos jornais brasileiros amplo noticiário à margem do grande movimento grevista que, meses atrás, se registrou em Los Angeles, estendendo-se à maioria dos estúdios cinematográficos. Era um reflexo da greve que se verificava em outros pontos do país, mas que assumiu proporções relevantes na cidade cinematográfica por excelência. Chegaram-nos agora sugestivos flagrantes fotográficos estampados em "Los Angeles Examiner", edição de 6 de outubro último, quando, na véspera, sérios conflitos haviam ocorrido nos estúdios de Burbank. Segundo informação de pessoa recém-chegada de Hollywood, só nesse dia perderam a vida aproximadamente quatrocentas e cinquenta pessoas. Posteriormente a situação veio a melhorar, mediante entendimentos que se estabeleceram entre ambas as partes, os trabalhadores e os chefes dos estúdios. Nada mais veio a saber-se desde então; os trabalhos foram gradativamente recomeçando, filmes que estavam suspensos voltaram a ser confeccionados, e tudo faz crer que a situação agora esteja definitivamente regularizada.

Certo, os "fans" do mundo inteiro, acostumados a acompanhar bem de perto tudo quanto diz respeito aos seus artistas prediletos, devem interessar-se por esses documentários que até este momento não figuraram em nenhum jornal de atualidades cinematográficas. Mas houve, de fato, capítulos sensacionais e espetaculares. Os automóveis eram virados nas ruas de maior movimento, entinchando-se por detrás deles os que participavam na luta. Grupos de grevistas eram dissolvidos com duchas possantes de água fria. Bombas de gás lacrimogêneo cruzavam os ares; mas não só as bombas: também fuzis-metralhadores e outras armas de fogo eram postos em funcionamento. E por muitos dias artistas famosos, cujos nomes andaram nos despachos telegráficos, confraternizaram com os trabalhadores em greve. Outros, neutros no conflito, quedavam-se em suas residências de Beverly Hills, aguardando o desfecho dos acontecimentos.



A POLÍCIA ENTRA EM AÇÃO — Depois de sete meses de greve, a situação agravou-se em princípios de outubro. Estas ocorrências verificaram-se exatamente no dia 5 daquele mês, e estas fotografias foram estampadas em páginas inteiras, no dia imediato, em "Los Angeles Examiner". A seta indica o choque maior entre a polícia e os trabalhadores, ocorrido nos estúdios de Burbank.

A GREVE EM LOS ANGELES

NESSE DIA NAO HOUVE FILMAGEM — As fábricas de filmes cinematográficos, na sua maioria, ficaram com todas as atividades interrompidas por espaço de muitos dias. Os conflitos repetiam-se cada manhã, provocando mortos e feridos em profusão. Aproximadamente 450 pessoas perderam a vida em um só dia, quando a greve mais se generalizou. Na gravura abaixo, um grevista é socorrido pelos seus companheiros, que procuram acalmá-lo.



A SEMANA EM REVISTA

LOTAÇÃO 7 PASSAGEIROS



Veiu a guerra e veiu a falta de gasolina. Justificaram-se então todos os meios de transporte: a bicicletas voltaram a ser moda, os ônibus passaram a obedecer o regime dos oito em pé. Nos bondes era permitida a permanência de pingentes até nos telhados.

O carioca recebeu tudo com o seu bom humor habitual, como recebeu ainda com um sorriso as filas e os racionamentos. O homem da rua sabia que aquilo era uma exigência do estado de beligerância, e queria pagar com uma expressão alegre o seu tributo à causa das Nações Unidas. Foi por isto que ele suportou até o suplício longo dos "lotações" incríveis, latas de sardinha improvisadas no interior dos velhos automóveis de praça onde se aglomeravam, em acomodações liliputianas, cinco e às vezes até sete passageiros. Quando foram permitidos os auto-lotações no Rio a crise da gasolina andava no auge. Os "chauffeurs" profissionais, embora patriotas como nós outros, para poder sustentar a família e o tanque, viam-se obrigados a desempenhar a parte passiva do câmbio negro, comprando combustível a Cr\$ 5,00, Cr\$ 6,00 e não raro a Cr\$ 8,00 o litro.

Era justo pois que eles gostassem de fazer longas corridas, pois que, se a vida triplicara, o preço de seu trabalho valia apenas o dobro, fora a taxa mínima. Assim, todos eles optaram pelos lotações, que davam maior ganho sem obrigar a maiores trabalhos. Com cinco passageiros a cinco cruzeiros era feita uma viagem de lotação, que traduzida em corrida de taxi lhes seria paga à razão de dezesseis cruzeiros aproximadamente. O Rio atravessava então a fase da mais completa corrupção e velhacaria. Todos se entregavam sem escrúpulos às manobras do mercado negro. Foi por isto que os "chauffeurs" inventaram o sistema das "cadeirinhas". Voltaram a existir então esses incômodos e anacrônicos assentos que figuravam nos velhos "Mercedes" e "Benz" da infância automobilística. Um "Chevrolet" coroa ou um "Ford" guarda-louça, desses que mal se movem com cinco pessoas dentro, levavam de Ramos à Cidade e da Cidade ao Leblon, em viagens sucessivas, sete pessoas de cada vez. O lucro era grande, como eram grandes todos os lucros então. Era justo que os "chauffeurs" ganhassem mais, pois tudo lhes custava mais caro. Agora, entretanto, com a gasolina a Cr\$ 1,60, não se justificam mais os excessos de lotações, e muito menos os excessos de lotação nos carros dessa natureza. Que voltemos aos taxis e que a Inspeção de Trânsito tome providências...

BONS VENTOS O TRAGAM



Lá vai ele!

— Já vai tarde, gritam todos.

Lá vem ele.

— Bons ventos o tragam, repetem em cântico.

Novas esperanças, novas desilusões. Ninguém pode deixar de ver-se alegre com a saída de um ano e a entrada do outro. Por que? Ninguém sabe, ninguém explica. No entanto o dia 31 de dezembro é um dia igual a todos os outros, e o dia 1 de janeiro também. Mas quando arranca-se a última folha da folhinha uma esperança nova brota nos corações, as almas todas se agitam num frêmito de expectativa.

Entra o ano e começam os desenganos. Os dias se sucedem, o trabalho continua, as esperanças se anulam. Os que são ricos continuam ricos, os que são pobres mais se aprofundam na pobreza. Os tiranos continuam a existir, as injustiças cada dia se fazem maiores. Por que lutar? Por que? A mulher cobiçada acaba sempre casando com o vizinho do lado; a sorte grande só dá para o dono da fábrica, que não precisa de dinheiro.

Assim morre o ano de 1945, assim nasce o ano de 1946. No dia 2 de janeiro os jornais noticiam coisas sensacionais. Sem nenhum sentido de quiromancia, aqui podemos prever algumas delas: "Mais de meio milhão de acidentes do tráfego nos Estados Unidos, durante as comemorações do Ano Novo". "Consumidos no Rio na noite de São Silvestre seis milhões de litros de chopp". "O baile no Fluminense esteve animadíssimo".

E' assim. Todos os anos a mesma coisa. Os homens continuam idiotas, irremediavelmente idiotas. Por que um dia assinala mais uma revolução da Terra em torno do Sol, aliás num cálculo aproximado, eles julgam que esse dia há de assinalar também uma nova etapa de venturas e prosperidade em sua vida. E quando chega em junho começam a ver que o ano novo é igualmente pesado como o ano passado. E percebe que a vida é mesmo do contra e que o destino é amigo da onça, e amigo da onça continuará a ser "per omnia secula seculorum". Mas, mal se aproxima dezembro, novas esperanças nascem e novas alegrias lhe sorriem no coração. O homem compra então um "smoking" de segunda mão, vai ao baile do Fluminense, lê nos jornais a notícia dos desastres de Nova York, fuma um cigarro, ufana-se de sua civilização, senta-se na Brahma e bebe trinta chopps para começar a noite. Agora perguntamos nós: p'ra que tanto chopp?

VOLTARAM OS PRACINHAS



Eram dezesseis pracinhas. A história deles não foi contada por Joel Silveira, a chegada deles não foi comemorada pela população do Rio. Chegaram pelo "Duque de Caxias", silenciosamente, sem flôres e sem hinos. Não estavam no caos a esperá-los as famílias alegres e sorridentes. Chegaram tristes, abatidos pelos longos dias de sofrimento e de terror. Estiveram também nas trincheiras de Monte Castelo, Castelnuovo e Montese. Enfrentaram nas noites de frio e de solidão o pavor sombrio das covas de raposa; avançaram sobre as trincheiras invisíveis dos tedescos selvagens enquanto a orquestra da morte repetia o seu tema sinistro pelas bocas das metralhadoras de primeira linha. Dormiram ao som da berceuse trágica dos "setenta-e-cinco" de campanha; acordaram muitas vezes com o barulho dos obuses de grosso calibre, que é o despertador dos soldados de infantaria. Durante semanas sem conta receberam nos corpos gelados a carícia mortífera das neves dos Apeninos; nos dias morosos de todo um inverno se enterraram na lama pegajosa e gélida das encostas piemontesas, batidas sempre pelos "shrapnells" e pelos morteiros inimigos.

A fúria assassina assassina dos nazistas os foi deitando sobre o solo úmido da Itália, um a um, impiedosamente, cruelmente. Conduzidos para trás, eram tratados nos postos de saúde da FEB ou do 5.º Exército, e iam depois para os Estados Unidos, onde a técnica da medicina moderna lhes permitia um restabelecimento mais confortável e uma readaptação à vida mais segura. Agora regressam à Pátria. Dezesseis pracinhas cuja história não foi contada por Joel Silveira, uma dezena mais meia dúzia de brasileiros cuja chegada não foi aplaudida pela população do Rio de Janeiro. Vêm tristes, vêm cabisbaixos. Todos estão feridos, alguns inválidos. Dezesseis jovens, nossos irmãos e nossos defensores, que voltam mutilados e pálidos das terras sangrentas da Europa, nestes dias do Natal risonho de 1945.

Não os esqueçamos, brasileiros. Façamos por que eles encontrem em cada um de nós um irmão; lutemos para que eles vejam em cada um de nós um amigo. Quando eles passarem saudemo-los orgulhosos. Que eles sejam a nossa bandeira e nosso programa de ação. Que as suas feridas gloriosas sejam para nós um lembrete permanente da história de dor e de sangue que eles viveram nas terras estranhas nos dias trágicos da maior guerra de todos os tempos.

LAURINDO VOLTOU



Uma história que tem nos preocupado muito ultimamente é o caso de Laurindo. Um samba dizia que ele subira o morro gritando que a praça Onze não havia acabado. Formou a escola de samba, desceu para o Mangue. Viu porém, no centro da praça querida, o pedestal de Cesar em lugar da velha e saudosa baiana. A um canto porém, como o símbolo da luta contra tirania, estava armada a pirâmide metálica. Laurindo não teve dúvida: jogou a bateria, os trombones, tudo na pirâmide. Era a contribuição do morro para a luta contra os nazistas. Mas a pátria pediu novos e mais valiosos pecúlios. Foi assim que o samba do Carnaval seguinte dizia que Laurindo tinha partido para o "front", e não podia portanto pensar em Carnaval. Chegou porém o fim da hecatombe.

Aqui começam a divergir as opiniões a respeito de Laurindo. Uns dizem que ele voltou "coberto de glória, com a cruz da vitória no peito a brilhar". Apareceu porém um novo samba, céptico e irônico, que repreendia Laurindo pelo seu procedimento infame. Segundo a letra dessa canção, ele fôra a Niterói e voltara dizendo que havia ido à Itália. E terminava declarando que ele devia agora era aplaudir os que lutaram e pegar de novo no tamborim.

Veiu logo a réplica: um samba choroso, verdadeiro atestado de óbito rimado, afirmava que Laurindo ficara na Itália, dormindo o sono eterno sob a relva verde.

Agora não nos é possível saber se Laurindo voltou herói, se é apenas um bazeleiro, se morreu na Itália. Mas, de uma maneira ou de outra, com Laurindo ou sem Laurindo, a escola de samba descerá este ano para comemorar o Carnaval da Vitória. Virão as baterias, virão as pastoras, virá a porta-estandarte requebrando de lado, gostosa e morena como as frutas da Bahia. Basta ler esta notícia para ter certeza disto:

"O samba vai voltar à praça Onze. — O velho ponto carnavalesco das escolas de samba viverá no próximo Carnaval, pois todos os morros da cidade — Salgueiro, Mangueira, São Carlos, Favela — está mobilizados para colaborar com a Prefeitura, que resolveu restabelecer o antigo prestígio carnavalesco da praça Onze. A União Geral das Escolas de Samba já manteve entendimentos com as autoridades da Prefeitura, no sentido de ser realizado o seu grande desfile naquele local."

Aí fica o aviso aos foliões. Aí fica uma notícia agradável para todos nós. Acabada a guerra, acabados os dias trágicos da carnificina, precisamos mesmo de um Carnaval.

REVISTA DA SEMANA

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00

Registrada. Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr\$ 2,00

Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7868

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Este número consta de 60 páginas

O Corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaborações solicitadas pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.

1945, o Átomo e o Mundo

O ano de 1945 morre entre os estertores de uma Época e a agonia de uma Civilização. O reverbero do Átomo desintegrado alumia estranhamente o pórtico do Ano Novo. 1946 é uma interrogação feita de sustos... Pela primeira vez na história do Mundo, o homem recua, assombrado, com medo da própria obra. Assistimos à ruína das velhas fórmulas e dos antigos conceitos, com os quais fizemos a marcha dos séculos nas estepes do Infinito... Somos viajantes que sentimos, cada vez mais perto, o rugir da tempestade. Quem nos abriga? E' a pergunta apocalíptica do momento.



A Ciência, Sansão de novo estilo, acaba de aluir as colunas do Templo. Este ameaça desabar, arrastando consigo a obra de 6.000 anos de História. Nos escombros da Terra a mão irônica do Destino escreverá, um dia, a legenda melancólica: aqui jaz o gênero humano. E o corvo poético de Edgard Allan Poe crocitará o latim que a Igreja, sobrevivente dos tempos, já não poderá dizer pela boca humana dos seus sacerdotes: *requiescat in pace*...



Desde Epicuro, o Átomo tinha sido uma fonte de inquietações e dúvidas. Onde acaba a Matéria? Qual a divisão ínfima do Universo? Tijolo filosófico do Cosmos, material de construção dos mundos, o Átomo era inacessível como um dogma. Diante dele estacaram os passos dos sofistas. A Filosofia respeitou-lhe a inteireza. O Riso da incredulidade morreu ante a severidade deste grão de Infinito... Voltaire recusou-se a discutir-lhe a eternidade...



Que é feito, hoje, do Átomo intangível? Partiu-se com o rumor de um desabamento geológico. A bomba atômica não destrói cidades, apenas: pulveriza noções, reduz a cinzas os conceitos. O que vimos, em Nagasaki e Hiroshima, foi a derrocada de todo um sistema científico, a ruína de um corpo de doutrinas que tinha por si um passado várias vezes secular. Estamos como um devoto que assiste à queda rumorosa dos seus ídolos no pó melancólico dos desenganos. Nada escapou dos velhos fundamentos da Física. O Mundo perdeu os seus alicerces, e gira, como um pião, no descampado dos tempos...



O Ano Novo começa velho, porque o segredo dos segredos foi revelado em 1945. Que nova maravilha poderá oferecer-nos o dia de amanhã? A história da desintegração do Átomo é a própria história da ignorância humana. A bomba de Hiroshima e Nagasaki é a flor monstruosa que a Guerra de ontem depõe no pórtico da Paz de amanhã. Verdadeiramente, poderá haver paz quando o Mundo dorme sobre um estopim aceso?...



A bomba atômica apressou o fim de uma Guerra, e é capaz de precipitar o fim de tudo e de todos. E' um cataclismo em estado latente. E' um incêndio cósmico, reduzido às proporções modestas de um petardo burguês... Dentro de alguns quilos de mistério estão noites imensas, enormes silêncios cósmicos, pavorosos cemitérios de cidades e países... E' a semente do Nada, que no começo se pode plantar no mais mimoso vaso ornamental...



Que fazer para extinguir o incêndio potencial? Estas chamas, ainda agora reprêsas, bastam a devorar a Terra. As previsões bíblicas quanto ao fim do Mundo parecem concretizar-se no preâmbulo da profecia que se cumpre. As chamas do Inferno lambem o edifício da Civilização. O átomo desintegrado é o terremoto em forma de projétil... E' o cataclismo com hora certa... E' a catástrofe sincronizada pela imprevidência ou insensatez humana...



A humanidade do ano de 1945 é uma procissão de sobreviventes de um naufrágio, os quais já ouvem os rugidos ameaçadores do Ocea-

As Crianças!

Dôres no Ventre, Mau Hálito, Língua Suja, Indigestão, Consequências da Prisão de Ventre



As crianças adoecem muito facilmente do estômago e intestinos. Basta, às vezes, que mastiguem mal a comida ou comam depressa e fora de horas para que tenham indigestão, dôres no ventre, moleza, arrepios, calafrios, tonturas, mau hálito, dôres de cabeça, vontade de vomitar, língua suja e até febre.

Convem dar **Ventre-Livre** sem demora.

Ventre-Livre é um remédio brando e suave, de gosto agradável, que as crianças tomam sempre com prazer.

Ventre-Livre é o remédio indicado para combater a prisão de ventre e suas consequências: mau hálito, língua suja, indigestão, dôres de barriga e outros desarranjos do estômago e intestinos.

Tenha **Ventre-Livre** sempre em casa.



no, do outro lado dos acontecimentos... Começam a cair as primeiras gotas d'água que em breve se transformarão em dilúvio. O Ano Novo não é uma renovação alviçareira: é a continuidade cronológica de um susto. A bomba que a Ciência fez deflagrar no Japão, mal nos deixa sussurrar aos nossos irmãos de outras bandas:

— Boas festas, amigos, boas festas!

Deus talvez apague o estopim que já bruxoleia... E talvez o que é prenúncio sombrio de catástrofe ainda se transforme em manhã ridente de alegria...

B E R I L O N E V E S

Encerrando mais um ano de atividades a serviço de seus amigos e leitores, a REVISTA DA SEMANA preza-se de haver correspondido à preferência que os mesmos lhe dispensaram no transcurso do ano que agora termina. A decana das publicações ilustradas congratula-se com o público do Brasil, a quem deseja sinceros votos ao alvorecer de 1946, por muitos e merecidos títulos denominado o Ano da Paz e da Vitória.

Que tôdas as tristes reminiscências da guerra sejam sepultadas neste fim de dezembro, e que uma fase nova de tranquilidade espiritual esteja renascendo para o bem-estar da Humanidade. Em 1946 aqui estaremos, quase a caminho de meio século de existência, com o mesmo ideal e o firme propósito de dar aos leitores a revista à qual se habituaram as gerações nascidas desde o despontar do Século XX, nascido também com a REVISTA.

A REDAÇÃO.

Agradecemos retribuimos as felicitações que nos mandaram: Walter Pinto; Comp. Imobiliária Previnal S. A.; Louis A. Lara; J. M. Huber, Inc.; Odol; Ismael de Souza & Cia.; S. A. Mercantil Anglo Brasileira; Dorival Hipólito Ferreira Pena; Tintas Supercor Ltda.; Clube Central; Octacilio Freitas; Paulo Mattoso, Cia.; Rádio Internacional do Brasil; Cia. T. Janér; Comp. Química Rhodia Brasileira; Usinas de Ácidos Brasil J. Rasina; Moore-McCormack (Navegação) S. A.; Centro Carioca; Polícia Militar do Distrito Federal; Comandante, Oficiais e guarnição do caça-submarino "Gurupi"; Associação Atlética Banco do Brasil; Casa Bruno; Mandarin; Universal Filmes, S. A.; RKO Radio Filmes do Brasil S. A.; Kungl. Svenska Konsulatet (Consulado Real da Suécia); Dr. Godofredo Mattos; Companhia Lanston do Brasil S. A.; Tecnigráfica S. A.

Um calçado da moda para o mundo elegante

Gambier

Rua Uruguaiana, 52
Fone 22-5587 — RIO

Os grandes Concursos Literarios da "REVISTA DA SEMANA"

ENCERRA-SE NO DIA 31 DO CORRENTE O PRAZO DE RECEBIMENTO DAS PEÇAS E ROMANCES — INSISTENTES APELOS DO RIO E DOS ESTADOS — TAMBÉM A 31 DO CORRENTE O ENCERRAMENTO DO SEGUNDO CONCURSO DE CONTOS

BASES DO CONCURSO PERMANENTE DE CONTOS

2.ª apuração

"PRÊMIO AURELIANO MACHADO"

De três em três meses, seleção de bons contos literários, que serão publicados nas páginas da REVISTA — Temas de preferência brasileiros mas também generalizados — Uma oportunidade para os novos — Cr\$ 100,00 para o autor de cada conto publicado

- 1) O prazo para o segundo concurso será de 90 dias, expirando, portanto, a 31 de dezembro.
- 2) Os originais deverão vir datilografados em espaço dois, em folhas de papel formato ofício, num mínimo de três e máximo de cinco páginas.
- 3) O assunto dos contos ficará a critério e escolha do autor, exigindo-se, todavia, unidade, estilo e unidade de ação no relato da história, podendo inserever-se autores inéditos ou já publicados.
- 4) Os originais devem ser enviados com todos os esclarecimentos de autor — nome, endereço, etc. — para Celestino Silveira, Redator-Secretário da REVISTA DA SEMANA — Rua Visconde de Maranguape 15, Rio de Janeiro.
- 5) A seleção dos 12 contos, uma vez terminado o prazo do segundo trimestre, será feita pela redação da REVISTA DA SEMANA. Os originais premiados serão publicados durante os três meses seguintes.
- 6) Cada conto premiado, uma vez publicado, facultará ao seu autor o recebimento de Cr\$ 100,00 (cem cruzeiros), pagos na administração da REVISTA.
- 7) Os contos ficarão de propriedade dos autores, a quem é facultado o direito, posteriormente, de publicá-los onde entenderem; todavia, compreendendo-se que só serão aceitos originais inéditos.
- 8) Os autores poderão usar pseudônimo, se assim desejarem.
- 9) O Concurso Permanente de Contos terá como patrono e antigo diretor da REVISTA DA SEMANA e demais publicações da Companhia Editora Americana, o saudoso jornalista Aureliano Machado.
- 10) Automaticamente, em 2 de janeiro de 1946, será iniciado o 3.º Concurso de Contos, que terá assim, sempre, etapas de três em três meses, de modo a ser publicado semanalmente e com regularidade um conto premiado.
- 11) Não serão devolvidos os originais, premiados ou não.

CONCURSO DE PEÇAS DE TEATRO

"PRÊMIO APOLÔNIA PINTO"

Cr\$ 10.000,00 para o primeiro classificado, oferta do Clube Ginástico Português — Representação das peças colocadas em 2.º e 3.º lugares pela Escola Dramática da mesma instituição — As peças continuarão pertencendo exclusivamente aos autores

- 1) Fica instituído o Concurso de Peças de Teatro, para a conquista do "Prêmio Apolônia Pinto", promovido pela REVISTA DA SEMANA e sob o patrocínio do Clube Ginástico Português, podendo ao mesmo concorrer todos os escritores brasileiros quer tenham ou não peças representadas.
- 2) O concurso será encerrado impreterivelmente no dia 31 de dezembro corrente, de modo a ser conhecido o resultado em janeiro ou fevereiro de 1946.
- 3) Os concorrentes terão liberdade ampla de elaboração de seus trabalhos quanto aos temas e ao gênero, devendo, no entanto, a peça premiada ter mérito literário, qua-

lidades cênicas e tempo de representação mínimo de duas e máximo de três horas.

- 4) O Clube Ginástico Português fica com a prioridade de representar a peça premiada, pelo conjunto de amadores de sua Escola Dramática, dentro de seis meses a contar da apuração do concurso.
- 5) O autor da peça premiada terá liberdade de fazer representar o seu trabalho em qualquer teatro do País, logo após as suas representações pela Escola Dramática do Clube Ginástico, ou, em caso contrário, a contar dos seis meses acima citados.
- 6) Em qualquer caso o Clube Ginástico Português terá sempre o direito de representar a peça premiada quando o julgar conveniente.
- 7) O Clube Ginástico institui um prêmio de Cr\$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros) para a peça escolhida pela Comissão Julgadora, constituída por um representante da REVISTA DA SEMANA, um do Clube Ginástico Português, um da Associação Brasileira de Críticos Teatrais, um da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais e um da Casa dos Artistas.
- 8) Fica expressamente proibido a qualquer dos membros componentes da Comissão Julgadora participar do concurso.
- 9) Todos os originais de peças devem ser diretamente remetidos a Celestino Silveira, Redator-Secretário da REVISTA DA SEMANA, Rua Visconde de Maranguape 15, Rio de Janeiro.
- 10) Além da peça colocada em primeiro lugar, o Clube Ginástico Português fará representar pela sua Escola Dramática os originais classificados em 2.º e 3.º lugares, pagando aos autores os direitos da praxe, bem como outros originais que julgar interessantes para esse fim.

A COMISSÃO JULGADORA DO "PRÊMIO APOLÔNIA PINTO"

A Comissão Julgadora do nosso concurso de peças teatrais será composta dos seguintes membros: Celestino Silveira, representando a REVISTA DA SEMANA; Joracy Camargo, da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais; Daniel Rocha, do Clube Ginástico Português; Bandeira Duarte, como representante da Associação Brasileira de Críticos Teatrais, e Floriano Faissal, pela Casa dos Artistas.

CONCURSO DE ROMANCES

"PRÊMIO REVISTA DA SEMANA"

- 1) Poderá concorrer ao "Prêmio REVISTA DA SEMANA", instituído para o melhor romance que nos for apresentado, qualquer escritor brasileiro nato.
- 2) Os originais que nos forem remetidos deverão obedecer às seguintes normas:
 - a) serem absolutamente inéditos;
 - b) constarem de cento e cinquenta laudas de papel formato ofício, datilografadas em espaço dois, no mínimo, e de duzentas e cinquenta laudas idênticas, no máximo.
- 3) Respeitadas as condições do 1.º item, fica entretanto entendido que os temas podem obedecer a qualquer motivo, nacional ou não.
- 4) Os trabalhos serão julgados por uma comissão composta por um representante da REVISTA DA SEMANA, um romancista e um crítico literário.
- 5) Deverão vir acompanhando os originais o nome, pseudônimo e endereço do autor.
- 6) O trabalho que obtiver primeiro lugar será premiado com uma medalha de ouro e um diploma honorífico, o que facilitará ao seu autor a edição da obra. A REVISTA DA SEMANA se encarregará ainda da propaganda do lançamento do romance.
- 7) A entrega de originais será encerrada definitivamente a 31 do corrente mês

AVISO IMPORTANTE

Pedimos às pessoas que queiram concorrer à segunda apuração do nosso concurso de contos, o obséquio de, quando trouxerem pessoalmente os seus originais, entregá-los diretamente ao sr. Celestino Silveira, ou a um redator desta Revista, na sede da mesma à rua Visconde de Maranguape, 15 — 1.º andar, afim de evitar possíveis extravios.

NESTE NUMERO

N. 52 29-12-1945

REPORTAGENS

A greve em Los Angeles	4/5
Cinquenta anos de memórias	9/15
Figuras e Fatos	22/23
Jockey Club	58

LITERATURA

"Hello", 1946!	3
1945, o Átomo e o Mundo (Berilo Neves)	7
A gramática e a resistência (Valerio Hofili)	19
A capa (André Maurois)	27
Jantares sem convites (Escragnolle Doria)	28
A Esmeralda (Ruby James)	34
Livros Novos (J. L.)	38/39

CURIOSIDADES

Um monge brasileiro visita Frei José Mojica	18
Carne para canhão	24/25

Meio século de cinema	35
Brinquedos para adultos	36/37

SECÇÕES

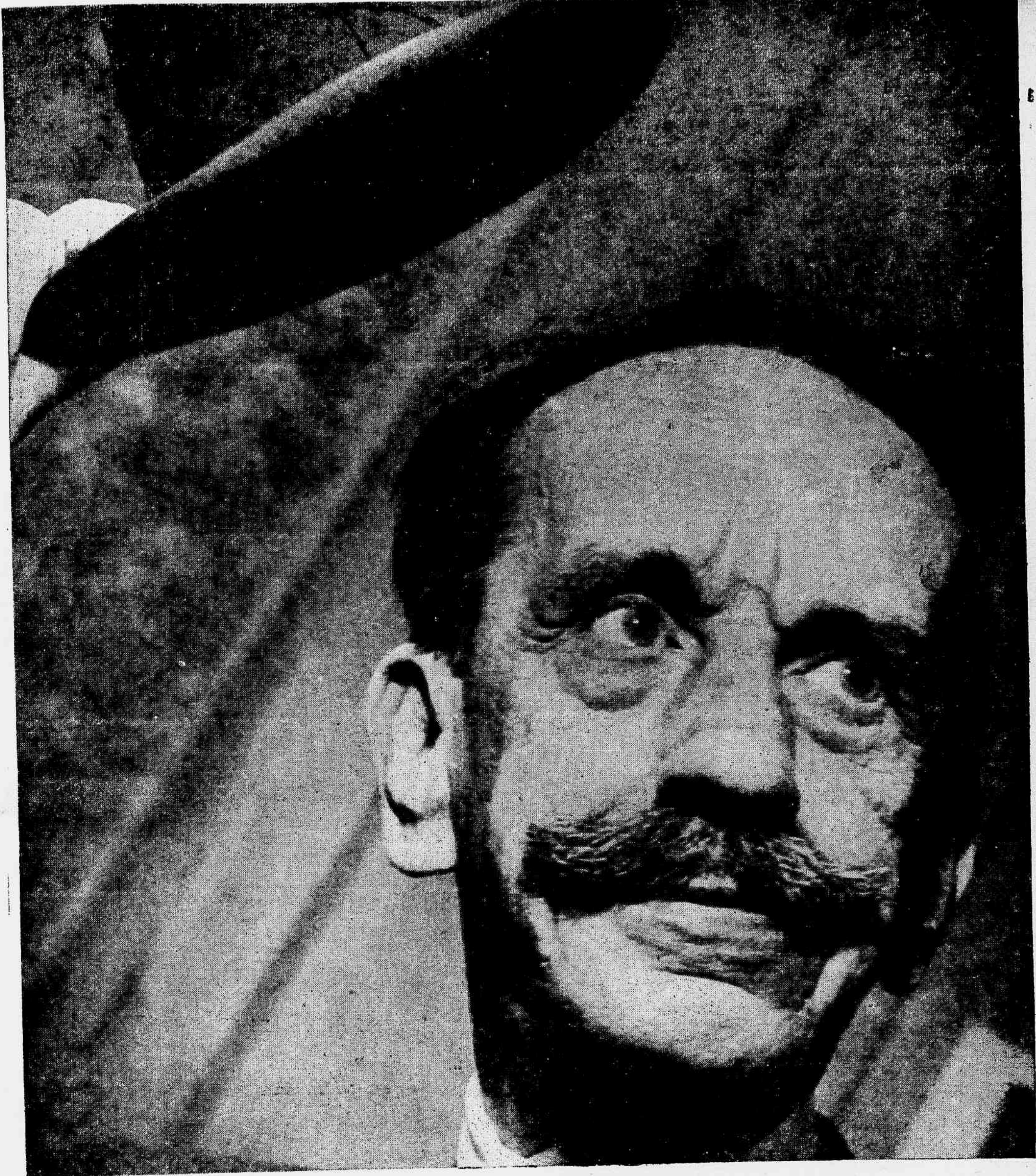
A Semana em Revista	6
Os concursos da REVISTA DA SEMANA	8
Cinema	20
Música	21
A REVISTA DA SEMANA em Hollywood	30/31

FEMININAS

Nos Bastidores Femininos (Lú)	29
A grande competição elegante	32/33
Vestidos brancos	48
Modelos avulsos	50 e 54

CARICATURAS

De Bom Humor	26
--------------------	----



O chapéu que foi oferecido a Raul por uma chapelaria da capital, à guisa de presente de festas. É uma miniatura perfeita de seus chapéus de abas largas, tão característicos como os seus bigodes. Raul cumprimenta os leitores da REVISTA DA SEMANA com uma expressão de se lhe tirar o chapéu.

Fala à REVISTA DA SEMANA o seu mais antigo colaborador — A casa de Raul Pederneiras é um museu de recordações — Uma estátua equestre de Ruy Barbosa e um soneto que não foi lembrado

RAUL PEDERNEIRAS chamou a empregada e pediu três cafés. Era a terceira xícara que tomávamos. E foi entre os constantes e repetidos cafezinhos que prosseguimos a nossa conversa com o caricaturista.

A casa de Raul é um verdadeiro museu de artes e curiosidades. Não há um palmo de parede que não esteja ocupado por desenhos,

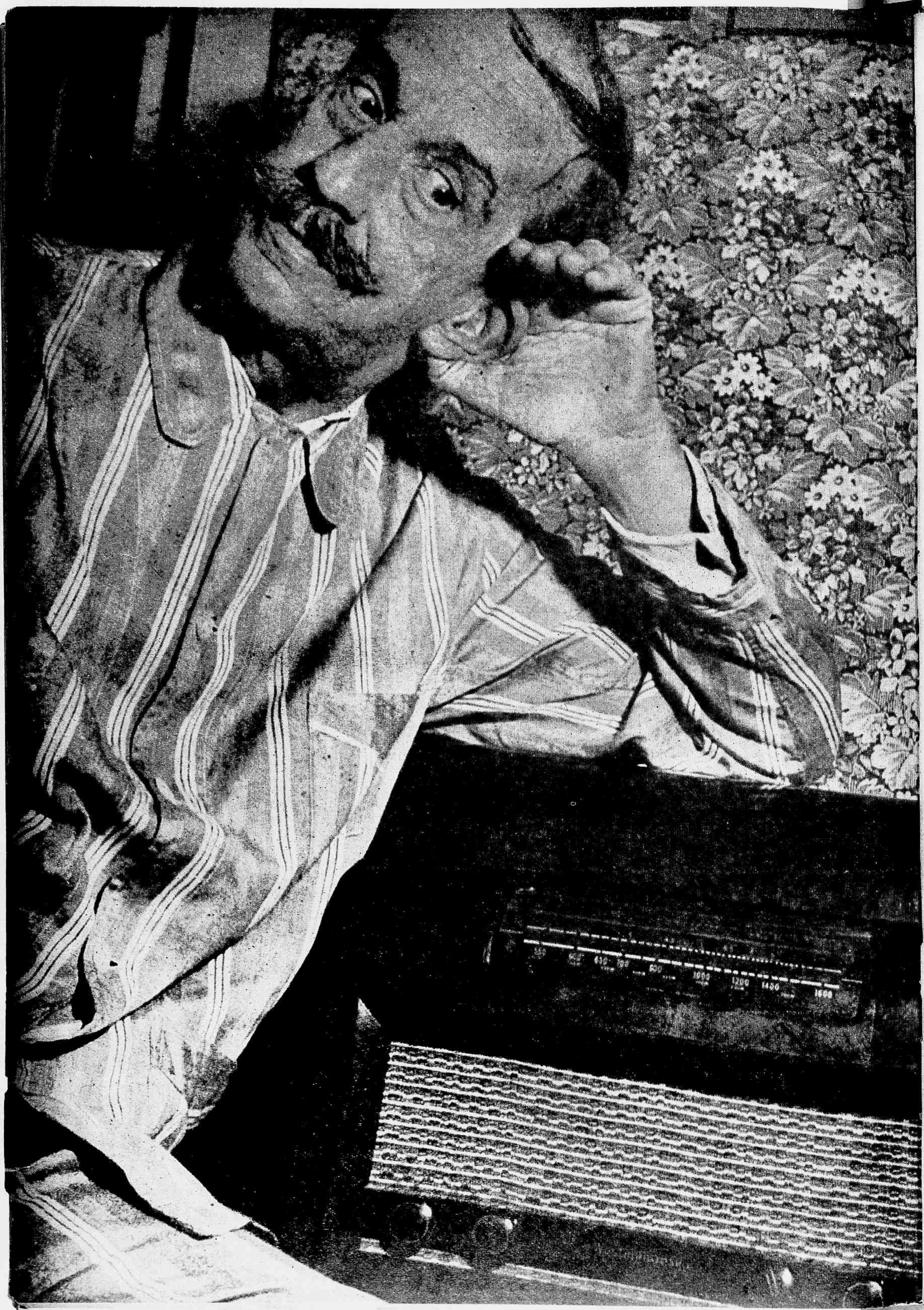
pinturas, baixos relevos. Por cima dos móveis saudosos de madeira escura espalham-se esculturas e "bibelots". Obras suas e obras de amigos. Na sala de visitas, um armário de vidro, cheio de bronzes e porcelanas valiosos. No refeitório, no quarto de dormir novos quadros e novas estatuetas. E, movimentando-se com agilidade entre estes "souvenirs" e estas obras de arte, a figura de Raul, alto, magro, bigodes agressivos e gestos amáveis.

ALBUM DE RECORDAÇÕES

A casa de Raul é, além disto, um album de recordações. Ele recebeu-nos no escritório e foi correndo todos os compartimentos, mostrando-nos, uma por uma, aquelas preciosidades. Cada estatueta era uma página de sua

50 ANOS DE MEMÓRIAS

DE UM DOUTOR NAS HORAS VAGAS





Nesta foto estão reunidos os bacharéis em letras pelo Colégio Pedro II, que se congregaram na festa comemorativa do cinquentenário daquele estabelecimento de educação. Pai e filho se encontram aqui. O dr. Paranhos Pederneiras, genitor de Raul, está ao centro, sentado. No último plano aparece o filho, que entrou de meia cara na fotografia.

história, cada quadro representava um capítulo de sua vida.

Sabemos perfeitamente que não precisamos justificar a nossa entrevista com Raul. A sua vida e a sua obra são de tamanho interesse para todo o público que elas por si só justificariam todo o espaço de um volume biográfico, e não apenas as reduzidas páginas de uma reportagem. Esta, entretanto, não poderia deixar de sair a público, como um tributo de gratidão da REVISTA DA SEMANA ao seu mais antigo colaborador, que comemora hoje cinquenta anos de formatura. E cinquenta anos de vida profissional não deixam de ser outro título de honra para Raul Pederneiras, embora ele tivesse sido, como disse um poeta do tempo de sua mocidade, "doutor nas horas vagas". Formado em 1895 pela Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro, o caricaturista vem desde esse tempo labutando na imprensa, na qual já debutara muito antes de colar grau, escrevendo para um jornal do Colégio Pedro II. E desde o dia em que escreveu a primeira linha e rabiscou o primeiro calunga nunca mais parou.

Raul destaca agora da parede uma das primeiras páginas de seu album de recordações: a reprodução do quadro de formatura, um cartão grande, onde aparecem treze dos quatorze da turma de bacharelados. E o nosso entrevistado nos conta então que o décimo quarto da turma, o sr. Fonseca Hermes, não quisera aparecer na foto por já ter então os cabelos encanecidos. Apesar disto ele compareceu à festa e participou da colação de grau. Passámos adiante e vamos encontrando outras relíquias que falam dos tempos de "Berliques e Berloques", revista onde Raul colaborou juntamente com Calixto e outros grandes humoristas da época. Eles dois e Emilio de Menezes formavam o trio mais famoso dos trocadilhistas daqueles tempos. E não se sabe até hoje se o prestígio que então adquiriram se deve ao calembour, ou se o calembour deve a eles o prestígio que teve no Brasil. Mas o fato é que a alegria das piadas daqueles três homens enchia o país de bom humor. Os tempos então eram outros. Os li-

Aqui está o côco de respeito. Raul não é apenas pintor e caricaturista. E' também escultor e caricaturista. Este Ruy Barbosa montado sobre uma enciclopédia fez grande sucesso quando foi lançado. A fundição onde Raul deixou a forma andeu vendendo por conta própria algumas cópias em bronze. Não se conformando com esta forma de agir, Raul ficou possesso de tal forma que quebrou a fôrma.



Já não é muito boa a audição de Raul. Ouvindo pouco, assim mesmo ele não deixa de escutar o seu rádio diariamente. Aqui está ele, com a mão no ouvido, esperando as últimas notícias da Europa. Sua atenção está voltada para Paris, onde ele esteve algum tempo.

O TIRO FEMININO



E porque não?

A Imprensa é feminina e já tem o seu tiro animado pelo Ministro da Guerra com o Felix Pacheco

O nosso esforço já conseguiu o feminino desporto nacional e com galhardia

Mais um pouco e teremos o tiro da activa e da reserva

Para propaganda temos os discursos fluentes do confrade Isaac Cerquinho

A melhor arma não é o sorriso como disse Arthur Azevedo.

E preciso seguir o exemplo das damas de Moskov vite!

As terras serão girls scouts e

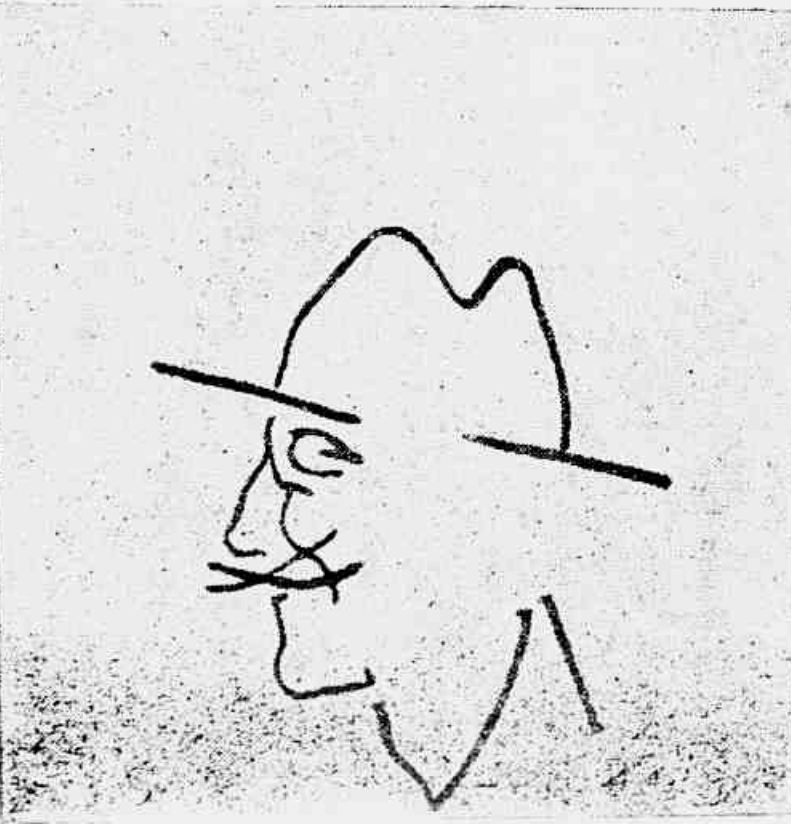
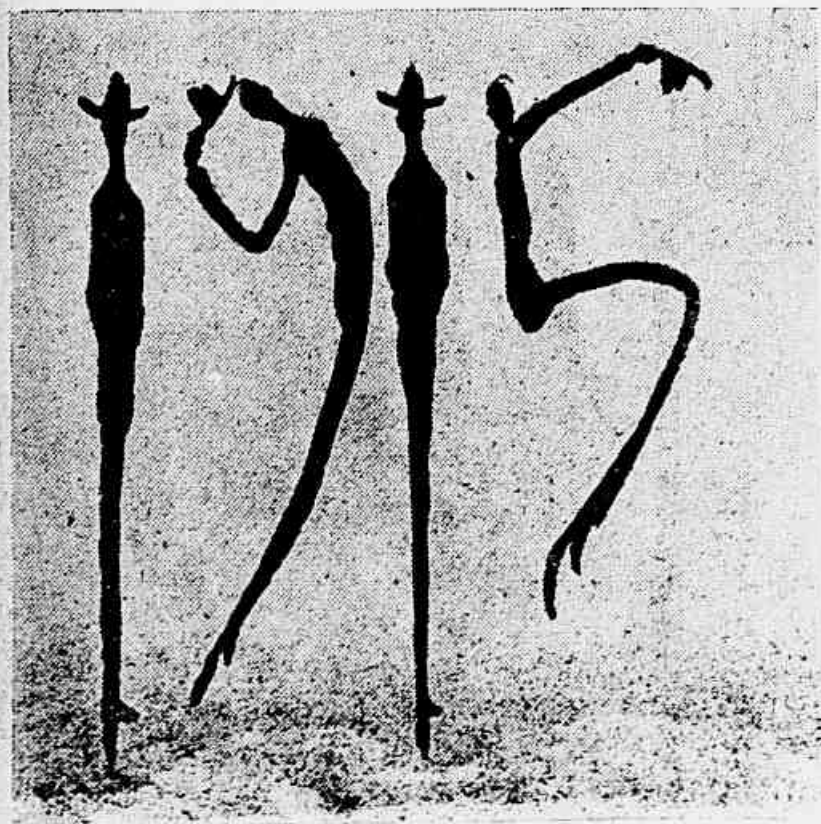
Os faniquitos desaparecerão!

Que se organize a Invencível Phalange! (E se precisarem de um vivandeiro...)

Página da REVISTA DA SEMANA de 29 de setembro de 1917, na qual aparece uma "charge" de Raul satirizando o serviço militar feminino. Apareceu esta página quando as primeiras mulheres tomaram parte nos combates da revolução russa. Raul conseguiu prever o uniforme que usariam em 1945 as "wacs" americanas e as moças inglesas do Corpo Auxiliar Feminino.

Os cartões de festas de Raul já são tradicionais. Os onomatogramas se repetem todos os fins de ano, sempre com uma graça nova e original. Este é de 1915.

Onomatograma de Raul, desenhado num cartão de festas de 1945. Apresenta a auto-caricatura do artista tendo como fundo a representação romana do ano entrante.



teratos boêmios pensavam com vagar e dedicavam tôdas as suas horas ao culto da forma e do trocadilho, pois o pão era fácil e a vida alegre.

Foi nesse ambiente de paz e de compreensão que Raul concluiu o seu curso de direito. Advogou durante algum tempo.

Dos seus tempos de estudante ainda vivem na memória dos contemporâneos anedotas cheias de humor e escritos cheios de esperança. Era arrojado e era espirituoso. Um dia, num exame de história natural, o professor mandou que ele desenhasse um esqueleto no quadro negro. Raul obedeceu. Quando concluiu virou o quadro de cabeça para baixo. E, ante o espanto dos colegas e dos membros da banca, a caricatura do lente apareceu sobre o negrume da pedra, em riscos nítidos de giz branco.

Assim era Raul Pederneiras há mais de cinquenta anos. Um rapazinho imberbe, cheio de esperança na vida, cheio de sorrisos para o futuro. Hoje, apesar dos anos e dos desenganos, ele ainda se conserva o mesmo, sorridente e bem humorado. Chorar, para que? Raul agora tem bigodes longos, a calva já lhe vem chegando, apesar de ainda trazer nos pelos eriçados a brancura da neve. O seu cabelo, como o seu espírito, teima em permanecer jovem, lutando contra os anos ingratos, zombando das folhinhas que envelhecem na parede do tempo. Os bigodes de Raul são os mesmos dos tempos da fundação da REVISTA DA SEMANA. E ele, que colabora neste semanário desde o dia de seu nascimento, ainda é hoje o mesmo Raul de então, jovem esperançoso e cheio de idealismo. Os seus calungas ainda falam agora, pela expressão muda das carantonhas de lápis preto, a mesma linguagem bondosa e irônica de 1900.

Através dos "souvenirs" de Raul, muitos anos desfilam em nossa memória.

Com a entrada do século a vida tomou outro rumo. O aparecimento das grandes organizações industriais, a luta de capital contra capital, a assimilação das fábricas pelos bancos causaram uma revolução integral em todo o mundo. Já não podia haver mais aquela despreocupação dos dias de 1890. E a caricatura se transformou.

Raul começou a fazer "charge" política. A sua graça era a mesma, o seu gênero não se modificou. Mas os seus calungas começaram a ficar valentes. O que torna Raul mais simpático, ao revermos as suas velhas "charges", é o fato de nunca encontrarmos o seu lápis ou a sua pena de humorista a serviço de uma causa injusta. Nunca os seus bonecos, por menores que fossem, apareceram beijando os pés de um tirano. Nunca os seus sonetos louvaram um Cesar, nunca a sua musa se abraçou a um Crespo. O mundo estava modificado; para se viver do dia primeiro de janeiro de 1900 em diante era preciso pedir licença aos donos da vida. Raul não pediu. Os seus calungas continuaram a falar o que queriam. E até hoje falam o que querem, onde bem entendem.

O POSTE DE PARADA

Raul agora caminha do quarto de dormir para a sala de jantar, afim de mostrar-nos outra relíquia de seu museu de recordações. Vendo-o assim, alto e magro, caminhando entre os pedaços de bronze que marcam os dias de sua longa vida de trabalho, não pudemos lembrar-nos de um soneto que alguém lhe fez e que vimos não sabemos mais onde. Lembramo-nos apenas que o soneto acabava dizendo que, caminhando de roupa branca, com seus passos largos, Raul não era nem mais nem menos que "um poste de parada em disparada".

Mas agora o poste está parado. Fala de sua primeira exposição de pinturas realizada há muitos anos. Ainda se encontram em sua casa muitos trabalhos daquele tempo. E,

olhando-os, vamos encontrando em todos o traço característico do humor de Raul. Tudo é engraçado, tudo é alegre, tudo é risonho. Mas tudo é real. Às vezes, por trás de um palhaço que dança sobre a tela numa coreografia cromática de óleo esconde-se, mascarada por uma ironia fina, uma realidade dolorosa.

Mas Raul foi sempre o mesmo. Combateu sempre, esteve sempre ao lado das boas causas. Usou sempre a sua pena de jornalista e o seu lápis de caricaturista como armas de guerra. Mas a sua baioneta era sempre a ironia; os seus trocadilhos muitas vezes tinham a força destruidora de granadas de mão.

Raul faz meia volta e retorna ao quarto de dormir. Seguimo-lo. E, enquanto ele anda, voltamos a lembrar-nos do soneto. Mas não conseguimos recordá-lo inteiro. Que diabo! Como era mesmo o tal soneto? É um buraco este negócio da gente querer lembrar-se de uma coisa e não conseguir.

Bem. Desistamos do soneto e passemos adiante.

DOUTOR NAS HORAS VAGAS

Aqui é a sala de jantar. Sobre a "étagère" um cachorrinho, esculpido em bronze por um artista francês, lembra a mascote que aparece em todos os desenhos do dono da casa. Por cima dos móveis outros "bibelots", retratos, caricaturas.

Mas como era mesmo o raio do soneto? Era... era...

Não adianta, vamos em frente. Raul nos mostra agora um pequeno bronze que reproduz Ruy Barbosa, numa estatueta equestre, cavalcando uma vasta enciclopédia.

Raul nos conta a história daquele trabalho: foi feito por ele, ao tempo em que andava a ferver a campanha civilista. Mandada a fôrma a uma fundição, vieram ter à sua casa as duas cópias em bronze encomendadas por ele. Passados alguns anos, em visita a vários

amigos, o autor da escultura vai encontrá-la em suas residências, copiadas em bronze. Vendo tratar-se de uma apropriação indébita dos proprietários da fundição, Raul foi até lá, pediu-lhes a matriz em devolução. Chegando em casa, ainda com a cabeça a ferver, ficou "queimado" de tal forma que quebrou a fôrma. Mas ficou o bronze sobre a prateleira, como mais uma lembrança de sua brilhante carreira artística.

Raul está curvado sobre a estatueta. Quando se ergue, lembra-nos novamente o "poste de parada" e o soneto nos tortura a imaginação. Como era mesmo que começava a primeira quadra? Ah! agora sim! Parece que a coisa sai:

"Este é o Raul, doutor nas horas vagas,
Bacharel em direito e Pederneiras"...

Outra vez o fio da meada nos escapa das mãos. Em todo caso, estes dois versos servem bem para simbolizar a carreira de Raul. Na verdade, apesar de seus vastos conhecimentos jurídicos, apesar de seu brilhante curso superior, ele não pôde nunca deixar de ser um "doutor nas horas vagas".

E' verdade que ocupou os cargos que a administração faz sob medida para os bacharéis em direito. O pôsto de delegado foi um deles. Mas Raul não era homem para fazer carreira de funcionário público. O seu livro de ponto havia de ser sempre o papel-cartão; os protocolos de seu serviço tinham que ser fatalmente os lápis e os pincéis. Desde que se lançara no jornalismo tomara gosto pela profissão. Desde que fizera o primeiro trabalho gráfico "viciara-se" em pintura e desenho. A Escola de Belas Artes era o seu destino; a redação dos periódicos era a sua casa. E ele não pôde fugir à sina determinista que o acaso lhe traçara. Um dia encontrou-se à frente dos alunos da Escola de Belas Artes, dando aulas de Anatomia Artística. Gostou e ficou. O seu diploma de bacharel ia ficando



Um "close-up" de Raul tomado pela objetiva de Arnaldo Vieira nos mostra uma expressão do caricaturista, sugestiva e fiel. Os bigodes e os cabelos negros revoltam-se contra os anos, como a inteligência de seu dono.

esquecido no fundo duma gaveta. O seu tempo era todo tomado pelo jornalismo e pela escola.

NA LINHA TORTUOSA DO DIREITO

Um dia, porém, o diploma teve que ser espanado e apresentado na Escola de Direito da Universidade do Brasil, pois Raul havia sido nomeado, por concurso, para a cadeira de "Direito Internacional".

Há muito tempo, Calixto era gordo, embora hoje seja custoso se acreditar em tal coisa. Raul porém sempre foi magro, e alguém o comparou mesmo a "um poste de parada em disparada". Aqui estão os dois, procurando-se fazer mais feios para um fotógrafo amador. Raul abandonou os colarinhos duros e os punhos postiços. Calixto entretanto continua até hoje fiel ao fraque e aos colarinhos de dez andares.



Aproveitamos quando ele tocou neste ponto para perguntar-lhe:

— E quanto tempo lecionou ali?

— Vinte e um anos ininterruptamente. A princípio julguei que não seria compatível com a minha pessoa a cadeira de "Direito Internacional".

— Achava-a com certeza algo de muito longe da "blague".

— Isto mesmo. Mas os anos correram. Aquela honestidade dos velhos tempos ia desaparecendo da face. Chegaram as coisas a tal ponto que eu fui obrigado a reconhecer que não havia maior "blague" que o "Direito Internacional".

— E agora, ainda ensina?

— Não. Pela lei fui obrigado a optar pelo cargo de professor de Direito Internacional. Mas hoje estou aposentado.

Terminando a explicação, Raul passa à sala de visitas. Outra vez o "poste em disparada". Mas como era mesmo o soneto? Ora, ora. Vamos perguntar-lhe.

Mas quando iam lançar a pergunta Raul tira de um armário de vidro um pequeno disco de bronze, em cujo centro aparece um relêvo curvilíneo que apresenta vários corpos de cone superpostos. E o caricaturista, explicando que aquilo era presente de um velho amigo, pede-nos para descobrir naquilo a cabeça de Napoleão Bonaparte.

Viramos o medalhão de cabeça para baixo, olhamo-lo sob todo os ângulos possíveis, e nada.

Então, com um sorriso vitorioso, o desenhista nos mostra o bronze contra a luz, pondo os cones em ângulo com o círculo. Aparece então nitidamente, cortado contra a claridade do dia, o perfil do pequeno corso, com chapéu armado e fazendo ressaltar o seu nariz aquilino.

"EU QUERIA APITAR"

Arnaldo Vieira mostrou-se encantado com o Napoleão. Falou durante quinze minutos

Raul estilizado. Com um guarda-chuva e um chapéu preto de abas largas. Principalmente se pertencem a ele mesmo os dois apetrechos. Ai está um retrato sintético do caricaturista, feito em três dimensões com as peças mais características de seus traços. Em matéria de indumentária o nosso antigo colaborador é inteiramente tradicional.

sobre ele, revirou nas mãos o disco de bronze, olhou-o repetidamente contra a luz. E terminou por perguntar a Raul por é que ele não fazia alguma coisa no gênero aproveitando figuras de políticos ou grandes militares contemporâneos.

Então o nosso entrevistado, depois de pedir à empregada mais um café para três, contou-nos uma passagem interessante de sua vida:

— Quando foi da proibição de acumulações de cargos públicos, vi-me envolvido entre os prejudicados, pois que, como já disse, ocupava a cadeira de Direito Internacional e a de "Anatomia Artística", respectivamente na Escola de Direito e na Escola de Belas Artes. Assim, sendo obrigado a declarar em qual das duas devia permanecer, decidi-me pela primeira. Mas, saudoso da Escola de

O olhar de Raul revela que ele está pensando em alguma coisa de muito grave. O cigarro ficou esquecido entre os dedos, e ele parece distante até mesmo dos livros da estante e de seus velhos e queridos "bibelots". Quem o vê assim, de bigodeira agressiva e olhar fuzilante, há de supor um velho caudilho de muitas mortes nas costas. No entanto as suas caricaturas feriam mas não matavam.





Raul desenha em seu atelier, com um lápis monumental que lhe foi ofertado por uma casa fornecedora de materiais de escritório. Em primeiro plano aparece a sua indefectível mascote, o cachorrinho, representado aqui por um fox-terrier de bronze, presente de um amigo que deixou na Europa.

Belas Artes, resolvi pedir ao sr. Getulio Vargas que me concedesse o direito de continuar a ensinar anatomia artística naquele estabelecimento, sem receber qualquer vencimento. Era difícil a obtenção de tal favor, eu sabia. Por isto mesmo resolvi fazer acompanhar o meu pedido de um presente para ele. E o presente foi um medalhão que, olhado contra a luz, fazia ver o seu perfil. Dizia eu na petição que ali ia o gesso. A cópia em bronze seria enviada quando saísse o despacho favorável. Veiu o despacho: "Que eu optasse". Ora, como eu queria apitar e não optar, não mandei o bronze ao Getulio.

Com esta Raul engole o café e levanta a cabeça. Não há dúvida: é um poste de parada. Lançamos-lhe então a pergunta:

— O senhor não se lembra de um soneto feito há muito tempo, um perfil seu, escrito por um contemporâneo?

Raul não ouve bem. Por isto responde:

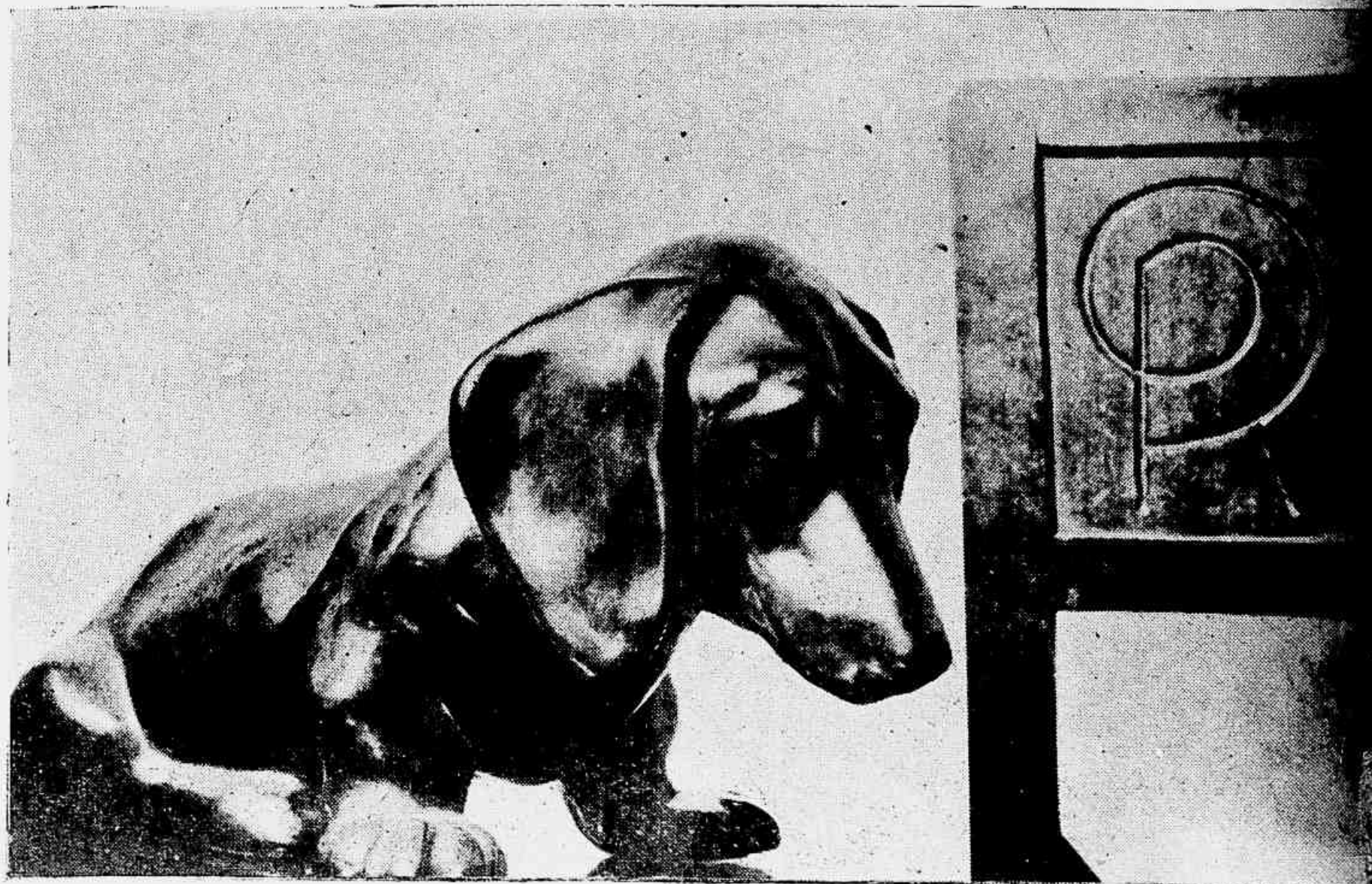
— Sonetos? Ah! Sim! Tenho alguns. Sonetos humorísticos, sem pieguismo e sem pretensões.

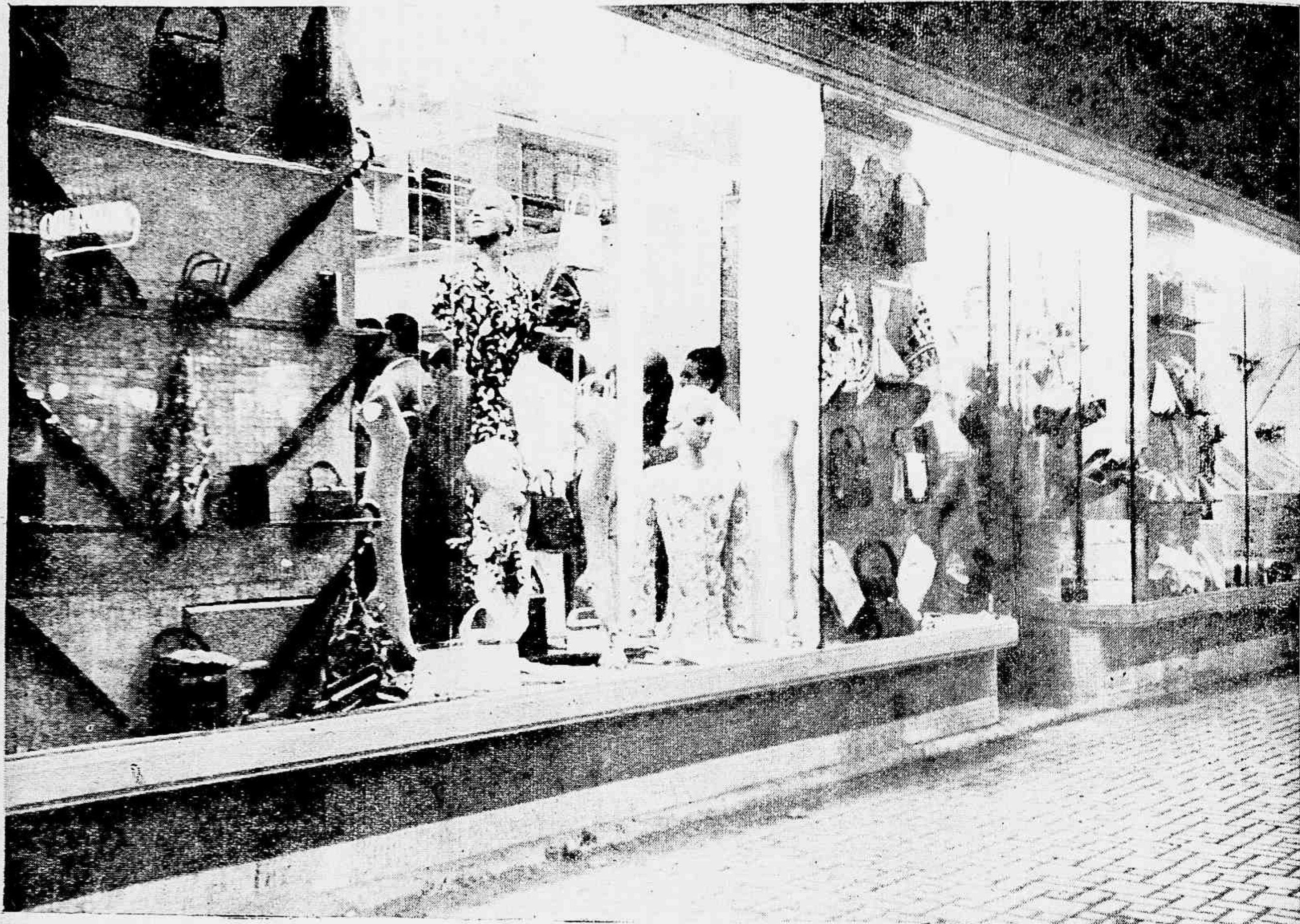
E grita para a empregada:

— Maria, traga-me dois exemplares da "Musa Travessa". Um para o Vieira e outro aqui para o calouro.

E foi assim que saímos da casa de Raul, sem nos lembrarmos do raio do soneto.

Os braços honorários de Raul são o "R" inicial de sua assinatura e o célebre cachorrinho. Aqui estão eles. A letra aparece gravada no encosto de uma cadeira de sua sala de jantar. Sobre a mesa, um "basset" de porcelana, que muitas vezes apareceu aos pés de seus calungas.



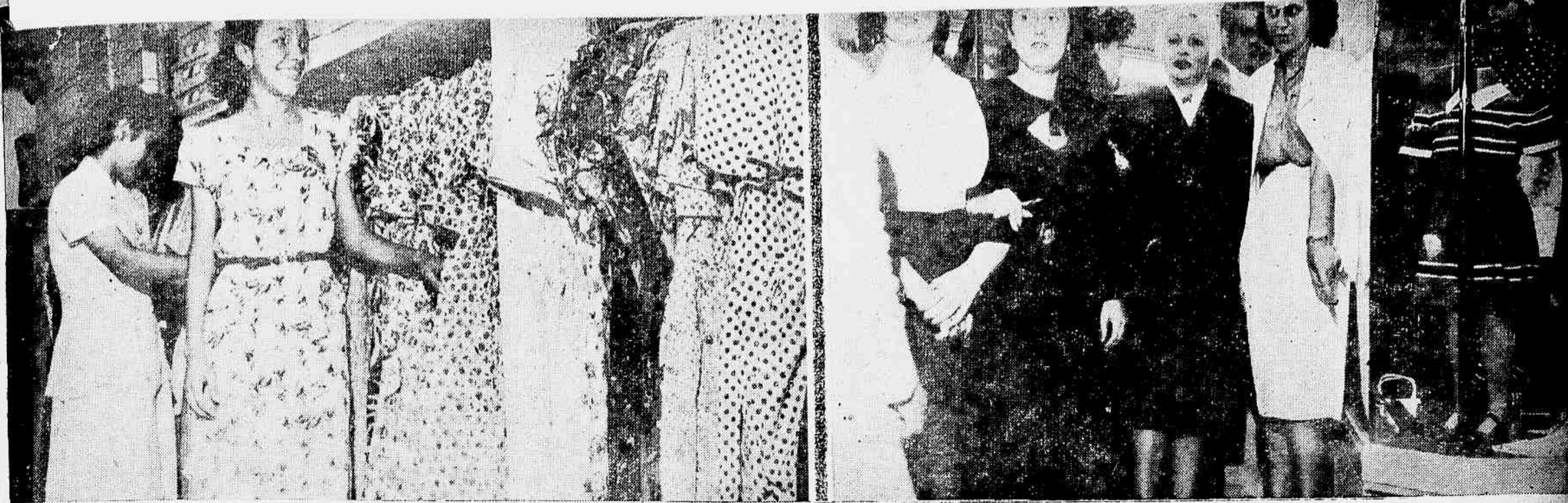


UM "MAGASIN" PARA OS FUNCIONARIOS DA CENTRAL DO BRASIL

O Serviço de Subsistência Reembolsável da Estrada de Ferro Central do Brasil, prosseguindo no seu programa de realizações na nossa principal via férrea em favor dos funcionários da Estrada, contando já nesta Capital e noutras cidades servidas pela Central com vários armazens de gêneros alimentícios, restaurantes populares, farmácias, gabinetes dentários, hotéis de férias, etc., vem de inaugurar, no sub-solo da estação D. Pedro II, um importante "magasin" com secções de roupas para crianças e adultos, roupas brancas, peças para cama e mesa, capas, guarda-chuvas, meias, lenços e tudo, enfim, que se relaciona com o gênero. A cerimônia, que teve lugar no dia 19 à tarde, contou com a presença do vice-diretor da Estrada, sr. Jair de Oliveira, que a presidiu, e de numerosos

funcionários, tendo usado da palavra, então, o nosso ilustre confrade sr. Astolpho Serra, diretor do referido Serviço, que, em brilhante e muito aplaudida oração, se congratulou com a alta administração da Estrada pela concretização do novo melhoramento que virá, decerto, preencher uma lacuna no S. S. R., facilitando aos ferroviários a aquisição dos produtos ali expostos, mediante pagamentos módicos e em dez prestações mensais. As fotografias que ilustram esta página mostram: em cima, um sugestivo aspecto das vitrines que ornamentam o "magasin"; em baixo, um flagrante da assistência ao ato inaugural no momento em que falava o sr. Astolpho Serra.





À esquerda — Funcionárias da Central do Brasil apreciando os vestidos expostos. À direita — Grupo, feito à porta do "magasin" recém-inaugurado, de senhoras presentes à solenidade.



Aspecto do ato inaugural, tirado no interior do novo estabelecimento. Em baixo, à esquerda — O sr. Jair de Oliveira, vice-diretor da Estrada, acompanhado do sr. Astolpho Serra, chefe do Serviço de Subsistência Reembolsável, examinando uma peça de fazenda exposta à venda no novo "magasin". À direita — Um funcionário da Central sendo atendido logo após a inauguração.





QUANDO MOJICA ERA "ASTRO" CINEMATOGRAFICO — Este foi um dos últimos filmes posados pelo artista que renunciou a todos os lauréis da celebridade artística para converter-se em um piedoso sacerdote. O filme, feito no México, denominava-se "A canção do milagre". Já então o intérprete cogitava de seus propósitos religiosos. Foi o desenlace da senhora Mojica, poucos meses depois, que o levou a essa irrevogável decisão.

UM MONGE BRASILEIRO VISITA FREI JOSÉ MOJICA

Várias vezes o telégrafo tem anunciado que o antigo "astro" cinematográfico mexicano José Mojica renunciaria aos seus propósitos de seguir a carreira religiosa, desde quando cessou suas atividades profanas, disposto talvez a voltar às mesmas. Teríamos assim, novamente, filmes do antigo intérprete de "Entre a Cruz e a Espada". Agora, porém,

um desmentido formal vem de ser feito a essas insinuações, com a entrevista que um piedoso monge brasileiro, Dom Paulo Pantaleão, vem de empreender à cidade peruana de Cuzco, onde privou demoradamente com Frei José Francisco Guadalupe Mojica. Damos abaixo um detalhado trecho da carta escrita pelo monge patricio, no Peru, destina-

da a seu pai, residente aqui no Rio, e pela qual se compreende que os propósitos de Frei José Mojica estão cada dia mais enraizados no seu espírito católico, mantendo-se fiel à nova diretriz traçada por ocasião da morte da autora de seus dias. Já quando, há alguns anos, Mojica visitou o Brasil, teve ocasião de manifestar aos reporters e pessoas amigas essa intenção. Acreditava-se então que tudo não passasse de simples tendência mística, a qual não viria a concretizar-se. Que se enganavam os que assim pensavam não-lo mostra o conteúdo desta interessante missiva, de cujas palavras se traduz a satisfação interior do ex-artista e cantor lírico.

São estes os fragmentos da carta de Dom Paulo Pantaleão a seu pai:

Já de viagem para os Estados Unidos, depois de ter percorrido o sul do Brasil, atravessando os infindáveis pampas uruguaios e argentinos com seus imensos rebanhos, conhecendo as belas capitais Montevideu e Buenos Aires, alcancei a majestosa Cordilheira dos Andes coberta de neve e povoada de águias e belos condores. De Santiago do Chile subi o grande deserto Atacama, com suas salitreiras, encontrando nos pastos pobres da Bolívia grandes rebanhos de alpacas, lhamas, guanacos e vicuñas. Atravessei então de navio o lago Titicaca, com

sua água verde, onde, em barcos de palha, navegam os índios e esvoaçam centenas de patos selvagens e pernaltas rosados. Em Cuzco fui recebido com grande carinho, na porta do Convento Recoleta, pelos bons frades franciscanos, e em seguida saudado na sala guardiã, onde beberam à minha saúde.

A hora da ceia o Guardiã fez uma alocução e dispensou o silêncio em minha homenagem. Entre os clérigos havia um que não me era desconhecido, Frei José Francisco Guadalupe Mojica. Domingo fizeram-me cantar, no Convento, Missa Solene à maneira de Primeira Missa, com Te-Deum e beija-mão. Armaram sob a bandeira peruana um trono, ao lado do altar, onde me fizeram assentar vestido de capa de asperges, colocando sob meus pés uma grande almofada. Qual não foi minha surpresa ao ver-me rodeado de Mojica e seus companheiros, que, cantando o Te-Deum, me cobriam de pétalas de rosa, e enquanto uns derramavam perfume, os outros, ajoelhados e comovidos, beijavam-me as mãos, em primeiro lugar os padres e irmãos, depois o povo!

Ao sair da igreja, pelo caminho todos me lançavam flôres. Durante a missa, Frei Mojica cantou admiravelmente!

A tarde ofereceram-me um pas-

(Continua na pág. 52)



A GRAMÁTICA E A RESISTÊNCIA

Conto de **VALERIO HOFILI**
CLASSIFICADO NO CONCURSO
DA "REVISTA DA SEMANA"
Ilustração de **ARMANDO MOURA**

Alguns anos atrás, recém-formado, fui designado para auxiliar da construção de estradas no Rio Grande do Sul.

Cheio de idealismo e boas intenções, parti confiante num futuro próspero e risonho. Meses depois aconteceu o que é clássico e comum em serviços dessa natureza: os pagamentos começaram a atrasar, até que o governo suspendeu definitivamente o serviço.

Regressei a Pôrto Alegre, sendo credor do

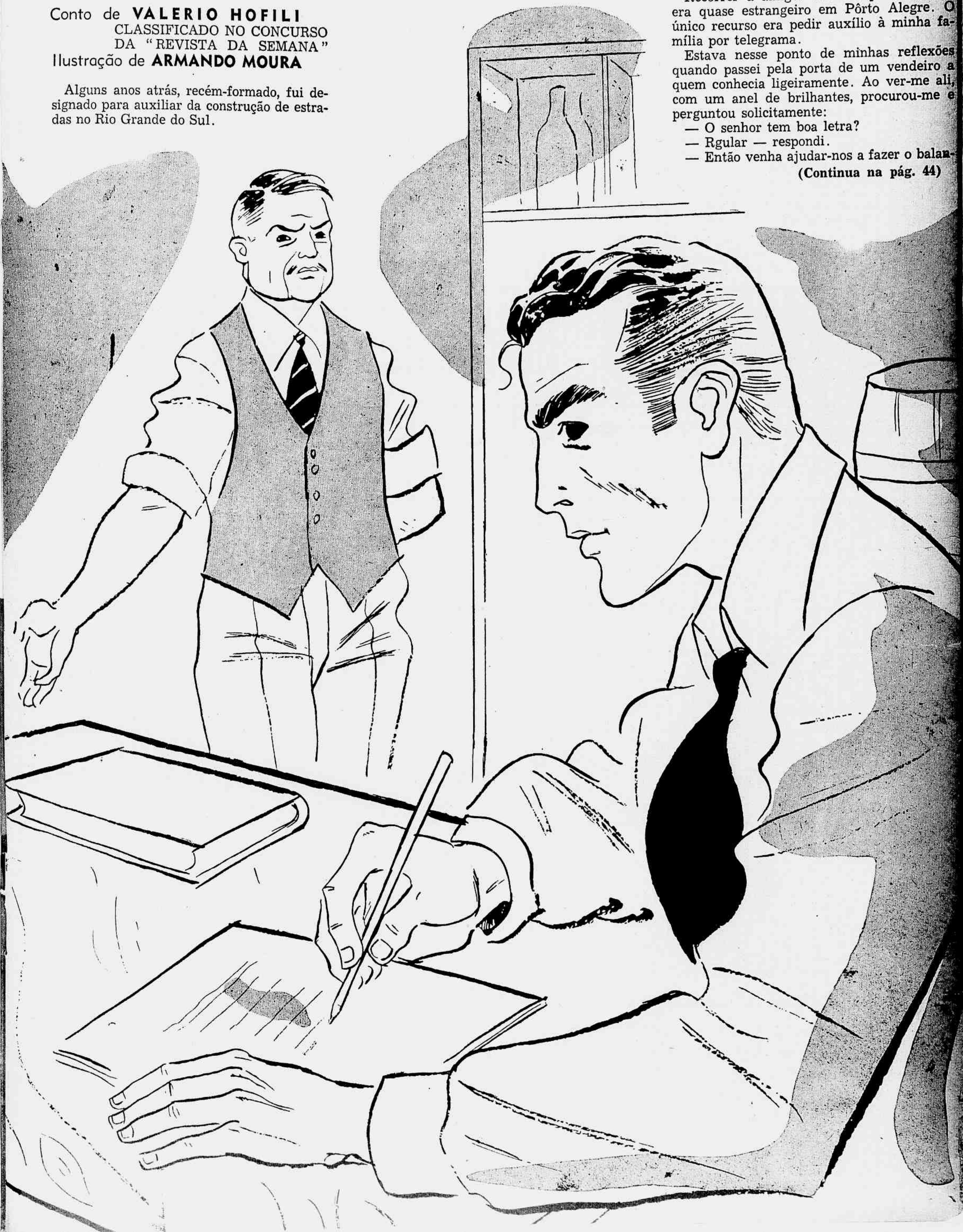
Ministério de alguns milhares de cruzeiros, tendo um bonito anel no dedo mas sem dinheiro para retornar à minha terra natal. E as coisas chegaram a tal ponto que, pagas as últimas contas de pensão, o dinheiro restante não era suficiente para a viagem de Pôrto Alegre ao Rio.

Recorrer a amigos não era possível, pois era quase estrangeiro em Pôrto Alegre. O único recurso era pedir auxílio à minha família por telegrama.

Estava nesse ponto de minhas reflexões quando passei pela porta de um vendeiro a quem conhecia ligeiramente. Ao ver-me ali, com um anel de brilhantes, procurou-me e perguntou solitamente:

- O senhor tem boa letra?
- Regular — respondi.
- Então venha ajudar-nos a fazer o balan-

(Continua na pág. 44)



M U S I C A

H. J. KOLLREUTHER

A vida não é mais um manso lago azul, como quer o soneto famoso. O pior, porém, é que ainda existe quem exija do artista que ele retrate, em águas calmas, uma visão de tranquilidade, quase bemaventurança. O nosso mundo é um mundo torturado. A nossa música, a música do nosso tempo, não pode ser serena e plácida. Tornam-se cada vez mais raros os momentos de treguas entre duas batalhas. Os nossos nervos não têm descanso.

Essa incompreensão dos compositores mais jovens não parte do povo. Provém daqueles que se aninharam em confortáveis idéias sobre arte, música, "melodia", e dormem dentro delas como que instalados em poltronas. As poltronas, hoje em dia, estão se tornando cada vez menores e menos confortáveis. E é impossível conciliar o sono, porque o ruído da luta se junta à baibúrdia das lamentações.

A música moderna exprime esse novo mundo. E' um erro acreditar que pode haver música desligada do tempo e do lugar. Seremos forçosamente influenciados pelo meio — a sociedade em que vivemos, assim como o país, a terra. E é inútil tentar escapar. Aquêles que hoje se isolam em gigantescas torres de marfim mal percebem que estão se revelando...

Reunidos em torno de um mestre admirável, um grupo de jovens compositores brasileiros está dando os primeiros passos a caminho de uma arte viva. H. J. Kollreuther, que veio da Europa e teve a coragem de arrostar preconceitos e ser indiferente a intrigas, atraiu logo, para junto de si, os talentos musicais mais robustos da nova geração de brasileiros do Rio e de S. Paulo. Este professor, hoje ligado ao Brasil por laços estreitíssimos, está construindo uma obra de orientação e amparo dos nossos músicos, à margem do nosso fervilhante meio musical. Aquêles que ainda não têm segurança suficiente para andar sozinhos, ele deixa que se apoiem na solidez da sua cultura, e aos outros que já ensaiam os primeiros passos — alguns bem adiantados — na direção da realização completa de suas personalidades, Kollreuther auxilia com inva-

riável discernimento, fazendo-se o crítico mais severo e, portanto, mais amigo.

Em reunião na residência do mestre, tive a oportunidade de ouvir obras de alguns dos discípulos que se colocam em diversos estágios — alguns mais afastados, outros mais próximos — da maturidade. Nenhum deles decepcionou. Talvez nem todos revelassem ainda uma personalidade definida e uma expressão própria forjada pelo próprio esforço — todos, entretanto, estão no caminho para isso.

Não é preciso apresentar, aqui, Claudio Santoro e Guerra Peixe. Esses dois e o próprio mestre naturalmente haveriam de se destacar mais no programa organizado. Entretanto, cabe observar que todas as obras apresentadas eram dignas de interesse, e merecem uma crítica minuciosa que o professor, melhor do que ninguém, poderá fazer. Quanto a Guerra Peixe, já tem evoluído muito desde 1944. A sua Música para Violino e Piano permanece, todavia, como uma boa amostra. De Claudio Santoro foi executada uma admirável sonata a três, para flauta, viola e violoncelo. Falta mencionar os Noturnos de Oneyda Alvarenga, que o próprio Kollreuther transformou em canções belíssimas, captando a sensibilidade muito feminina dos versos perfeitamente expressada pela voz, enquanto o acompanhamento completa o quadro, situando-a numa atmosfera sugestiva, adequada.

Roberto Lyra Filho

BAILADOS CLASSICOS NO MUNICIPAL

Pierre Michailowsky — Vera Grabinska

O Verbo, ao criar o Universo, encheu-o de ritmo que se apresenta ao homem nas suas manifestações mais vivas: a dança e o canto. Dançam as flores, em moles arabescas, ao contacto do sol ou da aragem

(Continua na pág. 55)

O soprano Adjaldina Fontenelle, cujo recital, promovido pelo Serviço de Recreação Popular, teve merecido sucesso.

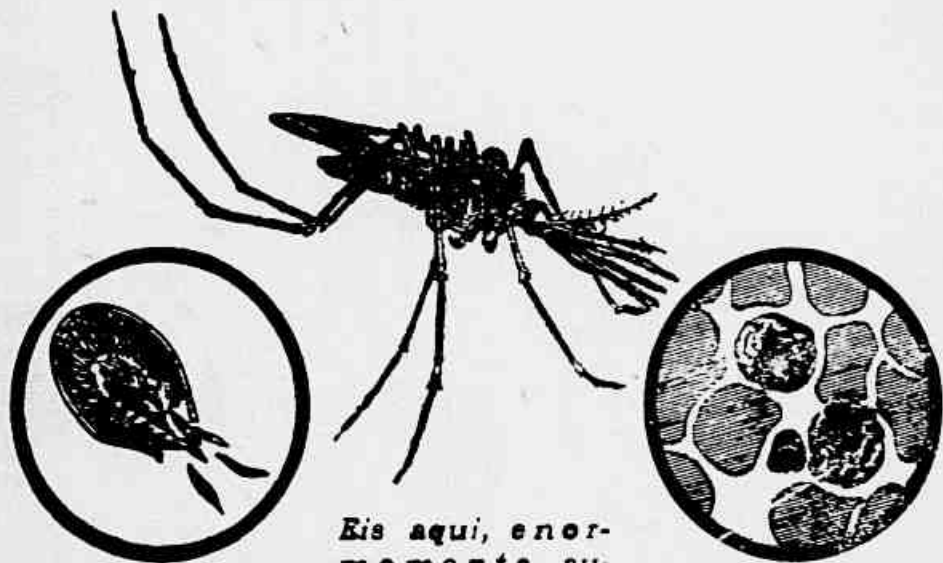


O IMPALUDISMO

e os mosquitos

O impaludismo, paludismo, malária ou seções é um mal endêmico em certas zonas do Brasil, produzido pela fêmea do mosquito Anófeles ao inocular o germe mediante uma picada. Esta enfermidade apresenta diversos tipos que variam desde o momento em que o germe aparece no sangue, produzindo calafrios, febre e mal-estar característicos. Se isto acontece de 3 em 3 dias, a doença chama-se terçã; se de 4 em 4, quartã, etc. O impaludismo deixa marcas em diversos órgãos e termina por minar a saúde geral.

Destruir os mosquitos que penetram nos lares é uma forma efetiva de evitar a propagação de perigosas doenças. SHELLTOX, inseticida científico, é um dos fatores mais positivos no extermínio de mosquitos, mûecas, e outros insetos daninhos.



Estes micro-organismos, causadores da malária, encontram-se no corpo do Anófeles que os injeta no homem ao picá-lo

Eis aqui, enormemente aumentado, o mosquito chamado Anófeles, capaz de por em perigo a vida de um homem. O mosquito Anófeles é o temível agente transmissor do germe do impaludismo, paludismo, malária ou "seções".

O germe da malária de tipo quartã, numa etapa avançada de seu desenvolvimento dentro do sangue humano.



SHELLTOX

Não tente os insetos: MATA-OS!

ANGLO MEXICAN PETROLEUM CO. LTD.
PRODUTOS DE PETRÓLEO



C I N E M A

"A DAMA DESCONHECIDA"

Um filme estrelado por Deanna Durbin e exibido em algumas salas de Natal vale por um presente de Boas Festas, e um presente que o público recebe sempre com um sorriso amável. Um sorriso amável e uma boa predisposição para adquirir os ingressos à razão de seis a oito cruzeiros por poltrona, fora o imposto. Deanna Durbin em páginas ilustradas de revistas, mesmo nas capas ou no cartaz de um cinema lançador, é dinheiro em caixa. As edições da revista serão esgotadas mais rapidamente, e as lotações do cinema onde o filme for exibido também.

Isso não quer dizer que a "estrêla" da Universal esteja melhorando sua classe de intérprete. Ela passou de menina-e-môça a mulher feita, contraiu matrimônio, conheceu as delícias do divórcio, de uma segunda visita ao Pretor, aderiu aos papéis vampírescos e passou a cantar menos. Nos filmes bem entendido.

Seus "fans" continuaram adeptos de miss Durbin. E porque as receitas de exibição continuaram altas, nos Estados Unidos, no

Brasil e em outros mercados, é claro que os produtores acabaram se descuidando dos enredos. E passamos a assistir histórias desinteressantes, rotineiras, transbordantes de lugares-comuns, apenas dando margem à "estrêla" para realçar seus predicados de beleza, executar uma ou duas melodias bonitas — e mais nada. Foi o que agora se repetiu com "A Dama Desconhecida", o presente de Natal do corrente ano. Assunto por demais convencional, com pretensões a romance policial e um pequeno, muito leve, fio amoroso, êle de muito pouco estaria valendo sem o concurso de Deanna Durbin. A título de originalidade, vamos vê-la, agora, com os cabelos louros, e ao público cabe dizer a última palavra sobre se essa modificação no seu semblante a fez menos ou mais bela. Para nós a resposta será ainda pela negativa. Deanna Durbin de cabelos pretos será ainda preferível, muito preferível...

A participação de Ralph Bellamy nesse "cast" é moderada. Em

Continua na página 00

DEANNA DURBIN e DAVID BRUCE, protagonistas de "A Dama Desconhecida"



Moças e senhoras "ohies"



A "Depilina Sarah" destrói os cabelos supérfluos em qualquer parte do corpo que se deseje. Maravilhoso invento norte-americano de fácil aplicação. Faça seu pedido a F. S. NEVES — Caixa Postal 2898 — Rio de Janeiro. Cr\$ 20,00 em valor declarado ou pelo Serviço de Remessa, Drogarias e Farmácias do Brasil.



VINHO DA MADEIRA

H.M. BORGES, SUCCES LIDA
Estabelecido desde 1871 — Vinho da Madeira

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante



EXAMES DE SANGUE
Laboratório

Curvello de
Oliveira

S. José, 85 — S. 405
Telefone 22-2717

Quem gosta de lavar panelas?



Lavar pratos e panelas... Haverá tarefa mais ingrata para a dona de casa? Entretanto, também na pia, trabalha contente e depressa quem trabalha com Minerva. Também na pia o Sabão Minerva demonstra o seu valor, eliminando a gordura, removendo a fuligem e deixando as louças e panelas, num instante, tão claras e limpinhas, que dá gosto vê-las! No tanque ou na pia, exija o sabão que o Brasil prefere... exija Minerva! Verifique no carimbo o retrato de Dona Minervina, a Lavadeira Feliz!



DONA MINERVINA
A FIRMAR!

Como lavar?

Minerva lava três dúzias de roupa, enquanto outros lavam apenas duas!

Elimina os germes

Indicado especialmente, portanto, para as roupinhas do bebê!

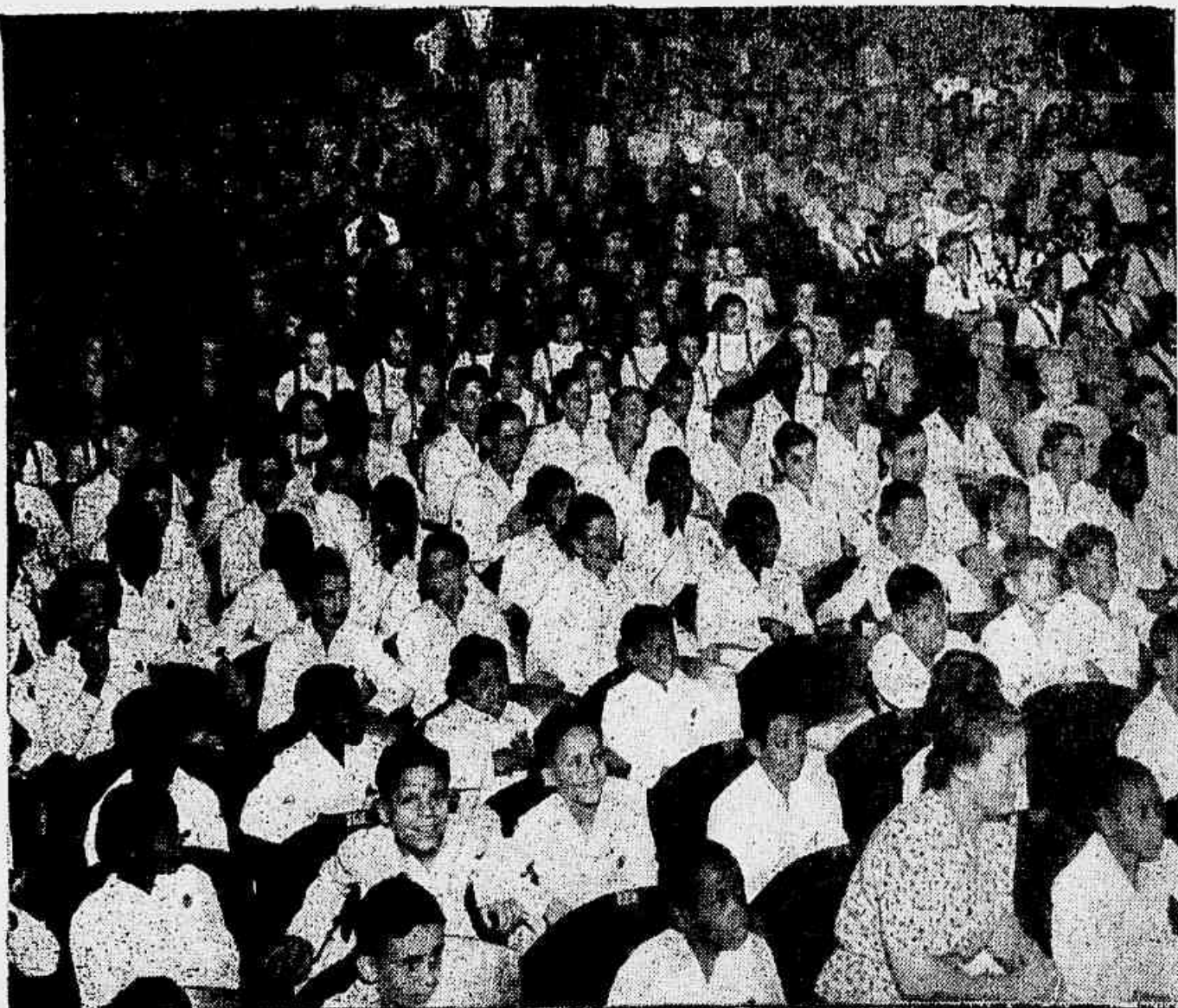


Resiste até o fim!

Porque não empedra nem esfriela e é o mesmo sabão de confiança até o último pedacinho!



Sabão **MINERVA** sai barato
porque protege o que lhe é caro!



Estes flagrantes foram tomados no dia 16 do corrente, no Teatro João Caetano, por ocasião da festa que o Rotary Club do Rio realizou em favor de crianças asiladas. Em um deles aparece o sr. Carlos Brandão de Oliveira, presidente do Rotary.



FIGURAS E FATOS



Realizou-se terça-feira 18 do corrente, nos salões da Associação dos Empregados no Comércio, o baile promovido pelas alunas diplomadas do Colégio Sacré-Cœur de Copacabana. E' um flagrante dessa animada festa, cujas danças se estenderam até alta madrugada, este instantâneo fotográfico.



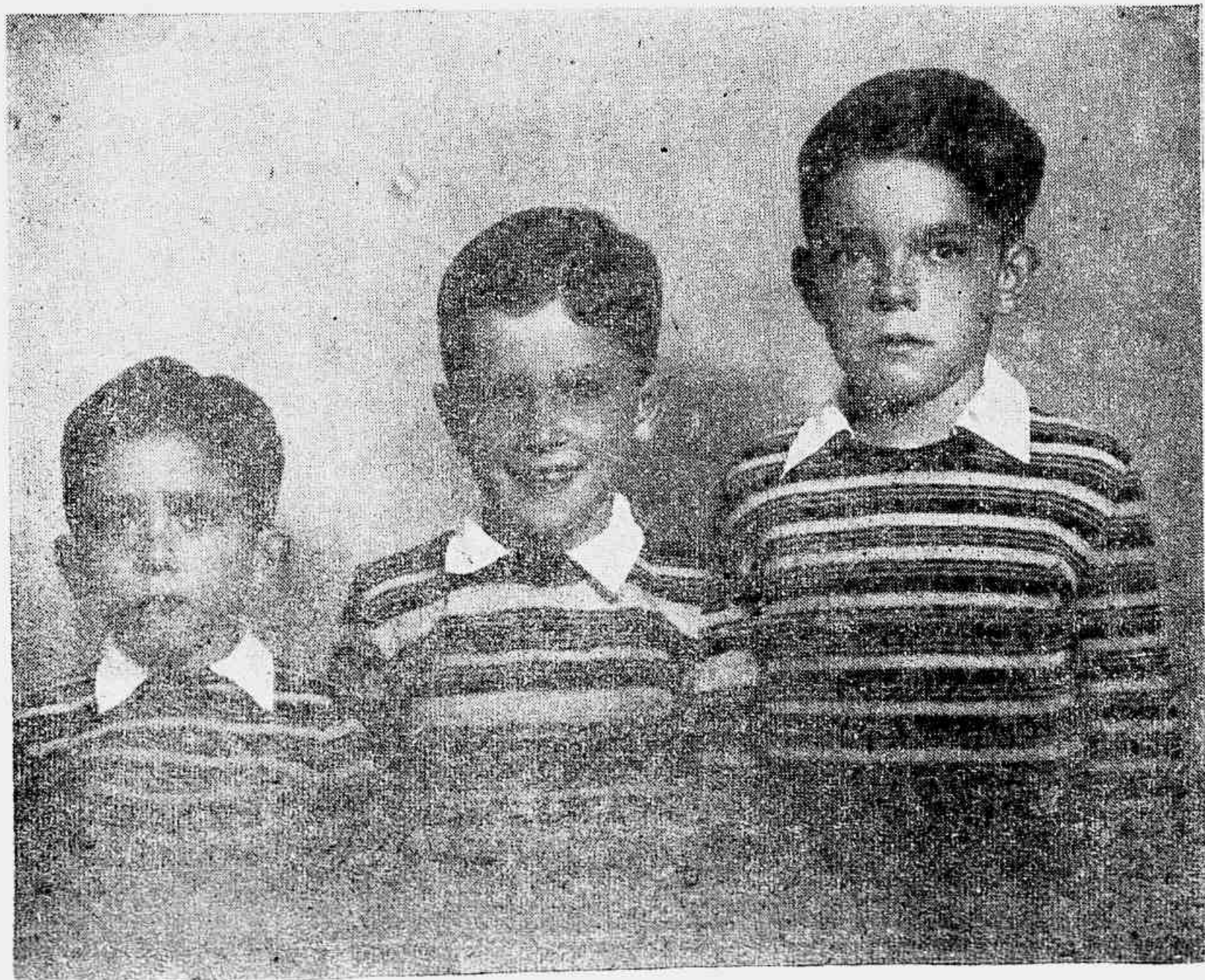


Realizou-se a 24 do mês p. p., na matriz da Glória, o enlace matrimonial da sta. Maria de Lourdes da Silva, filha do sr. José Deró da Silva e d. Zulmira da Silva, com o sr. Celestino Alves Pereira, filho da sra. viúva Alves Pereira. Foram padrinhos do casal os srs. Manoel do Carmo Pereira, d. Olinda Carneiro Pereira, Domingos José da Costa e d. Gloria da Silva Bittencourt.



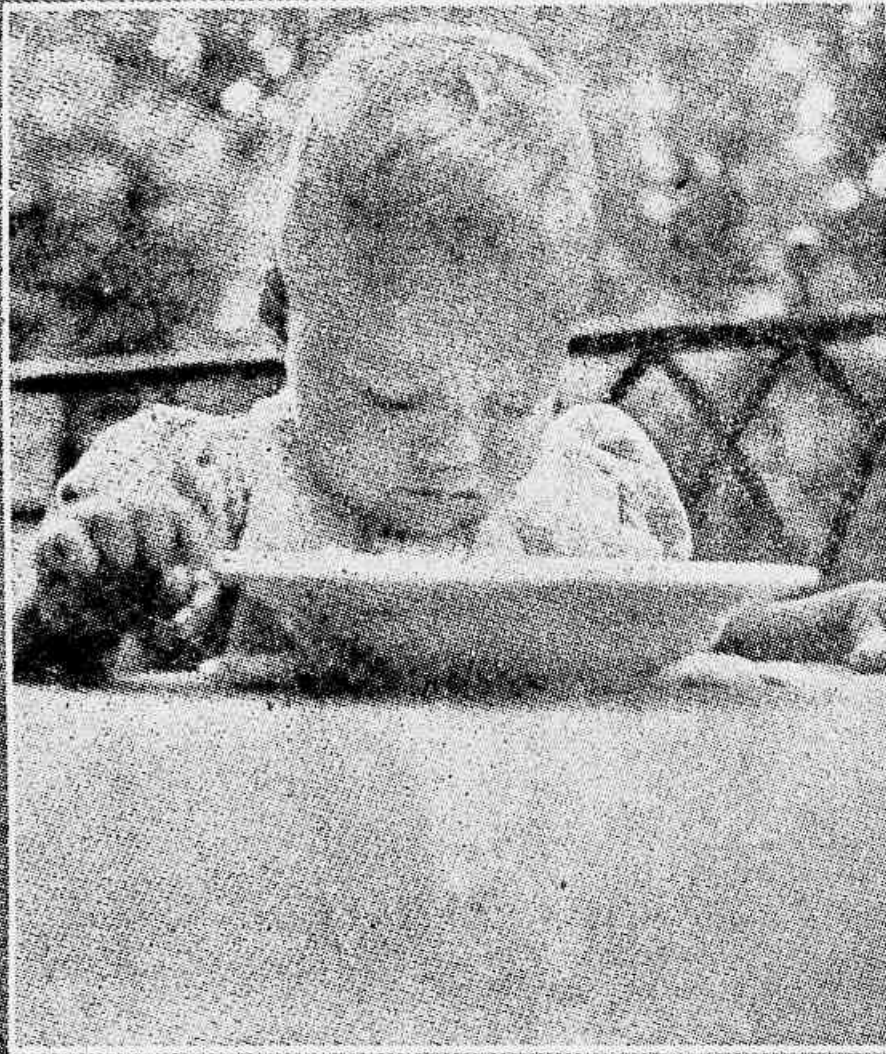
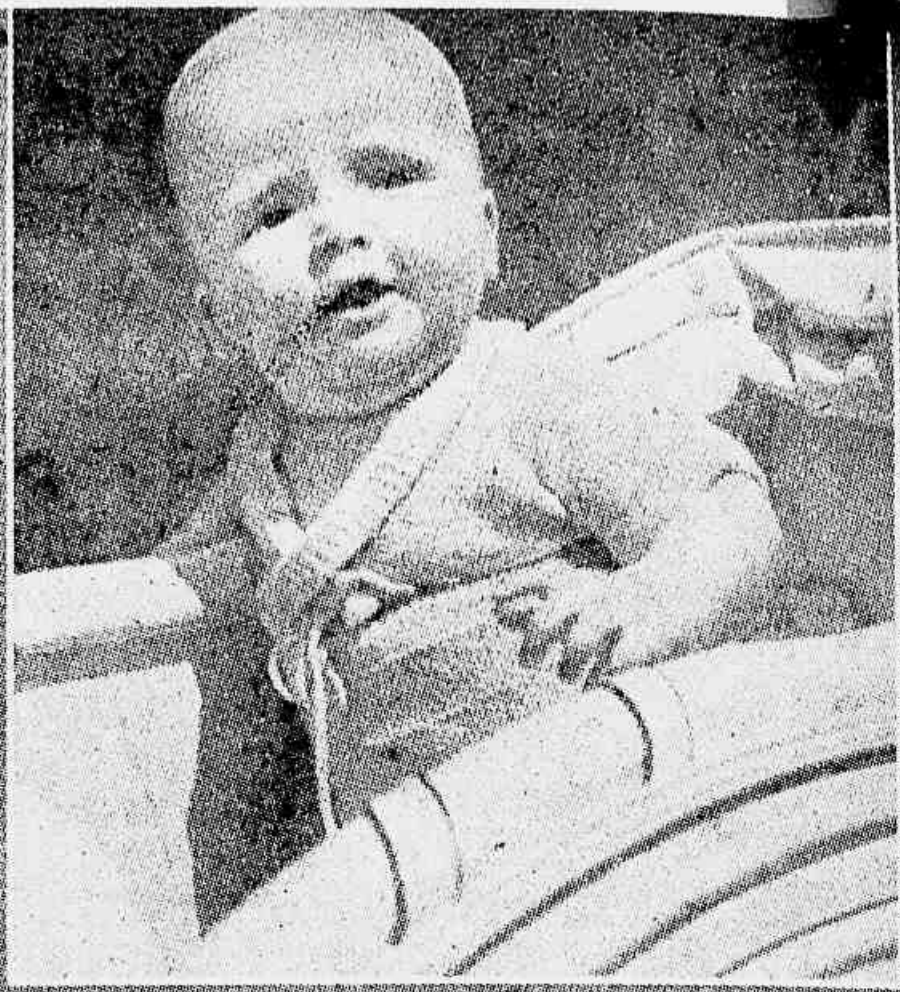
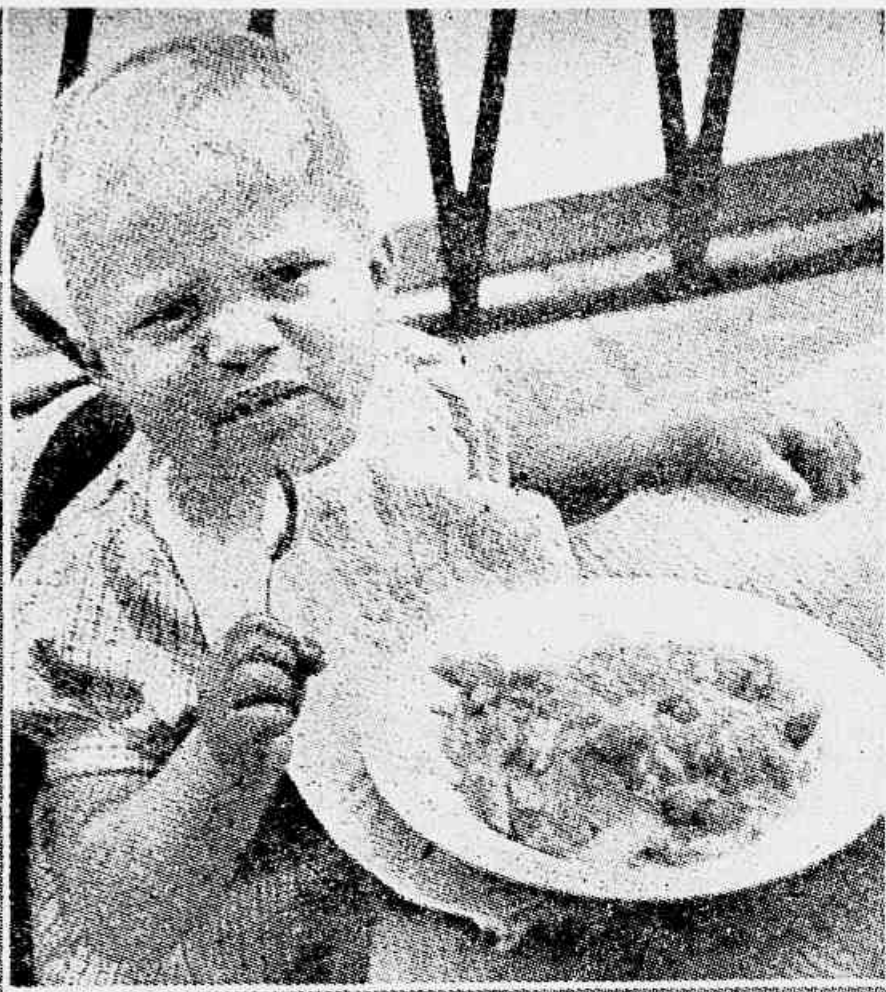
Realizou-se sábado transato o casamento da sta. Dulce Leitão, filha do cel. Honorato Duguet Leitão e de d. Judith Guerra Leitão, com o sr. José Souza Costa, filho do dr. Arthur Souza Costa, ex-ministro da Fazenda, e de d. Maria Câmara de Souza Costa. No ato civil foram testemunhas o major Berilo Neves e sua esposa, d. Maria S. C. Neves; e no religioso o ten.-cel. Luiz de Toledo e senhora. Oficiou na cerimônia religiosa D. Jayme Camara, arcebispo do Rio de Janeiro.

Da esquerda para a direita: João Luiz, Octavio Carlos e Paulo Gustavo, filhos do ten.-cel. Gustavo de Faria e de sua esposa, d. Izabelinha Dale Coutinho de Faria. Os três interessantes garotos são netinhos paternos do general João Manoel de Faria e senhora, e maternos do general Octavio de Azeredo Coutinho e senhora.



A menina Maria Amalia Prado de Matos, filha do dr. Menelick de Matos, advogado em São Paulo, e de sua senhora, d. Solange Prado de Matos. Maria Amalia, que é aluna distinta do Liceu Pasteur (Franco-Brasileiro), fez agora a primeira comunhão.





Em Hohenhorst Lebensborn foram encontrados estes produtos das fábricas de material humano de Hitler. Meninos como os outros, que foram entretanto nascidos e criados para a prática do mal, são agora adaptados à vida do mundo civilizado.

CARNE PARA CANHÃO

Os filhos de Hitler... Meninos sem pai e sem mãe, nascidos nos campos de produção humana do nazismo, criados nas creches militarizadas da Alemanha. Meninos para quem os primeiros brinquedos foram miniaturas de aviões de combate, e os primeiros ensinamentos foram as vozes de comando. Antes de receberem um nome, já tinham um número de ordem no quartel-berçário. Antes de cursarem uma escola já sabiam manejar o ferrolho de um fuzil "Mauser". Verdadeiras máquinas humanas, essas crianças nunca aprenderiam a raciocinar. Hitler necessitava de homens fortes para entregar à voragem das trincheiras russas, onde a morte engolia milhares de vítimas por dia. Essas crianças nasceram em um campo para onde eram levadas as crianças alemãs. Filhos de soldados em licença e de mães

recrutadas nas classes proletárias dos campos e das cidades, nunca chegaram a saber qual a sua ascendência direta, pois que em seus papéis de registro apenas se marcava o número de ordem, a data do nascimento e os dados antropométricos. Essas crianças, seres como nós outros, foram produtos de uma fábrica de produção em série de material humano, destinado ao serviço do Fuehrer. Recém-nascidos ainda, eram levados aos berçários militaristas, onde começava a sua educação para a morte. A creche era uma continuação, ou antes um preâmbulo dos quartéis. Ali já lhes iam adaptando a mentalidade infante à famosa "nova ordem", que não admitia um pensamento que não fosse moldado pelas formas de Berlim, nem uma idéia que não fosse morte por Hitler. A alimentação dessas crianças

era feita de acordo com os modernos métodos científicos de dietética. Desde cedo, a ginástica e os exercícios físicos constituíam o principal cuidado de seus educadores. Estes eram médicos do exército, encarregados pelo Alto Comando de moldar para a Wehrmacht espíritos e corpos. Imbecilizados desde cedo pela demagogia do Mein Kampf, seriam no futuro outros tantos fanáticos SS, a serviço das sangüinárias aventuras de Hitler e de seus capangas.

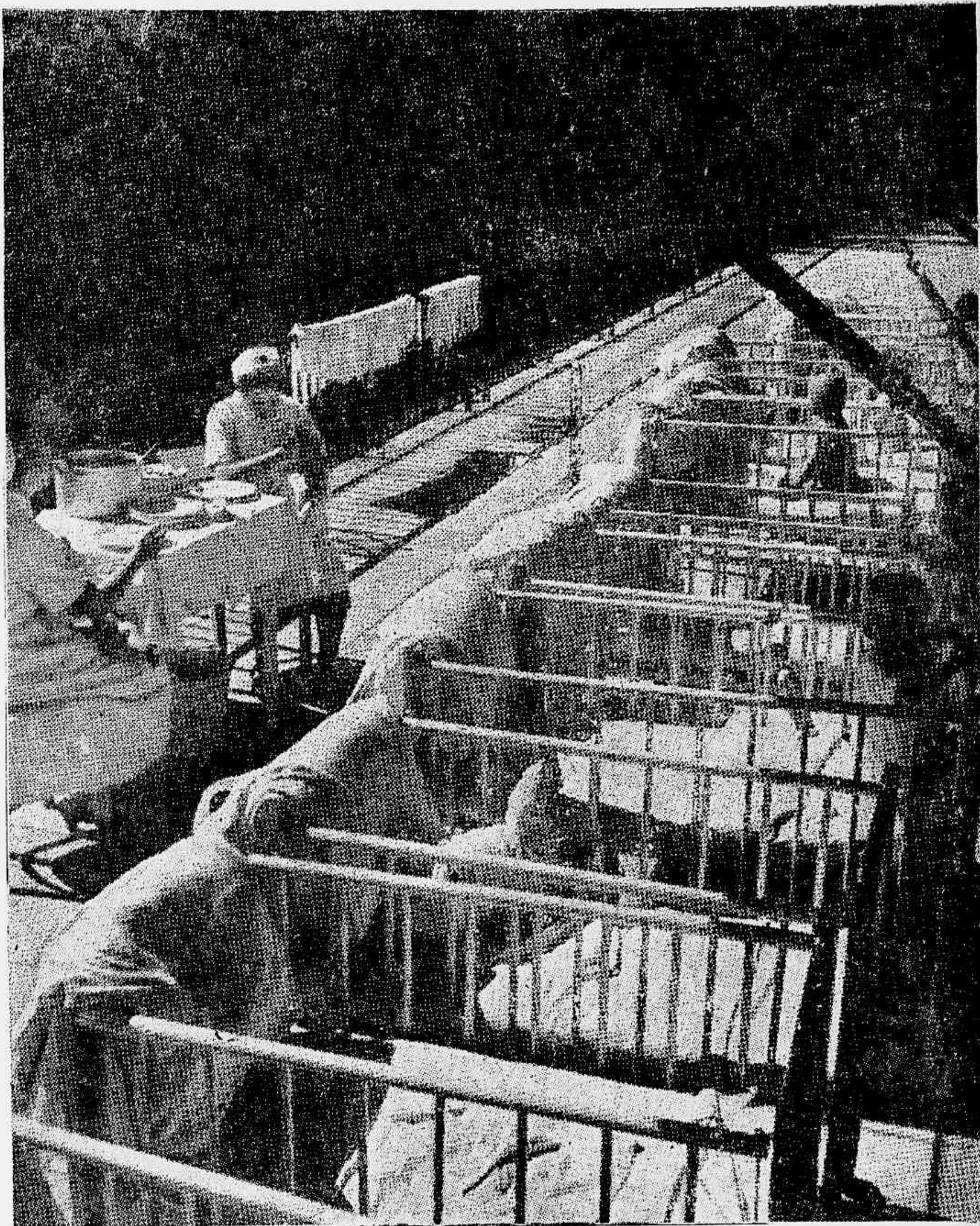
A Alemanha foi afinal libertada do jugo hitlerista pelas tropas das Nações Unidas, que investiram contra o coração do império nazista, de leste e oeste, vindas de todos os países civilizados do mundo. Hoje, outra educação está sendo dada aos filhos de Hitler. Eles poderão readaptar-se facilmente à vida. Aprenderão todas as coisas úteis e dignas que um homem deve saber. Cessou a sua existência de máquinas e começou sua vida de seres humanos. De agora em diante serão humanos como todo mundo. Mas nunca terão um pai e uma mãe como os outros meninos.

Nestas páginas reproduzimos vários instantâneos que mostram as crianças encontradas pelos aliados em uma das creches de Hitler, onde eram moldados os futuros soldados do Reich. Estes garotos são filhos ilegítimos de moças recrutadas pelo governo nazista e soldados da polícia de Himmler. Agora eles serão reeducados segundo os métodos da pedagogia democrática e sadia que preside ao espírito dos ocupantes da Alemanha. Amanhã serão homens. Providencialmente, as tropas aliadas chegaram a tempo de libertá-los da sua condição de máquinas fabricadas e adaptadas para os serviços das trincheiras.

Nada na longa história dos crimes humanos pode se comparar a esta ignomínia. Atila não seria capaz de tamanha perversidade. Forçar a procriação para obter material para a morte. Estas crianças, agora encontradas nos campos de experiências do nazismo, são os mais eloquentes atentados da paranóia de Hitler. Ninguém poderá, de sua consciência, acreditar na sanidade mental do homem que foi capaz de imaginar e realizar tão hediondo crime.

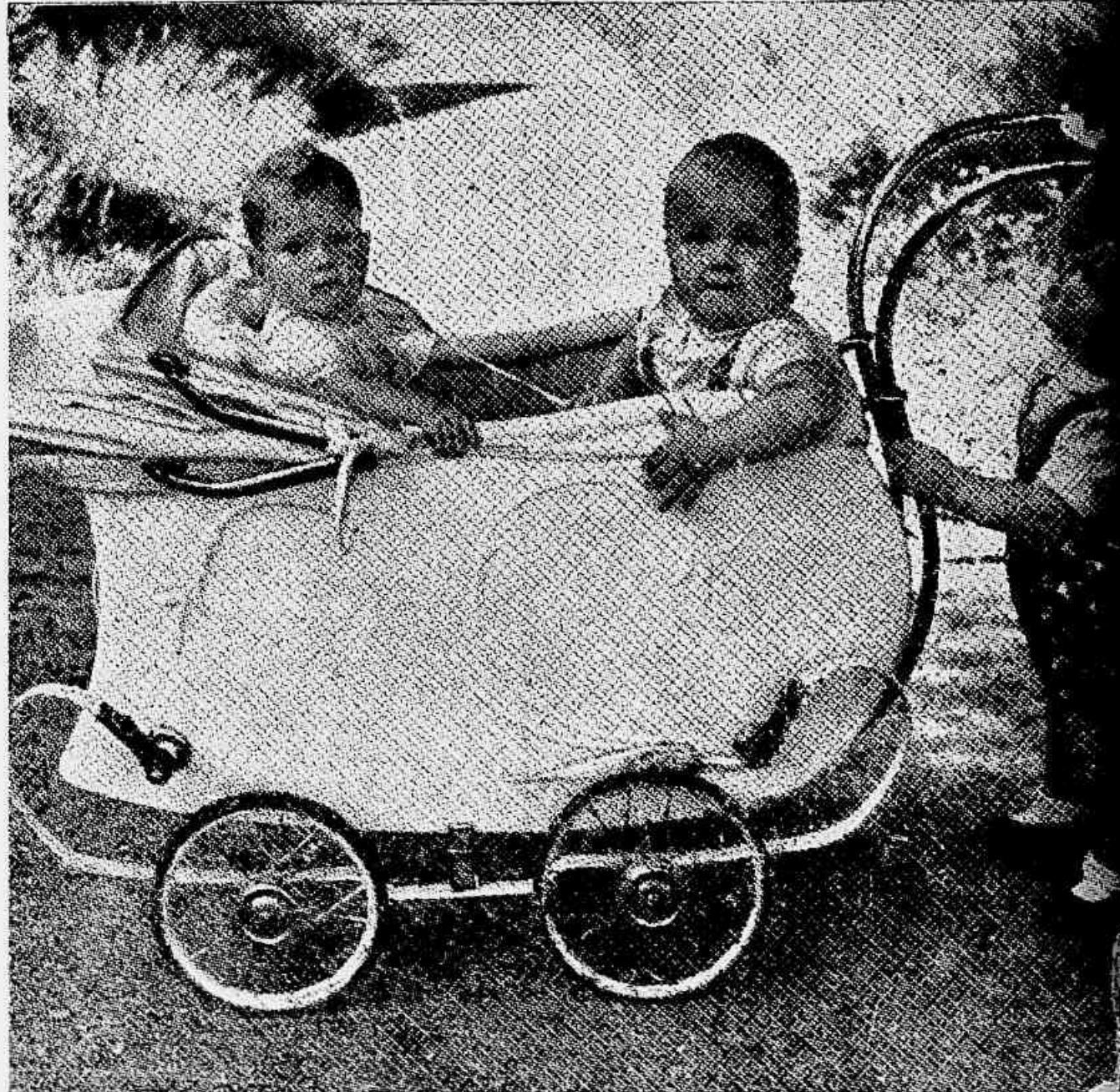
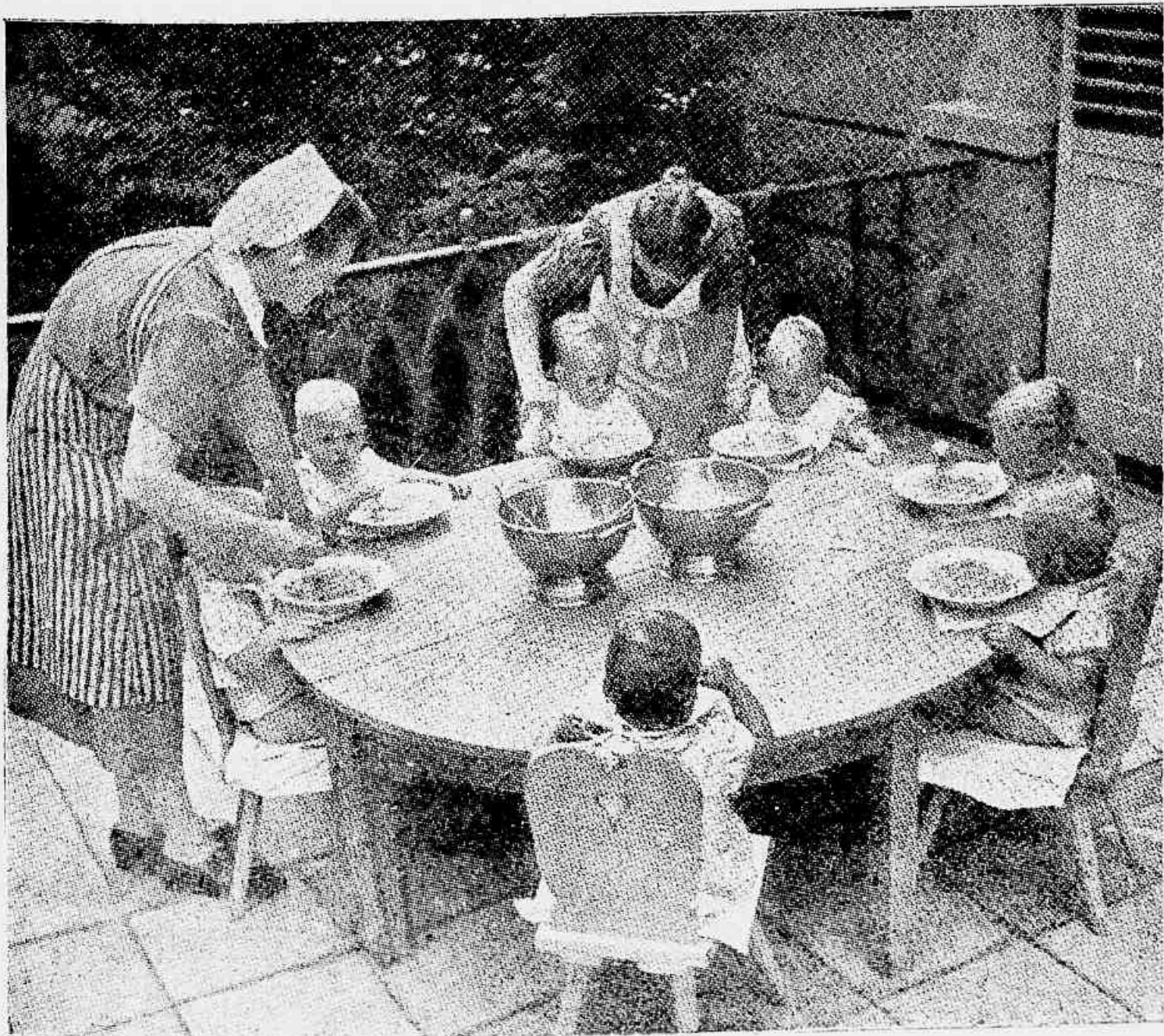
Olhemos estas crianças, que elas por seus sorrisos falam da monstruosidade do nazismo melhor que todos os livros anti-fascistas até agora escritos. Esta carne para canhão, fabricada em alta escala para aplacar o apetite selvagem dos camisas pardas, seria sem dúvida os mortos de amanhã, que estariam enterrados na lama das trincheiras européias se o mundo não reagisse a tempo contra os inimigos da vida.

Que sejam estes meninos um lembrete constante pôsto em nossa frente. Que eles não nos deixem esquecer que outros hitleres levantam de novo a cabeça, camuflados e ocultos, mas deixando sempre entrever, por trás do capus do domínio das boas intenções, as bocarras hediondas espumando ódio e babando infâmias.



Lembre-mos sempre destes meninos. E façamos votos para que das ruínas desta hecatombe surja um futuro melhor para a terra de Goethe e de Beethoven, a tão desventurada Alemanha, que hoje paga o crime de ter sido a pátria de um monstro que se fez semi-deus.

Ao alto da página, uma foto feita em Hohenhorst Lebensborn, num dos berçários militarizados onde se alojavam os filhos de Hitler. Desde muito cedo os meninos começavam a sua existência de soldados nazistas. Antes de receber um nome já tinham o seu número de ordem. Em baixo, enfermeiras cuidando da alimentação das infelizes crianças cujos pais jamais poderão ser identificados. A seguir, três filhos de Hitler transformam-se em meninos.





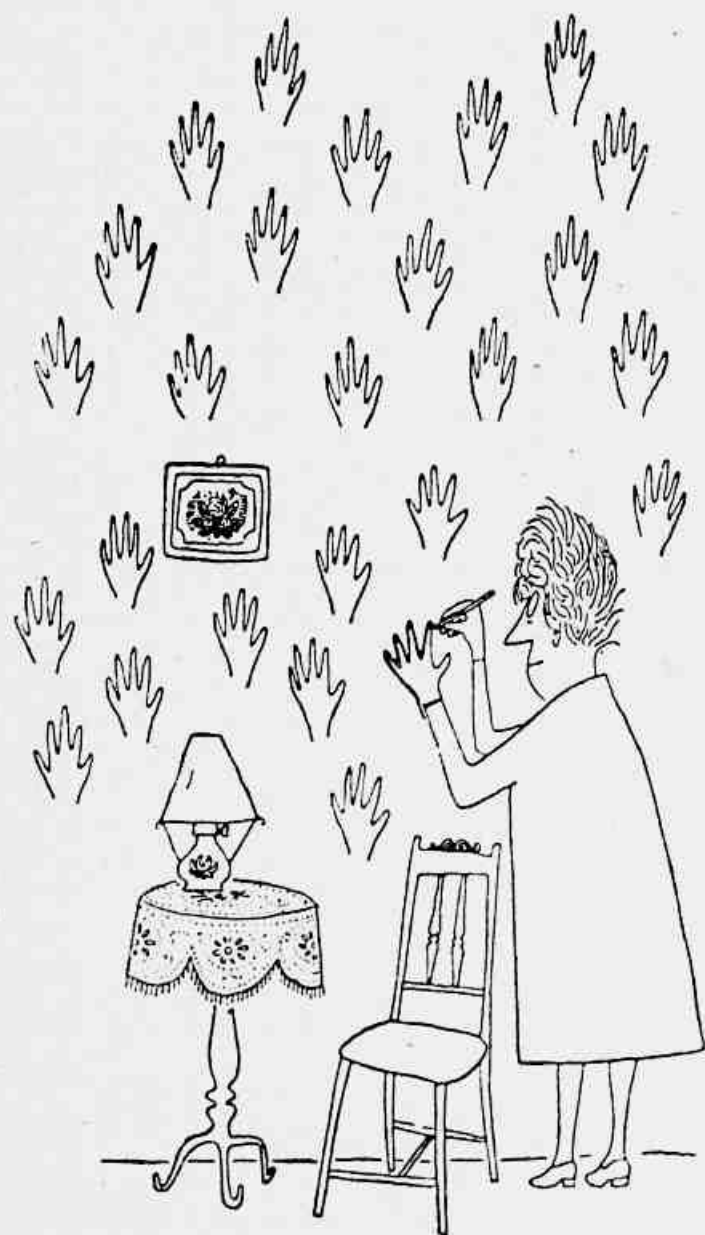
Cabides estilizados



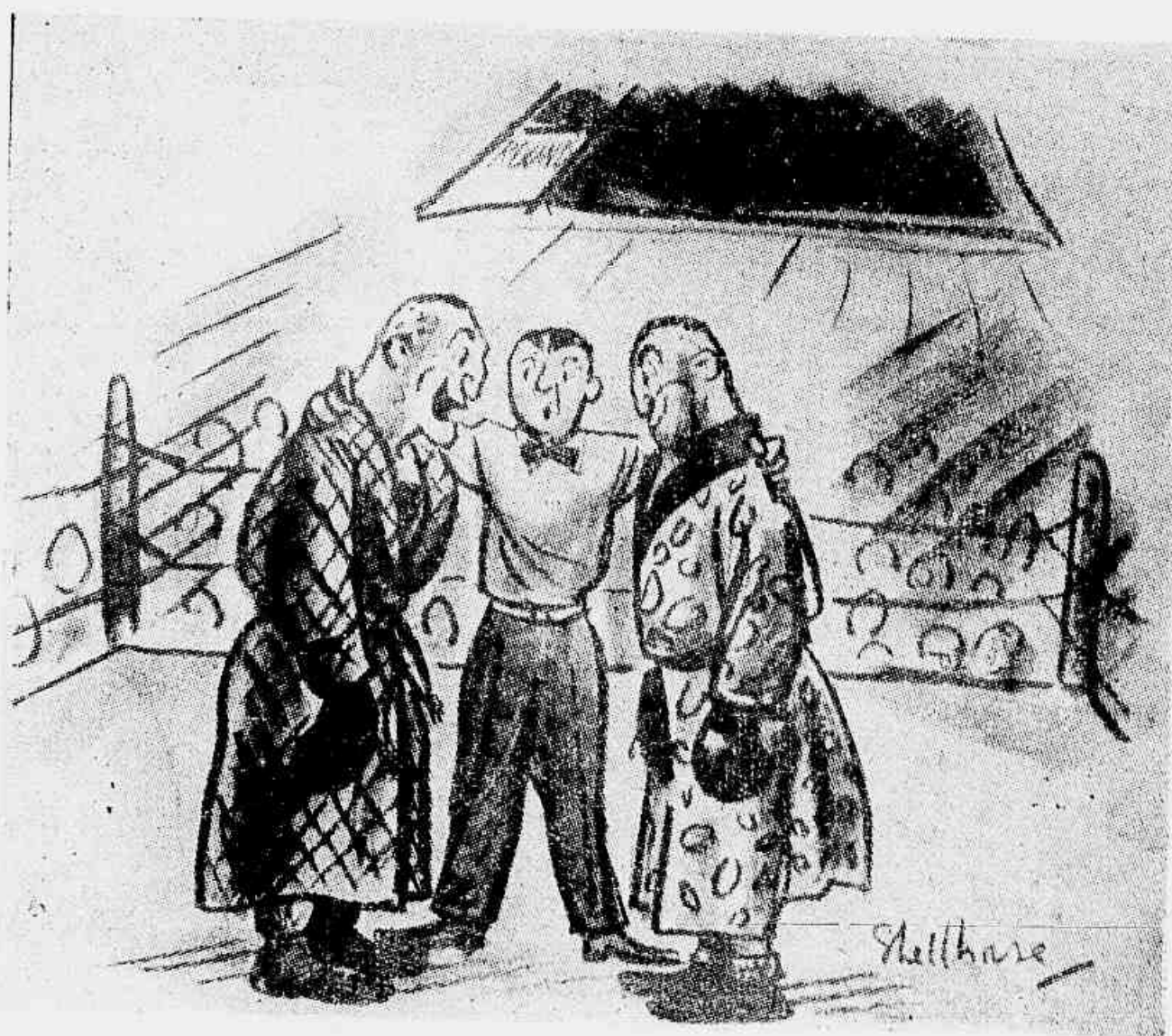
"Sweater" sob medida



DE BOM HUMOR



Decoração... à mão livre



— Pafife! Algum dia nos encontraremos!

A C A P A

Conto de ANDRÉ MAUROIS



“Quando colocou a capa nos ombros transformou-se”...

— Conhece aquêle encantador poeta austríaco Riesenthal? — perguntou-me.

— Só o tinha visto uma vez — respondi. — Lembro-me que êle falara, naquele dia, sobre a Rússia, com uma mistura cativante de simplicidade e mistério... Em tôrno de seus relatos flutuava uma bruma ligeira, que dava aos personagens descritos contornos imprecisos e formas sobrehumanas... Sua voz era estranha e velada. Sim, verdadeiramente não o vira senão uma única vez, e já o estimava mais do que a muitos homens que conheci em tôda a minha vida. Pouco tempo depois dêsse breve encontro soube de sua morte, com tristeza, mas sem espanto, porque êle mal tinha o aspecto de um ser vivo... Desde então, bem frequentemente, viajando nos países mais diversos — na França, na Alemanha, na Itália — encontrei em tôda parte amigos de Riesenthal...

Ora um homem, ora uma mulher, cujas vidas êle encheu, cujos espíritos êle formou e que, por causa dêle, conservam-se mais delicados e mais sensíveis do que os outros seres humanos.

— Alegria-me ouvi-lo dizer isso — respondeu-me — porque era amigo de Riesenthal. Como o senhor, vi-o uma vez — passei com êle uma hora — e não pude esquecê-lo. Há três anos, passando pelo meu país, êle se lembrou de mim, escreveu-me e passou um dia em minha casa. Era no princípio do outono e o tempo já estava esfriando. Moro na base de altas montanhas. Riesenthal, friorento e frágil, sofreu por não ter trazido roupas mais quentes. Fui buscar uma capa marron, que usava para a caça durante o inverno. Riesenthal, divertido, mostrou-me que poderia dar duas voltas em tôrno de seu corpo com a capa e, assim embru-

lhado, passou muito tempo comigo, sob as árvores.

Naquele dia, meu jardim com as árvores cobertas de fôlhas que se tornavam vermelhas lentamente, as altas montanhas que nos cercavam e, à noite, o fogo na minha lareira agradaram-lhe tanto que êle decidiu passar mais um dia... Durante a noite êle espalhou a capa por cima da cama, e no dia seguinte tornou a vesti-la para trabalhar, como um “robe de chambre”. À noite disse-me que não tinha mais desejo de partir; por outro lado eu queria prendê-lo ao meu lado o mais tempo possível. Assim passaram os dias, e êle ficou mais de duas semanas, durante as quais êle viveu embrulhado na minha capa. Enfim partiu, deixando como lembrança da estadia um poema. Alguns meses mais tarde eu soube de sua morte.

No outono eu recebi a visita de um outro escritor, de um

francês cujo estilo transparente me agrada e que eu conhecia então muito pouco. Também êle tinha pousado um só dia na minha cidade. Ia a Viena. Durante o almoço a conversa foi difícil. Parecia-me que a amizade que eu esperava se afastava, que éramos demasiado diferentes um do outro, e compreendi com tristeza que nos íamos separar sem haver dito nada de sincero nem de profundo. Após a refeição passeámos sob as árvores amarelas. Ele queixou-se da umidade e eu fui buscar-lhe a capa de Riesenthal.

E’ curioso, mas logo que vestiu o casaco transformou-se. Seu espírito, naturalmente preciso e às vezes amargo, pareceu-me de repente velado e melancólico. Tornou-se confidencial, quase enternecido. Enfim, quando desceu a noite estava consolidada uma amizade; como acontecera antes com Riesenthal, aquêle visitante do outono, vindo por um dia, ficou duas semanas.

Depois disso, não é difícil calcular o valor que adquiriu aos meus olhos aquela capa. Era um objeto muito estimado ao qual eu associava, sem na verdade crer fielmente, um poder simbólico e benéfico.

No curso do inverno seguinte apaixonei-me por uma vienense belíssima, Ingeborg de Dietrich. Pertencia ela a uma família de nobres arruinados e ganhava a vida trabalhando numa casa editora. Pedi sua mão mas ela era como a maioria das môças educadas depois da guerra, fanaticamente ciosa de sua independência, e mesmo, apesar de deixar transparecer que gostava de mim, disse que não poderia suportar a idéia de se ligar por um casamento. Eu, por outro lado, não podia suportar a idéia de vê-la livre numa cidade como Viena, cercada de homens sem escrúpulos. Vivemos assim muitos meses penosos.

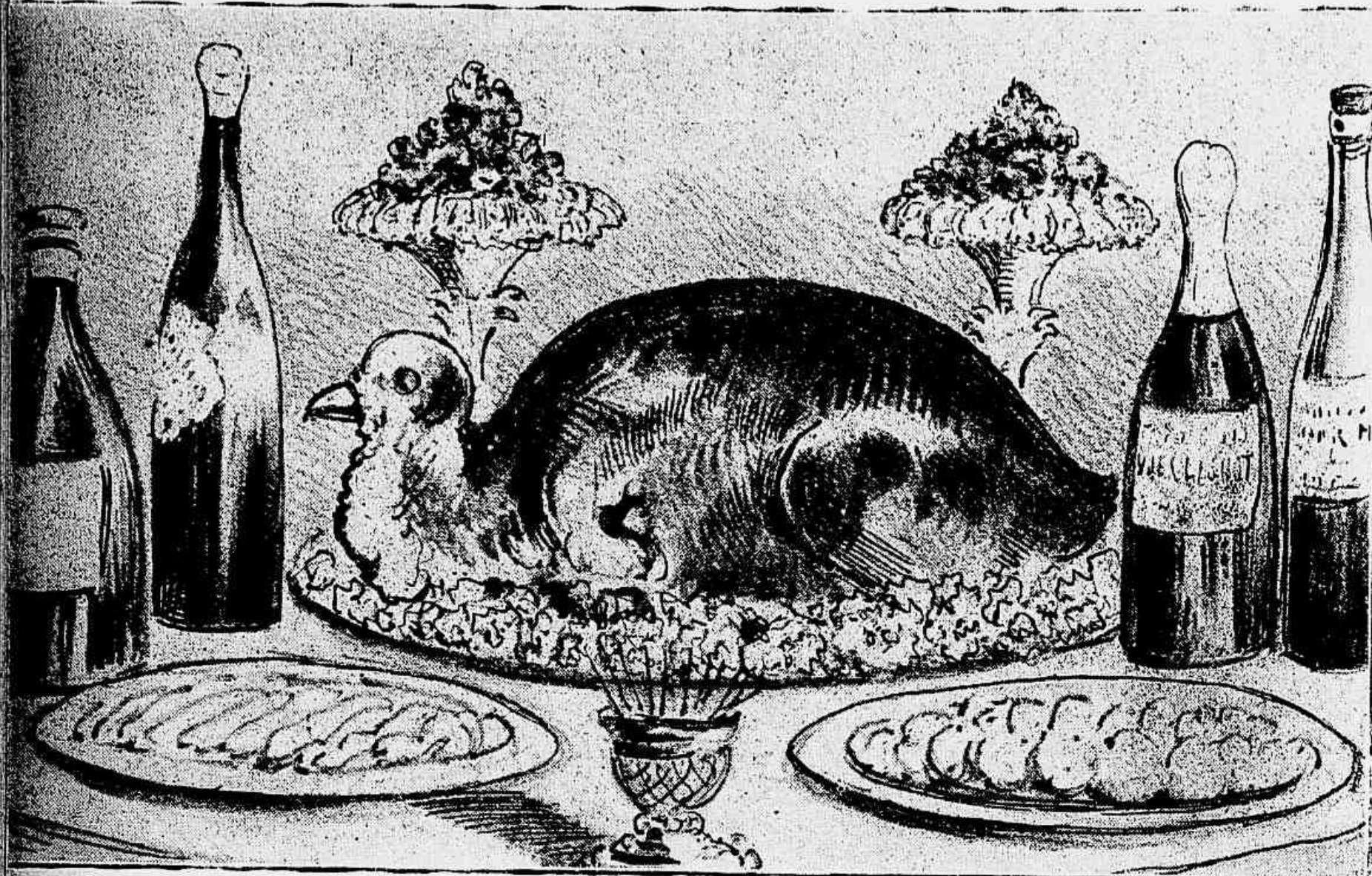
Na primavera Ingeborg consentiu em vir visitar minha casa em Wienerwald. Na primeira noite que passou em minha residência, fizemos um passeio pelo jardim, após o jantar, e eu lhe disse:

— Quer me dar um grande prazer? Permite que em vez de colocar sobre seus ombros o seu capote, eu a cubra com essa capa que me pertence. Sei que não é sentimental. Esse desejo pode parecer-lhe absurdo. Mas que importa? E’ a primeira vez que me visita. Conceda-me êsse favor.

Ela riu e, zombando de mim, com bastante graça, aceitou.

O narrador interrompeu a história, porque na bruma da noite, bem no fim da alameda, uma forma encantadora caminhava em nossa direção, envolta numa capa marron.

— Conhece minha espôsa? — perguntou êle.



JANTAR EM HONRA DE ANIVERSARIO NATALICIO DA MARQUESA DE CAXIAS A 30 DE DESEMBRO DE 1868.
Desenho da *Semana Illustrada*, na época.

BOM conselheiro para quem procura escrever sem errar demais, o dicionário define civilidade o conjunto de formalidades e uso de maneiras corteses de rigor entre pessoas bem educadas.

A gente de escol do século passado prezava a civilidade e suas leis, quasi declaradas sem efeito na presente subversão do universo pandemonico.

Uma daquelas leis prescrevia não se apresentar ninguém na mesa de casa alheia sem convite, salvo naturais exceções de natureza familiar, a proximidade dos parentes autorisando umas tantas liberdades.

Na gente Alguem do século transito figurou Caxias, tudo nele concorrendo para torna-lo um cavalheiro, estirpe, indole, exemplos de lar e de sociedade, zelo pela dignidade pessoal e pela das posições cada vez mais destacadas que deviam leva-lo a posição excecional na patria. Entretanto força de circunstancias duas vezes obrigou Caxias a jantar em residencia alheia sem convite, substituindo o dono da casa em mesa que não mandara preparar.

Como e porque isto succedeu a Caxias, tentaremos explica-lo, por muito que o caso pareça singular.

Em 1842 o Segundo Reinado havia pouco alvorecera. Acolhido alegremente, recebia contudo triste herança de guerra civil já longa, a da revolta farroupilha sul-riograndense.

No demais Brasil latejavam rebeldias cujo espirito, durante quasi decenio da Minoridade, tanto empecera a direção dos negocios publicos pela Regencia, nas suas successivas transformações de interina a efectiva, de trina a una.

Logo após a Maioridade, para a qual os liberais tanto tinham concorrido, o partido liberal foi a ostracismo. A palavra lembra dureza, a começar pela da concha das ostras, uma delas, em Atenas, condenando Aristides ao exilio, por crime imperdoavel entre homens, o de ser justo.

Subiram a governo os conservadores. Representou-os o gabinete 23 de Março de 1841, organizado pelo maiorista marquês de Paranáguá, chamando a colaboração ministerial Paulino de Souza, Calmon, Aureliano, José Clemente e Araujo Vianna.

E' vulgar a imagem do vaso d'agua cheio até a boca, transbordando pelo pingar de uma gota; applicavel a imagem á paciência exgotada de certas situações politicas e sociais.

Tal aconteceu em 1842 por motivo de medidas julgadas reacionarias e providas do gabinete 23 de Março, irritando muitos a reforma do Código do Processo Criminal pela lei de 3 de Dezembro de 1841.

Em Abril de 1842 o vaso encheu. Faltava a gota para o extravasar, gota por sinal grossa.

A 1.º de Maio de 1842 faltavam horas para abertura do parlamento e de nova legislatura, o ministerio presentindo ser-lhe avessa a maioria da Camara dos Deputados recém-eleita.

Paranáguá e seus colegas de governo apresentaram ao imperador extensa exposição de motivos, considerando de fraudes e violencias as eleições que acabavam de constituir a Camara.

Com a exposição de motivos, o ministerio submeteu também ao imperador um decreto dissolvendo a Camara prestes a funcionar a 3 de Maio e convocando outra para 1.º de Novembro.

Soberano inexperito de dezete annos, D. Pedro II annuo á proposta ministerial. Mais tarde, referindo-se ao acto da dissolução da Camara de 1842, consocio das manhas humanas e das artimanhas politicas, D. Pedro II confessaria: o acto de 1842 foi o maior erro do meu reinado. Dado o pendor humano para desculpar-se ou negar a propria evidencia, a confissão leal de erros é de grande nobreza.

A 1.º de Maio de 1842, a Camara dos Deputados, de sessão concorridissima, ouvia ler o decreto de sua dissolução. Leitura em silencio tumular, caladas as galerias, de presumida voz popular. Em meia hora tudo terminava, como que na pressa de barulho fóra. Quem tal pensasse acertaria.

Entre os dissolvidos estavam Caxias, deputado pelo Maranhão, Salles Torres Homem, deputado pelo Ceará, D. Manoel de Assis Mascarenhas, deputado pelo Rio Grande do Norte. A vaga senatorial de D. Manoel, em 1867, com celeuma seria preenchida justamente pelo deputado Torres Homem representante do Ceará em 1842.

A exposição de motivos ministerial determinante da dissolução fóra redigida, dizia-se, por Araujo Vianna, ministro do Imperio.

Dentro em pouco circulariam no Rio de Janeiro noticias de revolta, em São Paulo, visando o ministerio 23 de Março, ás queixas politicas cariocas ajuntando-se as paulistas de partidarios em dissidio.

Bom conselheiro, o dicionario ensina a distinguir revolução de revolta. A revolta de São Paulo teve fóco em Sorocaba onde proclamado presidente interino de São Paulo o coronel miliciano Rafael Tobias de Aguiar, a insurreição collocando em lados opostos tres ex-regentes, Feijó, Vergueiro e Costa Carvalho, todos com pratica de revoltas de 1831 a 1837.

O governo a comando de forças repressoras chamou Luiz Alves de Lima, o brigadeiro ao qual serenar de Maranhão valera baronato de Caxias.

A' revolta paulista apresentou-se Caxias com todos os seus titulos e condecorações. Dirigiu proclamação aos rebeldes como quem manda do alto de grandeza. No cabegalho de suas proclamações, como introito de autoridade e prestigio, lia-se:

"O Barão de Caxias, veador de SS. AA. Imperiais, Fidalgo Cavalleiro da Casa de S. M. o Imperador, Comendador da Ordem de São Bento de Aviz, Cavalleiro da do Cruzeiro e da Rosa, Condecorado com a Medalha da Guerra da Independencia e General em Chefe do Exercito Libertador da Provincia de S. Paulo".

Esta enumeração respondia ao chasquear de rebeldes taxando de "cadáveres" as forças ao comato de Caxias, afinal triunfador da revolta, dizendo Feijó que com armas em punho não se dirigiam supplicas ao monarca. Nem elas empunhadas, ele, Caxias, admitia condições de rendição.

Ao restaurar da ordem em São Paulo seguir-se-ia a perturbação dela em Minas. Em manhã de Junho, Barbacena acordaria aos sons de rebato, de siros e de cornetas. Apoiados por um batalhão da Guarda Nacional, reunido em segredo em chacara visinha da cidade, elementos politicos proclamaram presidente de Minas pessoa de influencia na provincia, José Feliciano Pinto Coelho da Cunha.

Tomou ele posse, convocando assembléa legislativa a reunir-se em São João d'El-Rei. Enquanto isto, em Ouro Preto, o presidente legal Bernardo Jacinto da Veiga organizava resistencia urgente.

Dominado Queluz, a revolta caminhou para a ex-Vila Rica, mas retrocedeu, ganhando Sabará. Embarcando-lhe os progressos o governo mandou Caxias a Minas, á testa de forças de encontro decisivo com os rebeldes no arraial de Santa Luzia. Aí a revolta se havia fortificado com auxilio do austriaco Morgenstein que era ou se invulcava estrategista.

Defrontou Caxias com os revoltosos, a principio parecendo levar vantagem. As forças legais simulando retirada obtiveram plera vitoria com a chegada ao campo de combate de reforço trazido a Caxias por seu irmão o coronel Lima e Silva. Este, em ponto pequeno, em Santa Luzia e seu dia 20 de Agosto de 1842, reproduzio o socorro em ponto grande, de Blucher ao anoitecer de Waterloo, quando Napoleão já se tinha por vencedor.

Em campanha costumava Caxias escrever com frequencia á esposa no Rio de Janeiro, dando-lhe noticias que lhe aquietassem naturais inquietações.

De Santa Luzia, a 21 de Agosto, Caxias expedio carta na qual inserio este topico: "Hontem fizêro 2 mezes que de Sorocaba officiei ao Ministro (José Clemente) dizendo que estava a revolta acabada e agora lhe officio dizendo o m.m. de Minas do Palacio da Presidencia donde me acho tendo comido o jantar do José Feliciano q.elle deixou na mesa q.do fugio".

Tal o primeiro jantar saboreado por Caxias, sem convite, em mesa alheia e sem duvida convidando seus officiaes a partilharem a refeição que, dando razão a dito popular, não fóra de melhor bocado para quem a fizera.

Vinte e seis annos após o jantar sem trabalho de Ouro Preto, o brigadeiro barão de Caxias era o marechal marquês de Caxias, comandante em chefe dos exercitos aliados na guerra do Paraguai.

Operações sobre operações de exito crescente abriam caminho para Assunção em Dezembro de 1868. A 21 do mez achou-se Caxias ante as trincheiras de Lomas Valentinas. Reforçara-as o mesmo Morgenstein, de duvidoso von, fortificador em Santa Luzia de 1842, Caxias e o austriaco pois conhecidos velhos.

O ano de 1868 por Humaitá, Estabelecimento, Souce, Rojas, Tebicuri, pela estrada do Chaco iluminára de triumphos a esteira e o avarço de nossas forças de mar e terra.

Dezembro de 1868 aunentaria marche marche para Assunção. Na ponte de Itororó tentou ainda Caballero deter Caxias, obrigando-o a pôr ao sol espada de general invicto, á frente de trópa, na alternativa de vencer ou morrer, sempre imposta á honra militar.

Na paz tinha Lopez geito para sibarita, conservava-o guerreando. Tratava-se á grande. Vida de um Lopez, dizia nossa soldadesca para significar vida regalada.

Bons comestiveis, vinhos velhos acompanhavam Lopez em campanha. Engordaram-lhe um peru, para assado do Ano Bom de 1869. O galinaceo não iria á mesa de Lopez, de fuga para Cerro Leon, sim á mesa de Caxias, tomadas Lomas Valentinas.

A 30 de Dezembro de 1868, em segundo jantar sem convite do dono da casa ausente e em horra de natalicio da marquês de Caxias, desta o marido bebia-lhe á saude com galanteria e com um vinho que se poderia dizer marca Vitoria.

ESCRAGNOLLE DORIA

JANTARES SEM CONVITE

NOS BASTIDORES FEMININOS

Foi um filósofo oriental quem escreveu isto: "Os homens e as mulheres que se conhecem mutuamente, com facilidade, são pouco firmes no amor; os indivíduos que facilmente fazem amigos não são amigos por toda a vida".

Quantas e quão preciosas ilações podem ser extraídas dessas palavras aparentemente tão simples, minha amiga! Sim, a verdade está com o pensador do Oriente. As paixões à primeira vista, os encontros súbitos que se convertem em imensos capítulos de amor, vivem quase sempre da ficção literária, pois na vida real as coisas passam-se de outra maneira. Do conhecimento mais apurado, das relações que se apuram, se burilam, se fazem enraizadas e sólidas, sim, é que podem advir as paixões mais duradouras. Sem dúvida, há sempre um lugar para as exceções, mas as exceções não servem para mais nada senão para confirmar a regra comum.

★

Os indivíduos — homens e mulheres — que facilmente fazem amizade, também facilmente as per-

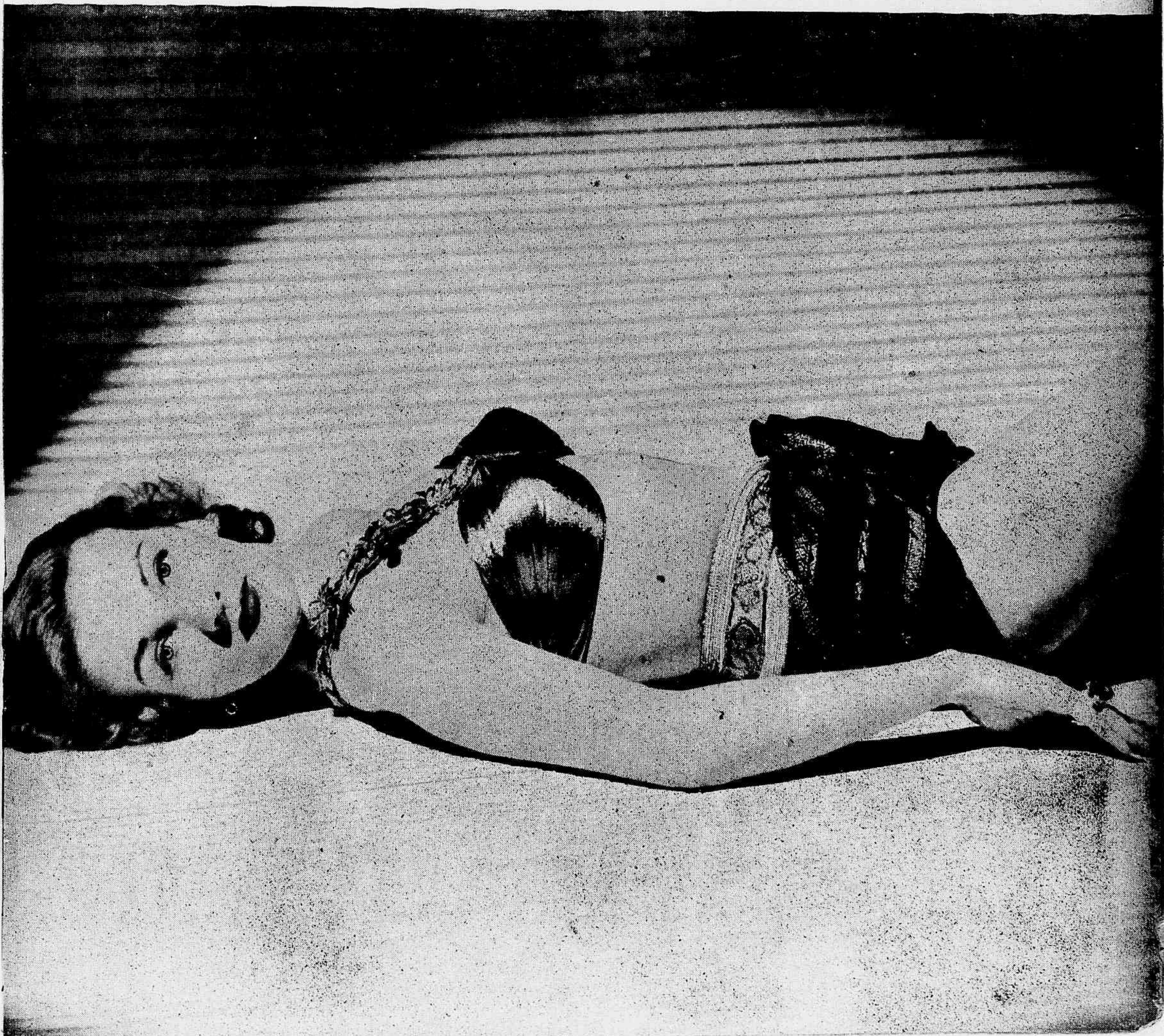
dem. Reparem no círculo de suas relações as criaturas que assim procedem. Tenho uma amiga cujas amizades estão sendo periodicamente renovadas. De súbito, ela me aparece falando muito de alguém, de uma nova conhecida, da moça elegante e delicada que lhe foi apresentada por terceiro. Há uma fase de enternecedora amizade. Subitamente, com o mesmo desembaraço que essa amizade se firmou, ela deixa de falar na obsessão de seus dias. Fecha-se em copas, como é costume dizer. E se alguma vez me lembro de a interpelar, diz cobras e lagartos da outra, coitada! Que não é nada do que pensava, que se iludiu ainda uma vez, que não há amigas verdadeiras e sim interessadas, falsas, hipócritas... Creiam-me, tenha pena dessa minha pobre amiga. E se nossas relações perduram através de quase cinco anos, isso aconteceu tão somente porque sei proceder com criatura tão frívola e inconstante em suas afeições.

De mim, prefiro as amizades que vão sendo cimentadas com o correr dos dias, das semanas, dos meses e, se possível, dos anos.

Quando todas nós nos preparamos para cruzar os humbrais de um Ano Novo — saibamos, amigas, conservar nos trezentos e sessenta e cinco dias de 1946 as melhores e mais sadias amizades deste turbulento 45... — **LÜ.**



Em cima: Peggy Knudsen.
Em baixo: Joan Winfield. Ambas da Warner. Ambas em trajes tropicais, ultra-veranistas...

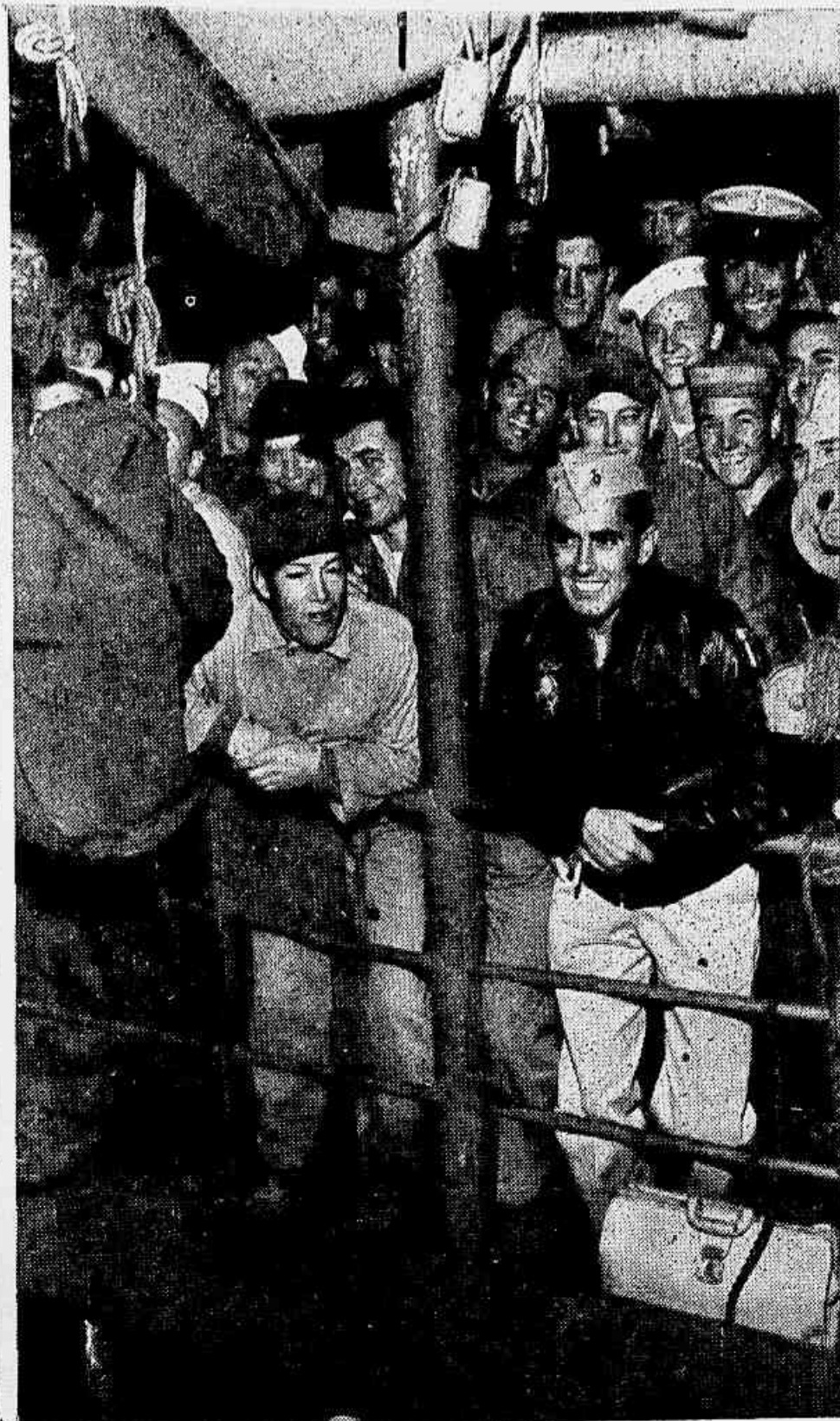




zinha carinhosa d'este galante petiz de vinte e sete meses, chamado Lance Brisson. Quando não tem compromissos de estúdio a enfrentar, miss Russell procura um parque de diversões, adquire dois ingressos no "carrousel" e dá voltas e mais voltas para distrair o garotinho, distraíndo-se também... Vejam, na gravura ao alto, à direita, um instantâneo batido nessa ocasião.

★

E a volta de Tyrone Power aos braços saudosos de Anabela foi outra ocorrência destacada dste movimentado mês de dezembro. Aqui os vemos, êle, o tenente da marinha Tyrone Power, chegando a Portland, Oregon, a bordo de um transporte marítimo, depois de doze dias de viagem, procedente de Okinawa. Anabela o foi receber, e parecia mentira que o tivesse apertado ao peito cheio de saudades... Tyrone voltou bem disposto, desobrigado de seus compromissos militares e querendo, quanto antes, viver um papel romântico, na tela, depois de ter vivido outros, ultra-realistas, na guerra de verdade... Se possível, um papel de enamorado de Anabela...



Hollywood, dezembro. (Por Luis Serrano, via aérea) — O casamento de Bette Davis absorveu as melhores atenções da cidade cinematográfica por muitos dias. Certamente já os leitores, aí no Rio, tomaram conhecimento d'esse enlace, através do noticiário telegráfico, mas quero dizer-lhes mais detalhadamente o que foi essa ocorrência mundana em Los Angeles, e o farei utilizando-me das fotografias que ilustram esta página. Aí está, em cima, Bette Davis e seu noivo, William Grant Sherry, cortando o bolo nupcial. Ele é também artista, rapaz simpático e inteligente. Compreende a carreira cinematográfica da esposa e está pronto a deixar que ela pertença 50% à sua arte, 50% ao seu lar. Na gravura de baixo, um grupo familiar que mais tarde pode ser histórico. Da esquerda para a direita: mr. Woodbury Palmer e mrs. Palmer, ela a progenitora de Bette Davis, êle o padasto; Bette Davis e seu noivo. Mrs. Palmer declarou que seu genro é o "tipo ideal do homem que ela desejaria que entrasse em sua família". Na outra gravura, à direita, um terceiro flagrante da mesma e memorável cerimônia, vendo-se, também da esquerda para a direita: Mrs. Marion Sherry, mãe do noivo; os noivos e mrs. Woodbury Palmer, mãe de Bette Davis. A "estrêla" usou um vestido simples, com um bonito ramo de flores naturais na cintura e um chapéu singelo. Dir-se-ia que ela fôsse apenas realizar um passeio, um bonito passeio de fim-de-semana. (E a propósito: a mãe de Bette Davis havia, uma semana antes, contraído matrimônio, por sua vez, com mr. Palmer.)

★

Rosalind Russel não é apenas a artista da tela, querida e disputada por todos os estúdios, mas também a mãe-

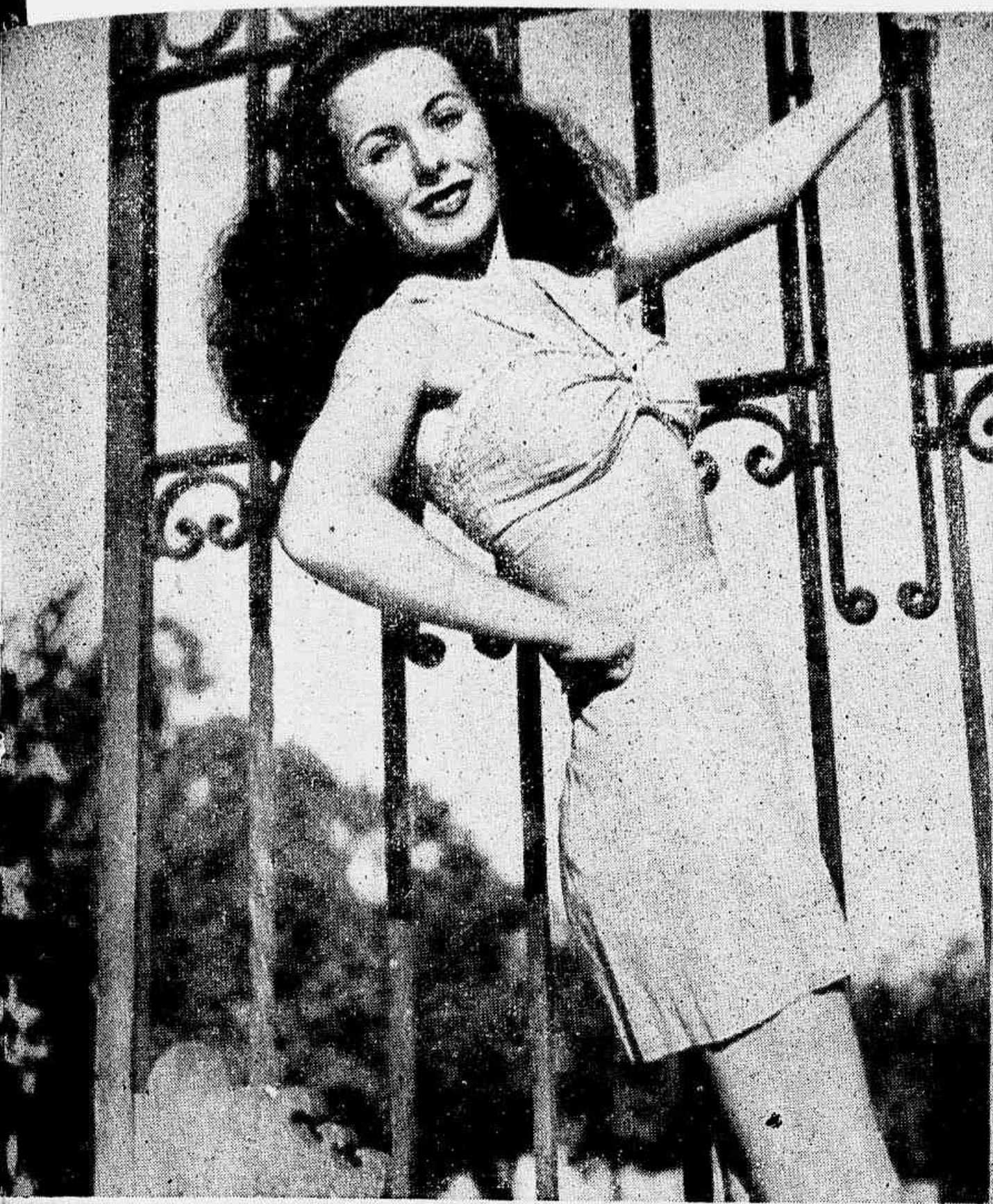
A "REVISTA DA SEMANA" EM HOLLYWOOD



NEW-YORK Não é muito fácil encontrar figurinos apropriados para as jovens que so agora começam a dar preocupações às mães, quando estas se interessam pela arte de bem vestir as filhas com simplicidade e elegância. Aqui está um modelo para jovem, em rayon vermelho vivo e branco. Sua filhinha poderá aproveitá-lo, sem dúvida.

PARIS A França está disposta a reconquistar o poderio perdido durante a guerra, no setor das elegâncias femininas. Os chapéus deste ano já receberam a influência direta de Paris, e os vestidos também. Aqui está um modelo "Andromaque", traje de noite, azul pálido, apresentado por Madeleine Vramant. (Foto S. F. I.)





HOLLYWOOD Mas a cidade do cinema por excelência continua dando a nota e apresentando aos seus "fans" de todo o mundo coisas de real efeito, iguais às que ilustram esta página. Ao alto, à esquerda, Dusty Anderson (da Columbia) oferece às leitoras um "short" ultra-chic, dando nas outras duas imediatas poses novos figurinos próprios para o campo. Na última fotografia, em baixo, Jeanne Crain (da 20th. Century-Fox) também nos oferece um traje que nossas leitoras poderão aproveitar agora, nas férias, para sua temporada na fazenda. New-York... Paris... Hollywood... Os grandes centros da elegância continuam mantendo a sua tradicional competição para levar a dianteira na preferência do mundo feminino.

A GRANDE COMPETIÇÃO ELEGANTE

A ESMERALDA

Gonto de
RUBY JAMES

PAUL saiu, batendo a porta. Lyster ficou sentado, aproveitando o silêncio que a presença barulhenta do amigo perturbara. Já longe das risadas ruidosas, êle ainda distinguia ecos da conversa. Pouco a pouco, porém, a calma foi se restabelecendo. Êle pensou: passarei a noite em casa hoje. Preciso de sossego. Paul só voltaria na segunda-feira. Fôra passar o fim de semana fora.

— Carta!

O empregado trouxe uma carta. Lyster abriu-a maquinalmente e tirou de dentro do envelope branco, comum, uma entrada para a estréia de uma peça muito anunciada. O espetáculo era naquela noite. Quem teria mandado? Êle virou o envelope: desfez-se o engano. Era para Paul.

— José! Esta carta não é para mim.

— Eu disse ao senhor que era para mr. Paul, mas o senhor estava distraído e foi abrindo...

— Bem, pode deixar.

O criado retirou-se.

Havia muito tempo que êle pressentia aventuras e mistérios na vida de Paul. A sua existência pacata sentia como que as ressonâncias das aventuras em que se metia o amigo e companheiro de apartamento. Dividiam o mesmo apartamento entre si: as suas vidas eram as mais diferentes possíveis. Para falar a verdade, Lyster se alegrava quando tinha uns momentos de descanso. A eterna vivacidade de Paul cansava-o um pouco.

Diante daquele envelope, entretanto, com o amigo longe, rumo ao campo, onde ia passar o fim de semana, Lyster comprazia-se em imaginar: qual seria o amigo — ou a amiga — que pensara em Paul, mandara aquela solitária entrada, talvez junto à poltrona onde deveria sentar-se? Uma môça, talvez. Talvez como aquela cujo retrato Paul mostrara um dia. Alva, loura, de vestido de baile, com uma esmeralda brilhando no seio. Paul pedira reserva. Era sua noiva, dizia. E com um sorriso: Não queria que as "outras"

soubessem que estava noiva...

— O senhor vai sair?

Lyster como que acordou.

— Hein?

Era o criado.

— O senhor vai sair? Eu queria...

Lyster lançou um olhar ao envelope, à entrada. O amigo não poderia aproveitá-la, de qualquer forma. Portanto... Portanto... Tomou uma decisão rápida.

— Vou sair, sim. Prepare o meu "smoking". Vou ao teatro.

★

— Perdão, cavalheiro, este lugar é meu!

Mal Lyster se instalou na poltrona, um homem de cabelos grisalhos aproximou-se e reclamou:

— Êste é meu lugar.

— Fila D n.º 3? — indagou Lyster.

— E' meu lugar.

— Impossível!

— Perdão, mas é que eu...

Lyster quase se levantara, intimidado pelo tom seguro do homem. E se fôsse tudo um engano?

Nesse momento ouviu uma voz familiar, firme, serena:

— Perdão. Os senhores estão enganados. O lugar é meu.

Paul! Lyster teve um gesto de cumprimento, mas o amigo fingira não conhecê-lo. Surpreso, Lyster levantou-se. Paul escoltou a môça loura, alta, com a esmeralda no seio, até uma poltrona. Depois sentou-se ao lado.

O cavalheiro de cabelos grisalhos desaparecera. Lyster olhou mais uma vez para Paul. Levou a mão ao bolso. Onde estava a entrada? Desaparecera também.

★

Na segunda-feira Paul não fez referências ao incidente. Lyster finalmente não pôde mais conter-se.

— Escutê, Paul, por que você não me reconheceu sábado à noite?

— Eu?

— Sim, no teatro.

— Meu amigo, você está de-

lirando. Eu estava fora no sábado.

— Eu sei. Você disse que ia, mas compareceu ao teatro. Eu vi.

— Então viu de mais. Está sofrendo de alucinações?

— Lógico que não. Você bem sabe que estive lá.

— Você é quem está me tentando convencer disso.

Lyster não compreendia. Por que o amigo se obstinava em negar uma coisa óbvia? Uma leve reminiscência de leitura de romances policiais levou-o a pensar num sócio. Não. Fôra Paul.

— Paul, eu francamente não entendo...

— Pelo amor de Deus, vamos parar com essa conversa tola?

Verificou que o amigo estava nervoso. Não insistiu. Alguns momentos depois o telefone tocava. Paul precipitou-se para atendê-lo. Fechou a porta da biblioteca e ficou falando lá dentro mais de uma hora. Lyster não teve vergonha de tentar ouvir pela porta. Mas Paul falava baixo.

Antes do incidente, Lyster estava acostumado a considerar o companheiro uma espécie de grande aventureiro. O homem de ação em contraposição com êle, o homem tímido. Agora agravava-se o mistério. Paul tornava-se um personagem misterioso.

★

Chegou à tarde a pequena caixa dirigida a Paul. Lyster viu José levá-la para o gabinete do amigo e colocá-la sobre a mesa. Passando por perto de Lyster o criado disse, quase em tom de advertência:

— E' para mr. Paul.

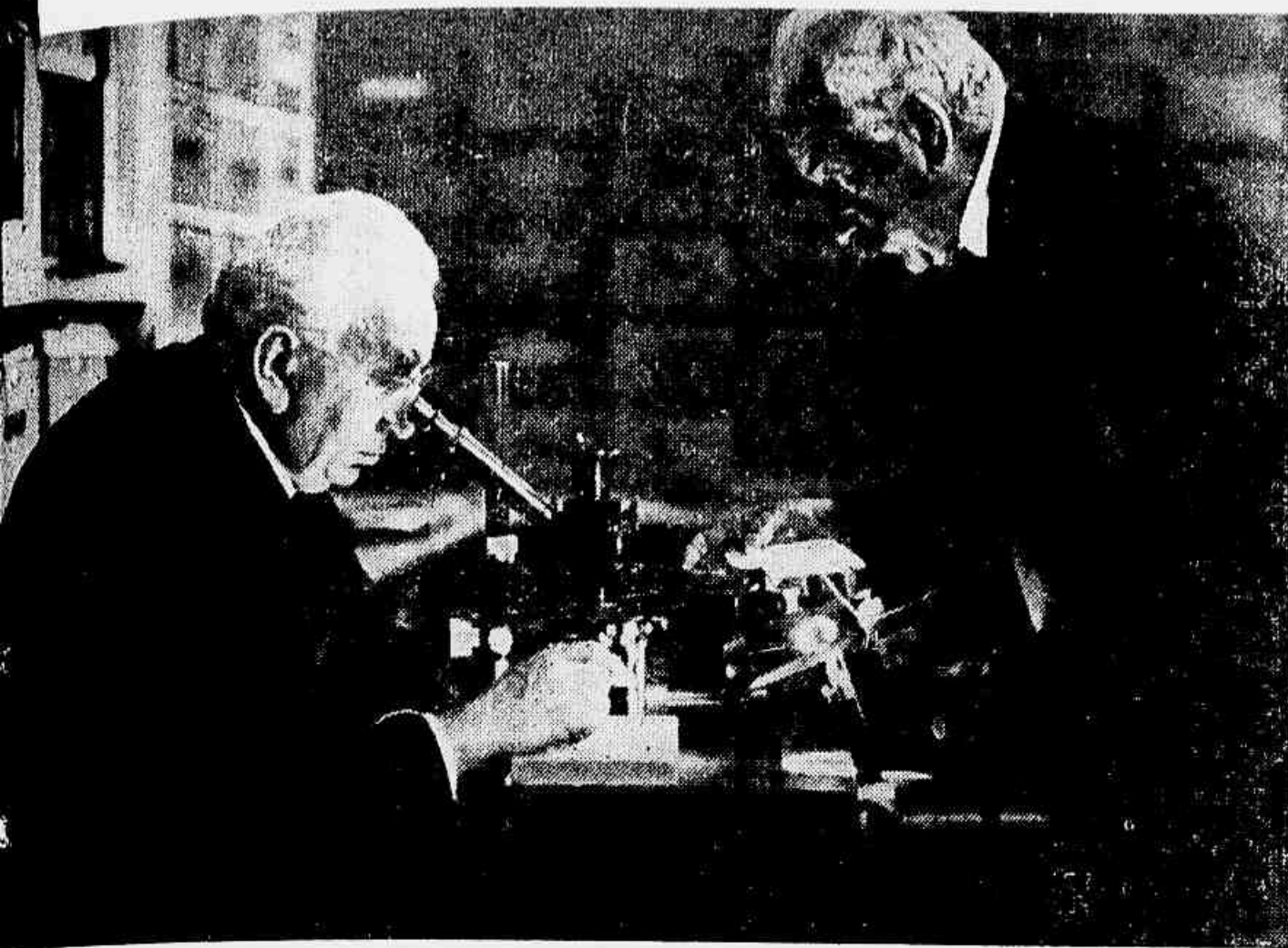
Que seria? Não estaria ali a solução de todo o enigma do amigo? Não estaria perto, ao seu alcance, o que êle buscava com tanta ansiedade? O segredo de tudo?

— Aquela caixa o tentava. Como resistir? Abri-la? Não. Não poderia. Entretanto...

★

Com as mãos trêmulas, olhares furtivos para os lados, Lys-

(Cont inua na pag. 45)



Os inventores do cinema, os dois irmãos Louis e Auguste Lumière, diante de seus aparelhos, quando se preocupavam com a sua notável descoberta, cujo meio século vai ser agora festejado na França.

EM 28 de dezembro de 1895 teve lugar em Paris a primeira sessão cinematográfica pública. Cientistas de todos os países assistiram-na, afim de observar "de visu" a nova invenção, que se julgava então ser uma idéia quimérica.

Celebra-se este ano o quinquagésimo aniversário do cinema. Muitas pessoas se recordam do seu início. A França desempenhou um papel importante nas pesquisas e na realização do cinema. Os inventores, os irmãos Louis e Auguste Lumière, produziram os dois primeiros filmes, intitulados: "La Sortie des Usines Lumière" e "L'Arroseur Arrosé". Muitos se lembram do meigo Méliès, com sua ingênua e viva poesia, e das cenas extravagantes, fantásticas, embora cheias de poesia. E' nesse sentido que se encaminha o cinema nascente. Como se admiravam os filmes,

MEIO SECULO DE CINEMA

Por HUG MEILLON

(Copyright do Serviço Francês de Informação)

embora imperfeitos se comparados com os atuais e maravilhosas realizações! Ainda está na lembrança de todos os filmes "Les 400 coups du Diable", 1910, interpretado por Méliès; "Judex", 1917, por Louis Feuillade; "La Mort du Soleil", 1920, por Germaine Dulas; "La Femme de Nulle Part", 1922, por Louis Delluc; "L'Inhumaine", 1923 por Marcel l'Herbier; "La Passion de Jeanne d'Arc", 1927, por Karl Dreyer; "Napoléon" 1926, por Abel Gance — todos êles filmes monumentais na época.

"Quai des Brumes", de Marcel Carné, levado nas telas brasileiras sob o título "Cais das Brumas", um dos grandes filmes do cinema francês e uma das maiores interpretações de Jean Gabin.

OS "CLÁSSICOS" DO CINEMA FRANCÊS

René Clair, herdeiro direto de Méliès, que soube impor aos filmes em que tomou parte a sua visão do mundo e dar, assim, em cada detalhe, uma aparência inesperada e pessoal; Duviver, nos filmes "Pépé le Moko" e "Poil de Carotte"; Feyder, em "Kermesse Heroique"; Renoir, em "La Grande Illusion" e "Bête Humaine"; Marc Allegret, em "Lac Aux Dames", que teve grande êxito; e Marcel Pagnol, em "Angèle" — podem ser considerados os clássicos, os mestres do cinema francês. Na nova escola, entre outros, vemos Herbiere que, com seus filmes "La Nuit Fantastique", "Visiteurs du Soir" e "Enfants du Paradis", revelou-se um grande artista, um mestre, em suma.

(Continua na pág. 44)

E finalmente o celebrado Max Linder, que as novas gerações não conheceram, o comico famoso do advento da cinematografia. Cena de uma de suas hilariantes comédias, produzida no ano de 1908. Max Linder é o de braço erguido, tentando esmurrar o ramo de flores que certamente não chegou a oferecer à diva de seus amores. O filme era da marca "Pathé", com a ave clássica cacarejando um cocorocó.



Srs. comerciantes, industriais e banqueiros,
utilizai um dos mais eficientes veículos de publi-
cidade da Capital da República, anunciando nos:



ALTO-FALANTES LOCALIZADOS NA ESTAÇÃO D. PEDRO II,

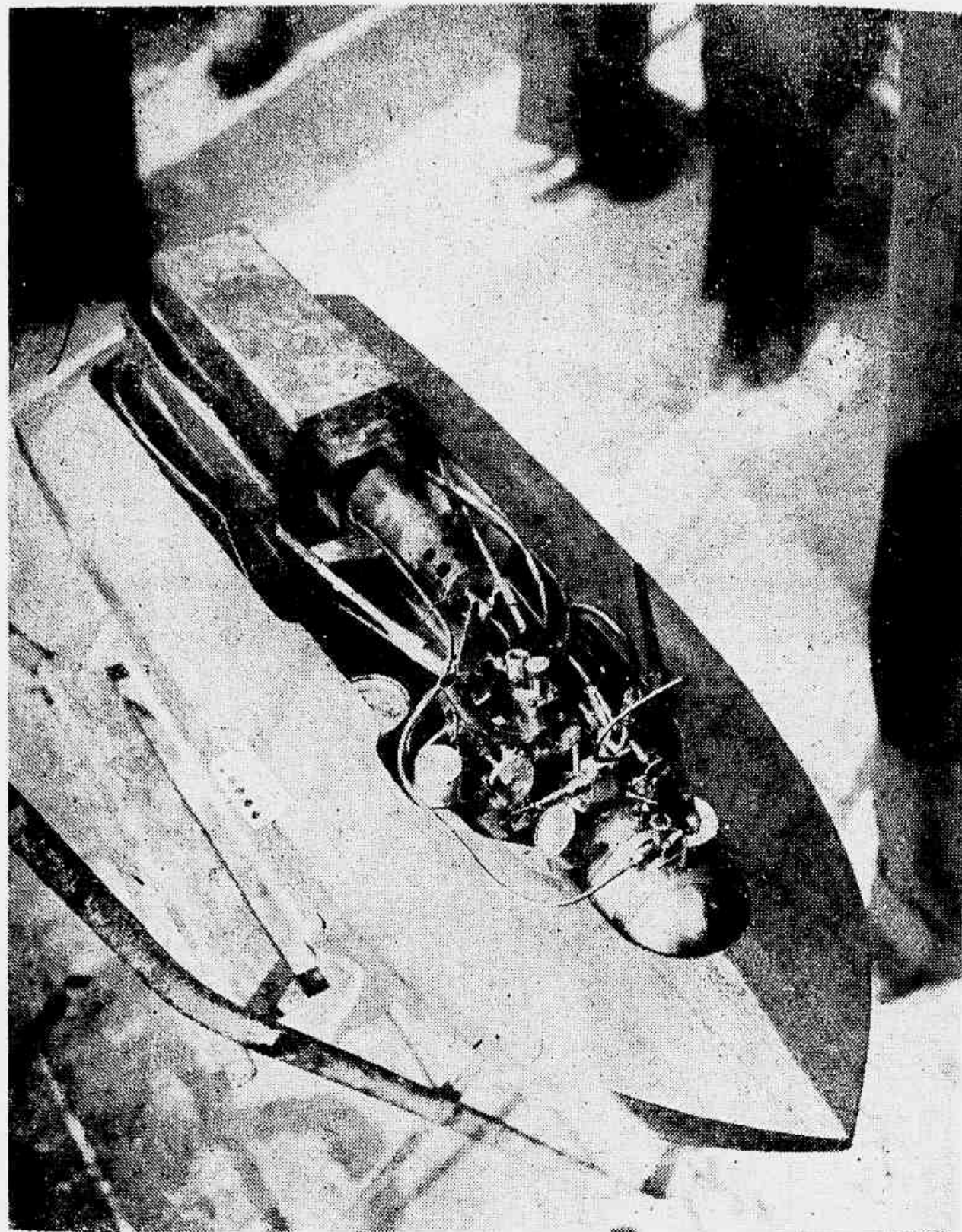


por onde passam, diariamente, 360.000 pessoas, e
na Estação do Meier, e Restaurantes dos Servido-
res da Estrada de Ferro Central do Brasil (7.º andar
da Estação D. Pedro II), Francisco Bicalho e Ofi-
cinas do Engenho de Dentro em irradiação feita
simultaneamente.



INFORMAÇÕES:

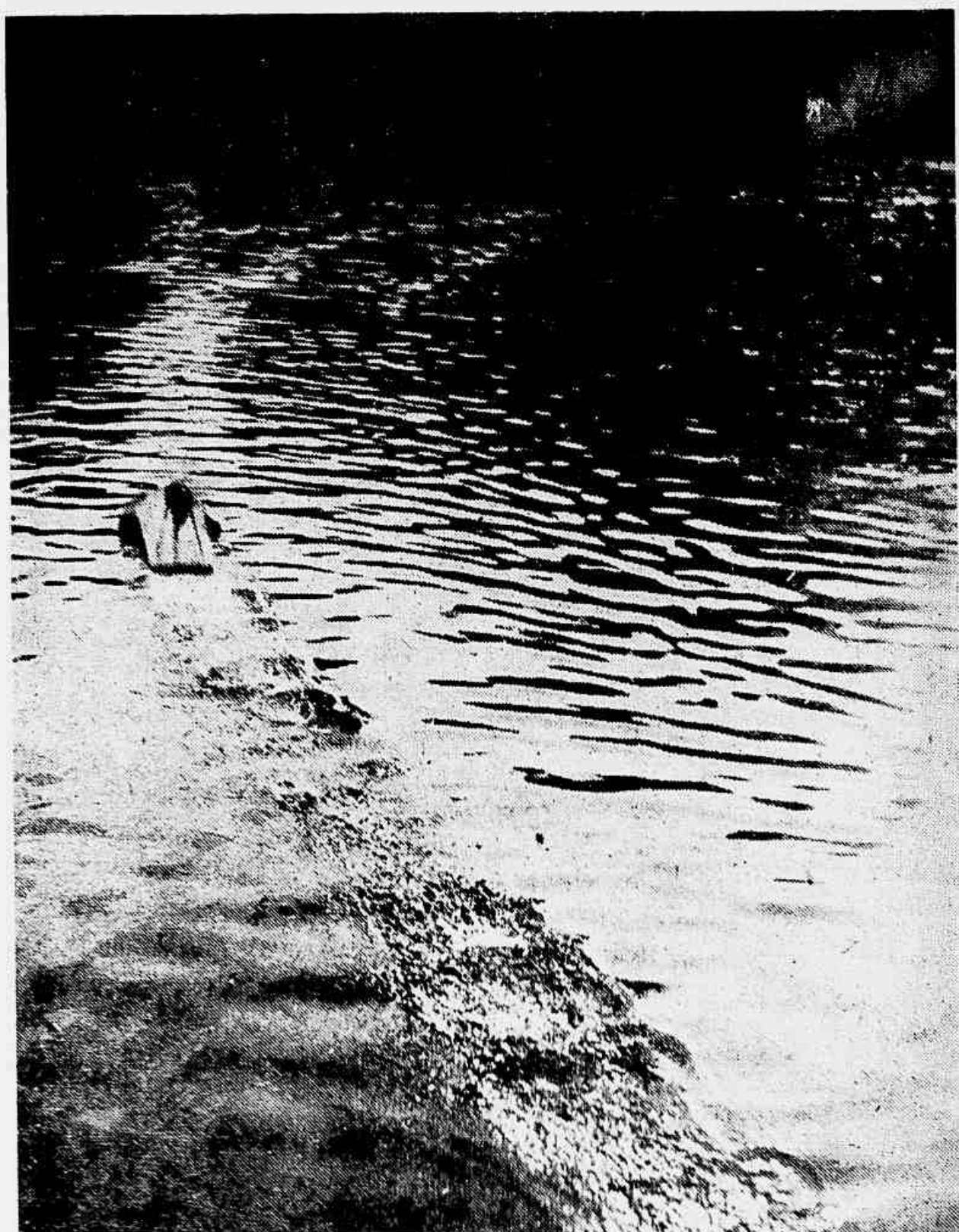
SERVIÇO DE TURISMO E PUBLICIDADE DA
ESTRADA DE FERRO CENTRAL DO BRASIL
7.º andar do Edifício da Estação D. Pedro II,
salas 700 a 710 — Fones 43-9331 e 43-9562.

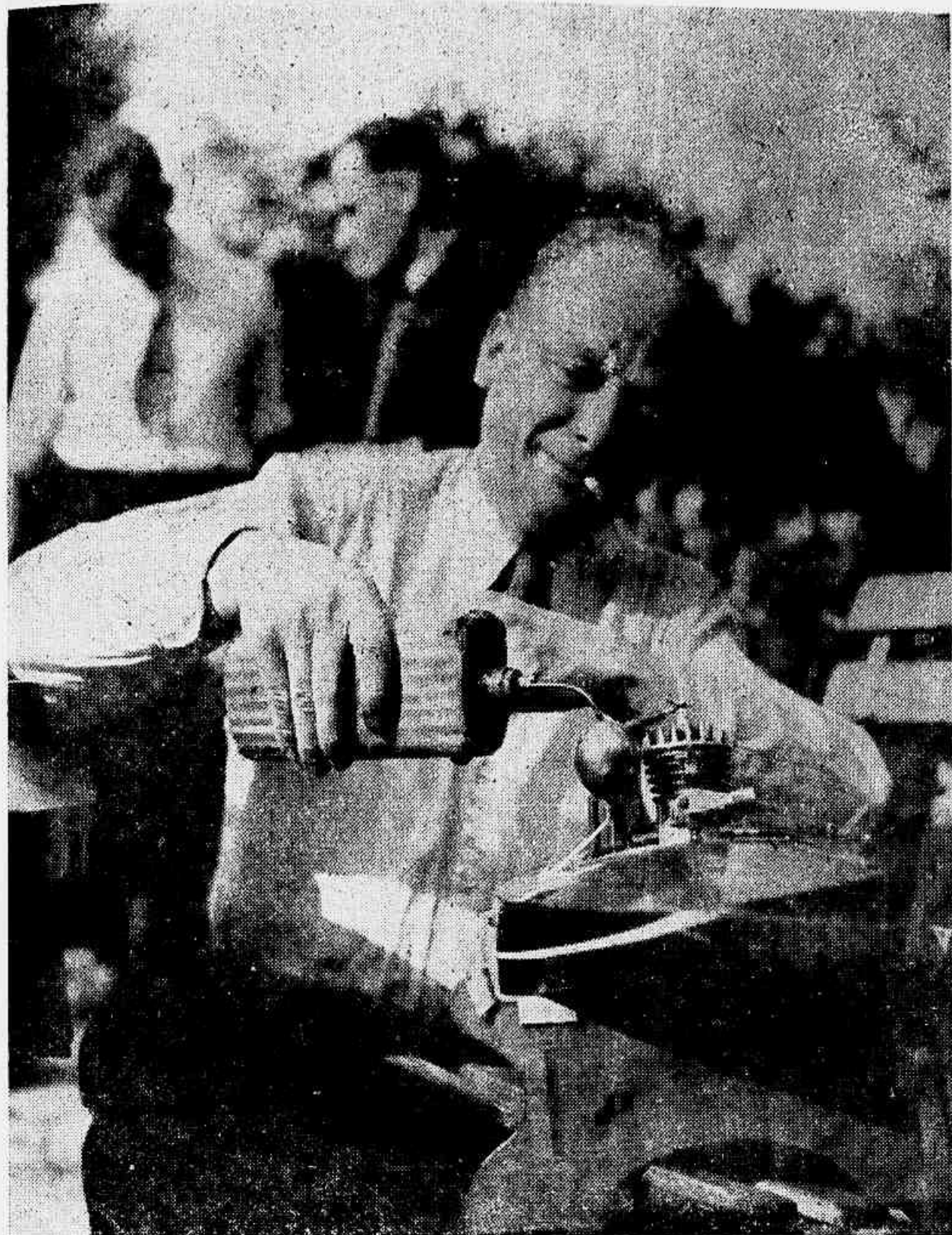


1 Numerosas competições atraem os maníacos e amadores de construções de barcos em miniatura com motores, hélices, tudo também em miniatura. Nesses certames, realizados na França, é observada a reação das diferentes peças ao contacto da água.

BRINQUEDOS

3 Outro brinquedo para adultos. Um barco em plena velocidade, deslizando por sobre as águas. Foi construído por um homem que voltou da guerra, ferido, e aproveita suas habilidades nesse mister. As crianças são as que mais aproveitam o brinquedo.

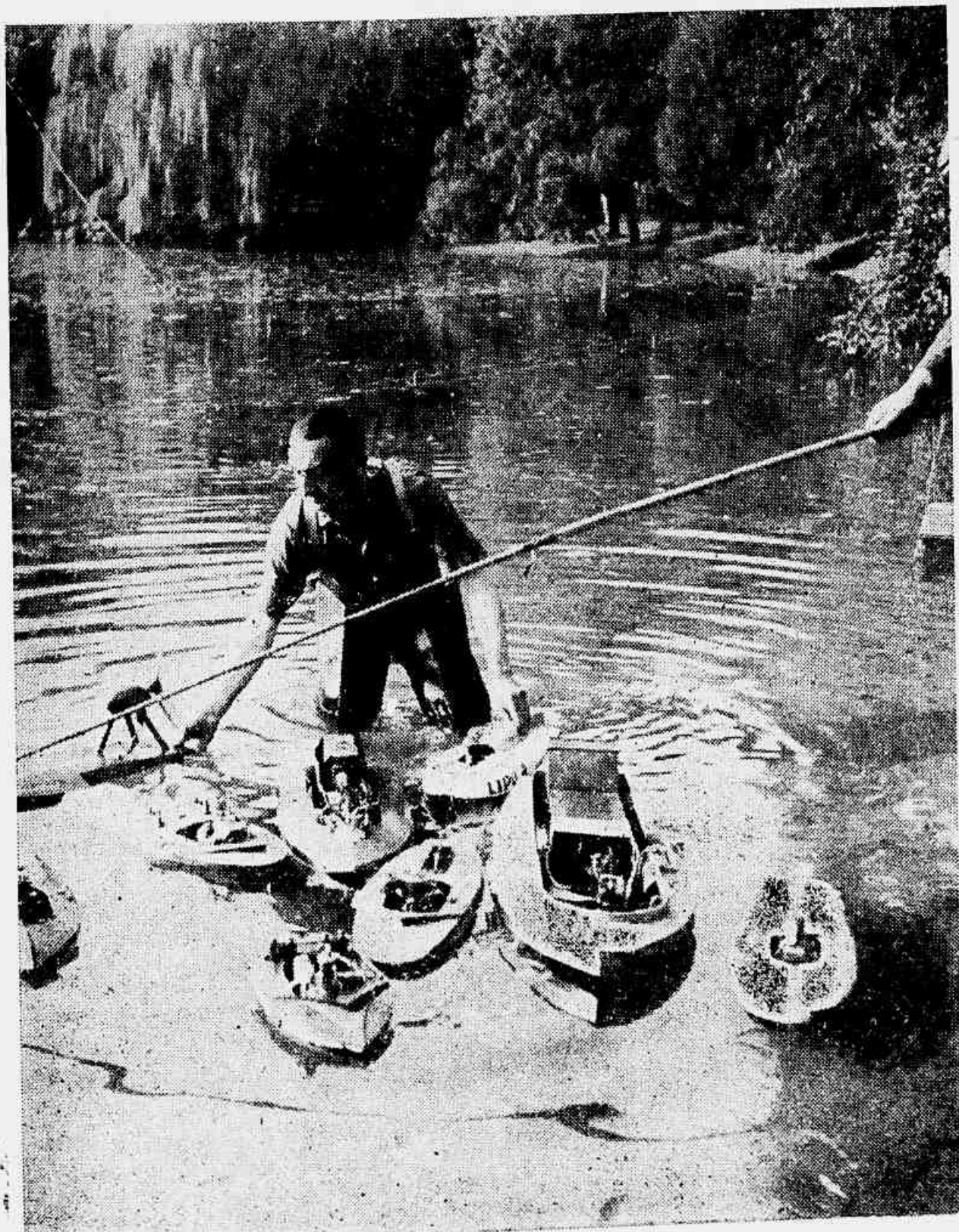




2 Antes de colocar o seu barco na água, um dos concorrentes faz a lubrificação de sua criação. Ele é uma criança grande. Procura, talvez, esquecer as ocorrências da guerra distraíndo-se com passatempos de que seus netos gostariam também de participar.

PARA ADULTOS

4 Após os ensaios, os barcos são reunidos e devolvidos a seus proprietários. E assim se improvisam corridas de pequenas embarcações, regatas em miniatura. Já existe gasolina para "desperdiçar" nessas pitorescas provas esportivas muito e mmoda na França.



o Inimigo Invisível
RI-SE DO ESPÊLHO

**Porque o espelho
não pode revelar o seu "Inimigo Invisível"
a acidez bucal de origem bacteriana**

Mas, se a acidez bucal de origem bacteriana não for evitada, pode sobrevir a cárie.

Para combater esse "Inimigo Invisível" *you* precisa limpar os dentes regularmente. Use o Creme Dental Squibb, que é algo mais do que um simples dentífrico.

O Creme Dental Squibb limpa os dentes com segurança e eficiência, deixando na boca uma sensação agradável de limpeza e frescor. O Creme Dental Squibb contém Leite de Magnésia Squibb, cujo contato contribui para a neutralização dos ácidos da boca.



CREME DENTAL

SQUIBB

PARA AS FERIAS

Escolha, para as suas férias, uma leitura instrutiva porém amena; compre um livro que encerre os mais diversos assuntos e cuja leitura interesse ao senhor, à sua senhora, aos filhos.

Esse livro é o "ALMANAQUE EU SEI TUDO" para 1946, à venda em toda parte.

Ali estão todos os assuntos para todas as pessoas: o velho, a criança, o homem, a mulher, quer resida na cidade quer no campo.

Informações sobre o ano, calendário, artigos diversos, caricaturas, cinema, artes, ciência, contos e um lindo romance — tudo ilustrado.

Preço Cr\$ 10,00. Pedidos à Cia. Editora Americana. Rua Visconde de Maranguape, 15, Rio.

Atende-se pelo serviço de reembolso postal ou mediante vale do Correio.

"ALMANAQUE EU SEI TUDO"

Livros

O CAMINHO DA CULPA, romance de Joaquim Paço d'Arcos — Edição da Parceria A. M. Pereira — Lisboa, 1945.

O CAMINHO DA CULPA

PARCERIA A. M. PEREIRA
LISBOA - PORTUGAL

Esta edição do romance do Sr. Joaquim Paço d'Arcos foi feita especialmente para o Brasil. Não quer isso dizer que seja diferente, no texto, das duas anteriores. Traz, porém, um prefácio do Sr. Ribeiro Couto, da Academia Brasileira de Letras. E essas páginas, ligeiramente traçadas, nos dão um resumo da biografia do romancista, alguns dados, com muitas opiniões, acerca das suas obras e um atestado do seu talento a que corresponde a mais bela sinceridade.

O Sr. Paço d'Arcos precede um pouco à maneira dos autores célebres que passam os personagens duma história para a outra, mantendo-os assim numa cadeia de família que lhes vai acentuando a feição individual e, em conjunto, a verosimilhança. Sem falar de Balzac, Zola e do moderno Romain Rolland, assim fez nas letras portuguesas Teixeira de Queiroz com a série *Comédia Burguesa*, subordinada a vários fúteis, e aquilo a que poderíamos chamar romance em dois volumes: *D. Agostinho* e *Morte de D. Agostinho*. Mas o autor do *Caminho da culpa* não transfere propriamente os seus heróis através dos entrechos que vai compondo. Conserva apenas algumas figuras secundárias, com o fim, suponho nós, de esabelecer ao redor dos principais uma espécie de comparação permanente como o cenário — que é Lisboa. Na mais brilhante e nobre sociedade lisboense decorre a ação do *Caminho da culpa*. Trata-se principalmente dos amores, duplamente adulterinos, duma senhora de fino e formoso destaque na alta roda alfacinha e um médico de grande valor e grande nomeada. Pela evidência mesma de Eugênia Maria e do professor Paulo de Moraes no meio em que vivem, a sua atração recíproca estava mais que indicada, era fatal. A esposa de Moraes se be e cala-se; o marido de Eugênia Maria não se sabe bem se sabe ou não. Às vezes, parece simplesmente pavor, outras vezes espertelhão, outras ainda interesseiro e cíico. Com as reservas que são obrigadas a manter, os empecilhos que se lhes possam deparar, nem por isso os dois amam, nem deixam de manter a serenidade e a harmonia. Os seus encontros nas salas, nos jardins, nas festas mundanas ou de caridade obedecem à pura distinção — embora outras damas ou cavalheiros não mantenham com relação àqueles amores a reserva delicada que a educação mais simples lhes imporia. Nos capítulos animados por essas reuniões, há certo excesso de detalhes, um desenvolvimento de análise e explicações, em que, seja por influência da leitura admirativa, seja por mera aproximação dos dois temperamentos, dos dois romances, se estabelece alguma semelhança entre a "maneira" do Sr. Paço d'Arcos e a de Marcel Proust. Mas a rota pessoal do romancista português prevalece em geral e, por fim, vitoriosamente se impõe. O amor que domina no livro presente, nem sempre igual de ambas as partes, recebe de página em página uma definição mais precisa e mais intensa. Nós o imaginávamos, por assim dizer, perfeito. Parecia-nos imutável, porque as duas criaturas iriam por si mesmas mudando com o tempo, para que de se não alterasse ou elas não sentissem rigorosamente a mudança. Mas uma brutalidade do destino sobrevém, para tudo arruinar. Em Eugênia Maria revela-se a desfeição, que este caso se figura especialmente injusta, estúpida, de carcer. E é num desfeição. Então o romance evolui para a tragédia. A heroína sente-se vítima sobretudo. As amarguras repetidas e crescentes da adversidade vão lhe formando em volta qualquer coisa de intangível. E bem a tragédia, e caso sem solução a não ser a morte. E, acompanhando aquele martírio progressivo, a imagem do escritor se vai tornando mais grave, mais nobre até à última página.

NOÇÕES MILITARES FUNDAMENTAIS, por J. B. Magalhães — Editora, Biblioteca Militar, — Rio de Janeiro, 1945.

NOÇÕES MILITARES FUNDAMENTAIS

Coronel J. B. Magalhães

BIBLIOTECA MILITAR

Este livro traz uma longa Introdução que o explica, dando-lhe toda a razão de ser. A questão magna da guerra, problema angustioso e sempre ameaçador, que a toda a gente interessa, de bem poucas pessoas é devidamente conhecida. Os homens mesmos de cuja compreensão pode depender o desencadeamento de tal flagelo, e tal escarneo para a civilização, em muitos casos procedem como se estivessem a mil léguas de imaginar os horrores do dia seguinte e as consequências que por lustros e décadas se hão de prolongar. Com a Alemanha já, por assim dizer, em marcha, desta vez como em 1914, ainda em Paris políticos, diplomatas, jornalistas — sem falar dos industriais da guerra — se referiam aos acontecimentos com serenidade e firmeza, como se nem a França nem outro país corresse o menor perigo. Esperava-se que os Chefes de Estado, à última hora, considerassem bem a extensão de tal catástrofe e se entendessem para a conjurar. Foi a observação desse estado de espírito coletivo que sugeriu a Jean Giraudoux a bela reconstrução histórica, fermigante e rebrilhante de alusões ao nosso tempo, *La guerre de Troie n'aura pas lieu*. Segundo o coronel J. B. Magalhães os atuais responsáveis pelo destino dos povos perante a guerra sobretudo pecam por anacronismo ou atraso de orientação:

"Os políticos — diz ele — ou representantes dos povos que discutem os prélios ou orientam sua solução, forçados já a se revestirem duma indumentária nova, a usarem formas e processos requintados, ainda não dão garantias de diferirem, se é que diferem, dos homens de outras eras". E, pouco adiante, observa o autor que "há ainda, de fato, uma mentalidade retardada na política internacional, não obstante os progressos realizados, que impede eliminar a guerra dos costumes, muito embora esta seja um escândalo quase incompreensível, perante a lógica dos conhecimentos já adquiridos sobre o mundo e os homens".

Muito se afirmou e se pretendeu demonstrar que a guerra de 1914-1918 seria a última, definitivamente. O mesmo se assegurava e se quer provar acerca da convulsão que, tendo agitado o mundo durante os últimos cinco anos, ainda não cessou de o alarmar. E, ainda por cima, agora a bomba atômica! Sobre todos os receios e desencorajamentos, esta ameaça calamitosa que se outra guerra vier — e talvez não esteja muito longe — as novas armas lhe tornam mil vezes maior a eficiência mortífera e arruinadora. Até se pode prever que, desta humanidade e deste planeta, não fique absolutamente coisa alguma.

Sem acentuar tal hipótese, o Sr. J. B. Magalhães cuidou de preparar, em princípio, não apenas os militares mas também os civis no sentido de evitarmos a guerra ou, em caso contrário, a melhor maneira. Para isso compôs o presente livro, que vai a cerca de quarentas páginas de amplo formato e se divide em dez capítulos, intitulados o primeiro, bem sugestivamente, "Das forças morais na guerra" e o último, não menos impressionantemente, "Momento humano".

Novos

POEMA DO MEU DESESPERO, por Arruda Dantas — Editora "Letras, Limitada — São Paulo, 1945.

Neste título há de fato grande desespero. O desespero é sempre, em verso, muito maior do que em prosa. Pela força do ritmo e sob o império das imagens, exagera-se a si mesmo. Só lhe acodem definições, expressões absolutas. De vez em quando, porém, uma página, uma estrofe, um verso basta para desmentir tudo aquilo.

O Sr. Arruda Dantas é moço, sofre ou, talvez mais apropriadamente, gosa de exaltações provocadas por qualquer espetáculo do mundo, qualquer aspecto da vida, em suma: qualquer assunto. Enche-se então, sacura-se de indignações e revolta. Invetiva os homens e chega a pedir contas a Deus Nosso Senhor. O Poema para Hitler constitui uma descompendida poética tão inflamada, tão arrebatada que termina proclamando Atila, por comparação, um benfeitor digno de se lhe beijarem os pés... Outras vezes, porém, as composições do Sr. Arruda Dantas se revestem de serenidade e doçura ou assumem a feição do louvor mais fervoroso. Está neste último caso a bela Ode ao poeta popular Martins Fontes, que não cabe inteira no espaço destas notícias e da qual, por isso, nos limitamos a transcrever a primeira quarta parte:

Tu,
tu, que foste Poeta, e que atingiste, fundo,
na irradiação do Bem e na luz da Verdade,
o total misticismo, o sentido fecundo
da Poesia,
na ideologia
de esplendor de Beleza e de arder de Bondade.
E que, sincero e bom, espalhaste no mundo,
num sonho franciscano, a repartir com todos,
o tesouro que tinhas.
Tu, que não só quiseste escrever lindos versos,
em golfadas sutis de prazeres diversos,
das rimas à cadência embalando os ouvidos,
e na orgia dos sons elevando os sentidos,
arrebatando as almas.
Tu, que fizeste mais do que receber palmas,
e cingir-se ao triunfo.
E música fizeste como Bach.
E viveste, da glória, a visão de Beethoven.
E que te não ligaste à riqueza, somente,
dessa onomatopéia poderosa.
Mas que foste capaz de inculcar aos que te ouvem,
aos que te têm, te sentem, transmitindo,
o desejo do Bem.
Espalhaste verdade, espalhando beleza



A CHAVE DA CRISE, por Almeida Rocha, com prefácio de José de Sá Nunes — Imãos Porgetti, editores — Rio de Janeiro, 1945.



O Sr. Almeida Rocha pertence ao número dos heróis que ainda se batem pela pureza do idioma e a maneira acertada de o usar. Não faltará de certo quem diga a esses paladinos da linguagem: Para que há de você perder o seu tempo distinguindo, ensinando o que é e o que não é bom português? Ninguém, hoje em dia, se interessa por isso. A ignorância da gramática ou o desprezo pelas suas regras não impede pessoa alguma de subir, triunfar. Não há profissão para a qual verdadeiramente se exija a correção do falar e do escrever, e indivíduos que, há quarenta ou cinquenta anos, seriam por tal motivo reprovados no exame de primeiras letras ocupam hoje posição saliente e dão leis no magistério. Ocupe-se você, portanto, de coisa mais útil, de mais valor prático: fale bem. Outro ofício, amigo, outro ofício! Mas os estudiosos como o Sr. Almeida Rocha prosseguem na missão de ensinar o que aprenderam. São em pequeno número mas de grande fé. Merecem a qualificação de abnegados. Por isso mesmo que se sacrificam, fazem jus a maiores louvores. E daí, quem sabe? Talvez esta moda de desdém pelas normas clássicas venha a passar, à imitação

das modas do vestuário ou da dança, e se volte ao tempo em que um erro de gramática tornava irrisória uma individualidade e podia dar cabo duma reputação...

O organizador do presente livro tratou da crise desde a sua etimologia: do grego *krásis* que significa "mistura". Notou-lhe todas as razões de ser, bem como os cabimentos e aplicações. Para todos os casos arranhou citações de abono. E já na carta prefácio o Sr. Sá Nunes nos dissera que o autor havia esgotado o assunto.

AREIA DA PRAIA, de Hyldeith Favilla — Zélio Valverde, editor — Rio de Janeiro, 1945.

A Sra. Hyldeith Favilla vai no quinto volume de versos. O primeiro data de 1929. E a sua airosa figura, que os salões elegantes e as revistas ilustradas tornam tão conhecida, nos fazem depreender uma carreira de menina prodígio. Há dezesseis anos, indubitavelmente, era ainda uma criança. E, se as certidões oficiais a dão, naquela data, em plena mocidade ou na adolescência, as feições, as maneiras, a inteligência, a alegria desmentem os atestados — e são elas que teem razão.

Assim a Sra. Favilla é uma veterana, apenas pelo volume da sua bagagem poética. Cinco livros de versos não são brincadeira, sobretudo se bons. E a autora de *Areia da praia* os fará bons, os fará ótimos sempre que queira. Ao seu raro temperamento de artista, ao seu não menos rico sentimento poético, corresponde aquilo a que podemos chamar virtuosidade. Ao realizar algumas das páginas aqui presentes, cedeu a poetiza ao capricho dos versos não apenas brancos e de ritmos variados mas de vez em quando, sem nenhum preceito clássico, inteiramente arbitrários. Nessas páginas mesmas, porém, há beleza e emoção, como, por exemplo, na que se intitula *Contrastes*:

Tudo está tão festivo!
Há sinos bimbando
no coração rubro da natureza.
Cantam os pássaros, alegres,
no verde das ramadas
por fugirem do outono...

— E em meu corpo a angústia do abandono.
— E em minha alma o veneno da tristeza.

Está tudo tão triste...
Há um vazio imenso
amortalhando a terra de temor...
Ná teta fina do céu
nem uma só estrela,
nem um raio de lua...

— E, em meu corpo, a alegria de ser tua!
— E, em minha alma, a vertigem de teu amor!

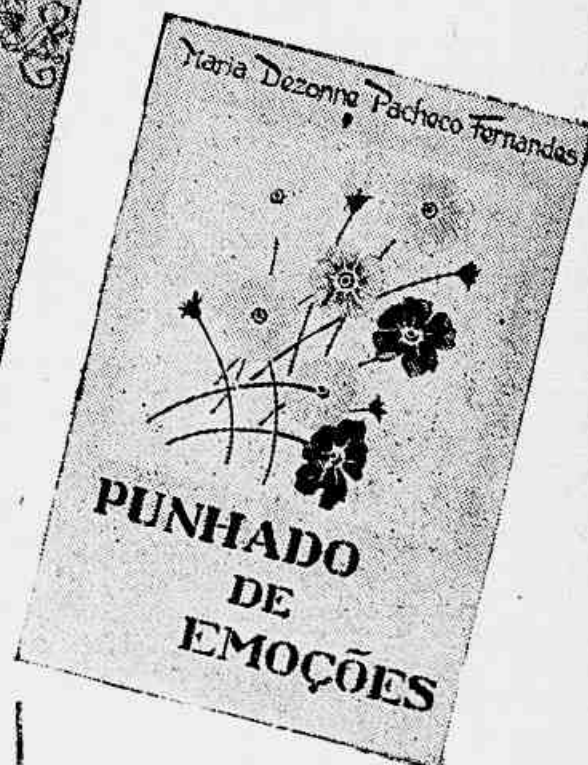


ROGER & GALLET

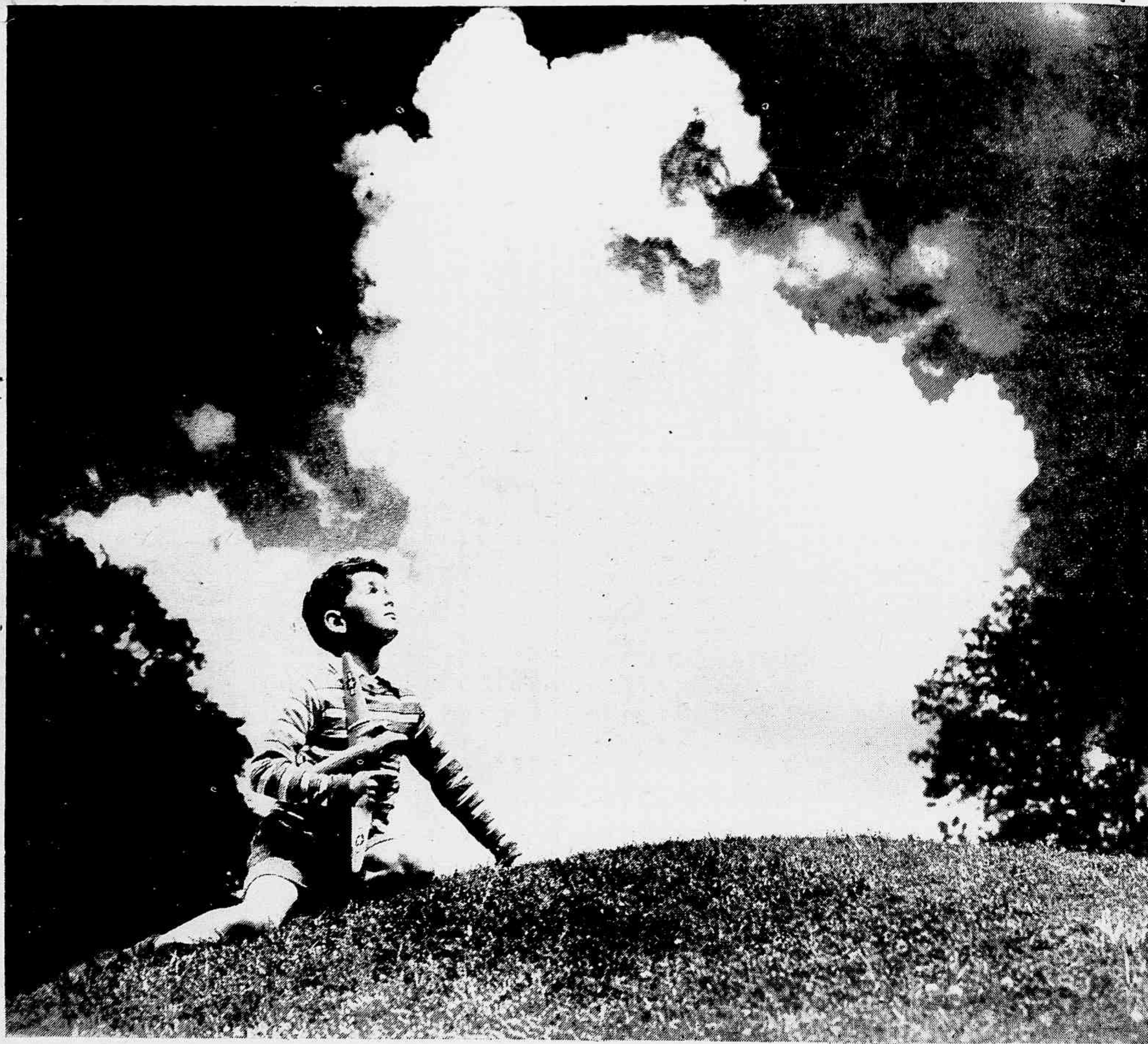
"As mulheres de minha Terra ofereço êstes dois livros, escritos pelo Coração e para o Coração — SACRIFÍCIO DE MÃE, romance, PUNHADO DE EMOÇÕES, poemas em prosa."



Maria Dezonne Pacheco Fernandes



A venda nas
boas livrarias.



Nascido a tempo de herdar um milagre...

"A penicilina salvará vidas... Depressa!"

Foi o apêlo lancinante do mundo sofredor, há apenas quatro anos. A medicina demonstrara claramente que a penicilina poderia curar muitas doenças infectuosas para as quais antes não havia tratamento adequado. Mas, como produzir em larga escala a nova droga que salvaria milhões? No mundo inteiro não havia penicilina suficiente para tratar meia-dúzia de pacientes.

Partindo de uma quantidade mínima de "Penicillium notatum" contida num pequenino frasco, a Casa Squibb dedicou ao problema seus 87 anos de conhecimentos, experiências e recursos científicos. Hoje, em lugar daquele pequenino frasco há baterias de tanques de 15.000 galões, produzindo mensalmente bilhões de unidades de penicilina, para uso dos

médicos do mundo inteiro. A Casa Squibb atendeu ao apêlo "depressa!" e é atualmente um dos maiores produtores dessa droga essencial. Assim, pois, qual foi a herança dêste garoto e de sua geração? Uma bênção da medicina que promete espalhar mais benefícios do que qualquer outra descoberta conhecida. Um milagre de pesquisa e de produção deu-lhe e aos seus companheiros a oportunidade de ser mais rico em saúde e felicidade do que jamais o foram seus antepassados.

**E·R·SQUIBB & SONS
DO BRASIL, INC.**

Produtos Químicos, Farmacêuticos e Biológicos

FAMA MUNDIAL EM PESQUISAS MÉDICAS



A aluna do Colégio Arte e Instrução, Alcy Marianna M. de Barros, agradece à Caixa Econômica, em nome dos estudantes, as atenções e homenagens prestadas à classe estudantil.



O sr. Jacques Salles, alto funcionário da Caixa, saúda em nome desta os escolares, fazendo ainda um histórico do Serviço de Economia Escolar e os seus magníficos resultados.

ENCERRADA COM BRILHANTISMO A SEMANA DA ECONOMIA DE 1945

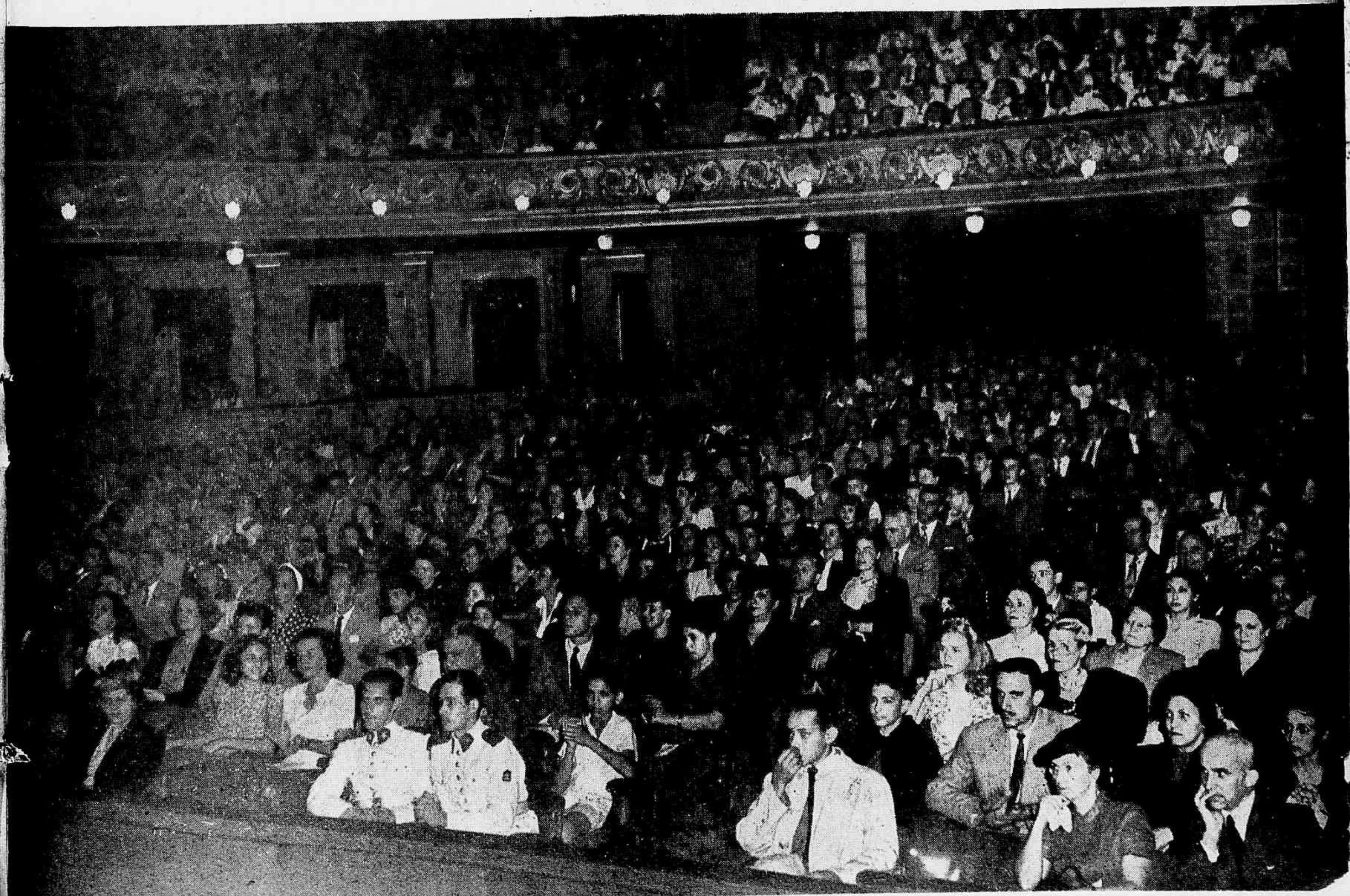
Com a Festa do Curso Secundário realizada no dia 10 do corrente mês no Teatro Municipal, encerrou a Caixa Econômica Federal do Rio de Janeiro, com absoluto êxito, a Semana da Economia de 1945, tradicional certame que é o ponto culminante do programa de difusão que a popular instituição executa anualmente, interessando às mais diferentes camadas sociais da população da metrópole. A Festa do Curso Secundário, motivo central da cerimônia de encerramento, foi abri-

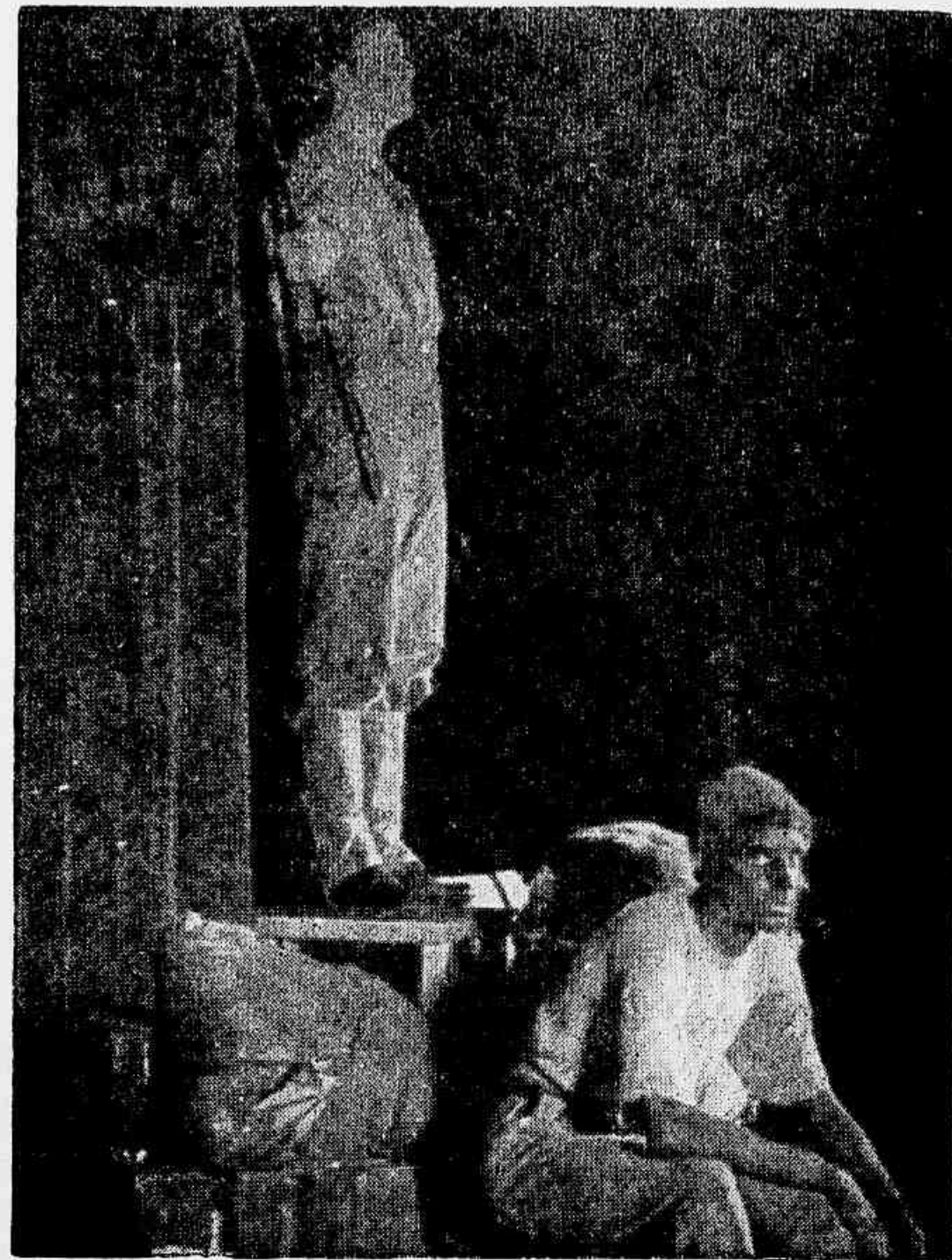
lhantada com a representação da revista "Festa da Primavera", de autoria de Pedro Bloch desempenhada por um excelente grupo de alunos das nossas escolas secundárias. Da 1.ª parte constou a entrega dos prêmios aos colegiais vencedores do Programa dos Novos e da Maratona Intelectual de 1945, que os receberam das mãos dos componentes da mesa, presidida pelo sr. Carlos Luz, sob entusiasmáticas palmas da assistência. A seguir desenvolveu-se a 2.ª parte da festa, com



Em cima — O sr. Carlos Luz cumprimentando as representantes do Córpo Orfeônico do Instituto de Educação, classificado em 1.º lugar.

Em baixo — Aspecto da assistência que lotou completamente o Teatro Municipal, durante a Festa do Curso Secundário.





Ao alto — Quadro vivo intitulado "Pai João", interpretado por José Alberto Teixeira (Preto Velho) e Lamartine Soares (Soldado). A esquerda — Intérpretes do quadro "Sonho Oriental". São eles: Derly da Cunha, Princesa; Therezinha Oliveira, Ala; Delso Porto, Sultão; Paulo de Lima Barbosa, Príncipe, e Flavio Pamplona, Conselheiro. Em baixo — Número de dança do quadro "Uma valsa de Chopin", muito aplaudido.

a representação da peça teatral referida. Belíssimos números de dança, canto e música foram executados, entremeados por interessantes "sketchs" cômicos, que culminaram em belíssimas apoteoses de fundo patriótico, recebendo os estudantes fartos aplausos da assistência. Dos números executados destacaram-se "Te quero" "Pai João", "Sonho Oriental", "La Bohême" "Uma valsa de Chopin" e outros, sendo abrilhantado o festival pela orquestra da Rádio Nacional, sob a regência do maestro Léo Peracchi. Foi um espetáculo de raro brilho, êsse do encerramento da Semana da Economia de 1945, que marcou um retumbante sucesso.

No "foyer" do Teatro Municipal a nu-



Em baixo — Passagem do quadro "Te quero". Tenor, Edson Macedo; bailarina, Beatriz Rezende; bailarino Oswaldo Waddington, com figurantes do Colégio Franco-Brasileiro.

Em baixo — Grupo de lindas alunas do Instituto La-Fayette, que figuraram no esplêndido quadro "Uma valsa de Chopin", bela composição de música e dança.





Reprodução de cinco painéis da Exposição do Serviço de Economia Escolar, que funcionou no "foyer" do Teatro Municipal, evidenciando o notável progresso desse departamento da Caixa, destinado a incentivar entre os escolares o hábito muito louvável da economia.

merosa assistência teve oportunidade de apreciar a Exposição do Serviço de Economia Escolar, o importante departamento criado pela Caixa Econômica em 1938, para difundir o hábito da poupança entre os nossos escolares, dos quais cerca de

180.000, até esta data, já se constituem seus depositantes, com um montante de depósitos que se aproxima de cinco milhões de cruzeiros. Essa exposição, que foi muito admirada, reuniu numerosos painéis, alguns reproduzidos nesta reportagem.

QUADRO DE HONRA

QUADRO DE HONRA

- 1º DISTRITO EDUCACIONAL**
 COLEGIO "REPÚBLICA DA COLOMBIA" - Direção: Dr. João de Deus
 ESCOLA "RUIZ DE ALCAZAR" - Direção: Dr. João de Deus
 ESCOLA "CELESTINO SILVA" - Direção: Dr. João de Deus
 ESCOLA "MARTIN LUTHER KING" - Direção: Dr. João de Deus
- 2º DISTRITO EDUCACIONAL**
 ESCOLA "GENERAL M. T. DE" - Direção: Dr. João de Deus
 COLEGIO "JOSE BONIFACIO" - Direção: Dr. João de Deus
 ESCOLA "JULIO FORTES" - Direção: Dr. João de Deus
- 3º DISTRITO EDUCACIONAL**
 ESCOLA "JULIA LOPES DE ALFONSO" - Direção: Dr. João de Deus
 COLEGIO "JOSE DE ALENCAR" - Direção: Dr. João de Deus
- 4º DISTRITO EDUCACIONAL**
 ESCOLA "PEDRO ERNESTO" - Direção: Dr. João de Deus
 JARDIM DE INFÂNCIA "MARCIAL HERBERT" - Direção: Dr. João de Deus
 ESCOLA "FRANCISCO ALVES" - Direção: Dr. João de Deus
- 5º DISTRITO EDUCACIONAL**
 ESCOLA "HENRIQUE DOOSWORTH" - Direção: Dr. João de Deus
 ESCOLA "MINAS GERAIS" - Direção: Dr. João de Deus
 ESCOLA "MEM DE SA" - Direção: Dr. João de Deus
- 6º DISTRITO EDUCACIONAL**
 COLEGIO "BAHIA" - Direção: Dr. João de Deus
 ESCOLA "FLORIANO PEIXOTO" - Direção: Dr. João de Deus
 ESCOLA "ALFREDO GOMES" - Direção: Dr. João de Deus
 ESCOLA "ESTER DE MELO" - Direção: Dr. João de Deus
 ESCOLA "ANTÔNIO PRADO JUNIOR" - Direção: Dr. João de Deus
 ESCOLA "MARGARIDA FARIA" - Direção: Dr. João de Deus
- 7º DISTRITO EDUCACIONAL**
 ESCOLA "SOARES PEREIRA" - Direção: Dr. João de Deus
 ESCOLA "FRANCISCO CABRITA" - Direção: Dr. João de Deus
 ESCOLA "BARÃO HOMEM DE MELO" - Direção: Dr. João de Deus
 COLEGIO "ARGENTINA" - Direção: Dr. João de Deus
 ESCOLA "CONSELHEIRO MAIRINK" - Direção: Dr. João de Deus



SERVIÇO DE ECONOMIA ESCOLAR

HISTÓRICO DO MOVIMENTO DE DEPÓSITOS DE ECONOMIA ESCOLAR DESDE SUA FUNDAÇÃO EM 1938

ANO	NÚMERO DE DEPÓSITOS	CRUZEIROS
1938	12.500	47.518,00
1939	27.186	70.248,00
1940	46.420	166.492,00
1941	71.624	331.419,00
1942	78.004	583.701,00
1943	111.623	1.088.334,00
1944	153.769	3.720.900,00
1945 (até 31-8-1945)		4845.960,00

com 172.265 cadernetas em circulação

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Exposição de Economia Escolar



MARATONA INTELECTUAL

Competição de cultura e de arte entre os alunos do curso secundário do Distrito Federal
 Regulada no Instituto de Educação em colaboração com a Divisão de Ensino Secundário

Prêmios conferidos na prova escrita
 1º lugar da 1ª série: Bolsa de Estudos Olavo Bilac - Aluno: Myrian Consuelo Luna Grilo
 1º lugar da 2ª série: Bolsa de Estudos Olavo Bilac - Aluno: Joel de Chame - Colégio Independência
 1º lugar da 3ª série: Bolsa de Estudos Olavo Bilac - Aluno: Antônio Oliveira Costa
 1º lugar da 4ª série: Bolsa de Estudos Olavo Bilac - Aluno: Frederico Rubens
 1º lugar da 5ª série: Bolsa de Estudos Olavo Bilac - Aluno: Myrian Consuelo Luna Grilo



A gramática e a resistência

(Continuação da pág. 19)

ço da casa; faltou-nos o guarda-livros, que adoeceu repentinamente, e como tenho a mão um pouco pesada, preciso de uma pessoa que escreva sem muitos erros.

Visando já minorar a situação angustiosa em que me achava, acedi ao gentil convite.

E, portas fechadas — era quase noite — sentei-me a uma mesinha no fundo da loja, tomei um caderno de papel almasso e preparei-me para entrar em ação.

O vendeiro, sr. Bernardino, tinha a cabeça vazia e a gaveta cheia, e começou dizendo-me:

— Escreva aqui no alto, em letras bem grandes, Balanço da firma Bernardino & Cia.

Escrevi, com a melhor grafia possível, o que me foi dito; ele porém não se conformou e corrigiu:

— Escreva balanço com dois ss.

Insinuei timidamente:

— Mas balanço é escrito com ç.

— Deixe de inovações; faça o que estou dizendo, pois quem manda aqui sou eu.

No armazem não havia gramática nem dicionário para provar o que dizia; restava-me tão somente conformar-me com a vontade do

vendeiro: era a gramática que cedia diante da força.

E o calheiro, seu Manduca, tirando as mercadorias da prateleira, ia cantando e eu ia escrevendo:

— Duas garrafas de vinho Alvaralhão verde.

— Cinco ditas virgem.

— Quinze quilos de batata.

— Dezoito latas de biscoito Leal Santos.

E, enquanto a pena corria pelo papel, perguntava a mim mesmo de que me valera estudar derivadas parciais, momentos fletores, esforços cortantes, equação da linha elástica para estar ali a fazer o balanço de um armazem. Mas a resistência dos materiais, no caso, era menos importante que a caligrafia...

E a ladainha continuava:

— Vinte latas de sardinha.

— Cinco sacos de farinha.

— Doze pacotes de açúcar.

— Dezoito litografias de Santa Teresinha do Menino Jesus.

— Duas garrafas de vinho do Pôrto.

— Doze litografias de Nossa Senhora da Conceição.

— Duas caixas de bacalhau...

Neste ponto, o sr. Bernardino interrompeu o balanço e explicou:

Nossa Senhora da Conceição vende-se mais que Santa Teresinha do Menino Jesus.

"Seu" Manduca e eu concordámos e o estribilho prosseguiu.

Era dia claro quando o balanço terminou; o sr. Bernardino veio ao meu encontro e disse:

— Estou satisfeito; o balanço deu certo pela primeira vez, coisa que há muito tempo não acontecia, e o senhor tem boa letra; tome lá cento e cinquenta cruzeiros.

Insinuei corajosamente:

— Trabalhei a noite inteira e o senhor podia dar mais alguma coisa.

— Vá lá; tome mais cinquenta cruzeiros.

(Continua na pág. 56)

Meio século de Cinema

(Continuação da página 55)

Apesar das dificuldades de todo gênero, a França está produzindo filmes que brevemente serão exibidos no mundo. Ao lado de artistas já conhecidos e apreciados na França e no mundo inteiro, veremos novas "estrelas" de talento e beleza. Ao lado de Vivienne Romance, Mary Bell, Gaby Morlay, Gabrielle Dorziat encontraremos Michèle Morgan, Madeleine Sologne, Simone Renant, Marie Casarès, Odette Joyeux, Annie Ducaux e outras. Entre os "astros": Raimu, Louis Jouvet, J. L. Barrault, P. Fresnay e os "jeunes premiers" Jean Marais, Georges Marechal e François Périer.

Muitos romances, adaptados para o cinema, já obtiveram grande sucesso em Paris. Os empresários franceses procuram dar ao filme um conteúdo de especial interesse, cuidando não só do valor da imagem (que tem melhorado consideravelmente), como também dos diálogos espirituosos e instrutivos no decorrer do filme.

Alguns realizados recentemente: "Mathilde et ses mîtains", "Pamela", "Florence est folle", "Les enfants du Paradis", "Falbalas", "Espoir", adaptação do livro de André Malraux, "Symphonie Pastorale", baseado na obra de André Gide, e que tem como principais artistas Michèle Morgan e Pierre Blanchard; "Boule de Suif", adaptação cinematográfica de uma obra de Maupassant, com Micheline Presle e Louis Salou. O diretor Julien Duvivier, de regresso aos estúdios franceses, dirige atualmente "Les Fiançailles de M. Hire" e, dentro em breve, "Juliette Drouet", de Victor Hugo, "Aventura à Boukhara", "Les Jours et les Nuits de Stalingrado", adaptado de um romance de Constantin Simonov.

A linda "estrela" Madeleine Sologne é a intérprete de "Mademoiselle X" e de "Marie la Misère". Veremos, proximamente, a fascinante Vivienne Romance em "Boite Aux Révues". Também está em preparo "Pays sans Etoiles", "Monsieur Grégoire S'Evade", com ótimos artistas, entre os quais Bernard Blier, Jules Berry, Georges Grey. O filme "Un tel Père Et Fils" reúne Louis Jouvet, Raimu, Michèle Morgan e Suzy Prim.

Não deixe...

a pele perder a elasticidade

TONIFIQUE SUA CUTIS COM ANTISARDINA Nº 1

Rugas precoces são produzidas pela perda de elasticidade da pele enfraquecida.

ANTISARDINA é um tônico vivificador das células da epiderme.

ANTISARDINA não rejuvenesce, prolonga a mocidade da cutis.

Pedidos a

DISTRIBUIDORA ANTISARDINA LTDA.
Cx. Postal, 80 - Curitiba - Paraná

AS MOCINHAS E AS SENHORAS NA IDADE CRÍTICA

DUAS FASES DIFERENTES MAS IMPORTANTES NA VIDA DAS MULHERES

Não deve e não pode passar despercebida aos bons pais a fase compreendida entre os 12 e os 16 anos por que passam suas filhas quando se tornam verdadeiramente mulheres. Nesse período, quando o fluxo mensal começa a aparecer, são comuns as perturbações que trazem para as jovens uma série de grandes sofrimentos físicos e morais. Essas perturbações resultam do desequilíbrio orgânico próprio da idade e se manifestam pela falta, diminuição ou atraso das regras. Administrar-lhes, sem perda de tempo, o Regulador Xavier N.º 2 é dever de todos os pais que amam de fato suas filhas e que não querem vê-las doentes, tristes e, o que é pior, atacadas por moléstias que, por terem sido descuidadas, se tornam crônicas e incuráveis.

Não menores, nem menos perigosos, são os males que geralmente atingem a mulher na idade crítica — aos 45 anos mais ou menos — e que, mal tratados ou tratados por remédios ineficazes, lhe acarretam sofrimentos tão torturantes que essa idade crítica se lhe transforma numa verdadeira idade dolorosa. Entretanto tais males, que em geral se manifestam pela abundância ou repetição das regras e pelas hemorragias, encontram remédio fácil e de absoluta eficácia no Regulador Xavier N.º 1.

O Regulador Xavier, usado em seu número adequado, dá às mocinhas, e às senhoras na idade crítica o bem-estar e a saúde indispensáveis para as lutas e as alegrias da vida.

ALIMENTICIA, S. A.

(EM ORGANIZAÇÃO)

ENCERRAMENTO DA SUBSCRIÇÃO DO CAPITAL E CONSTITUIÇÃO DA SOCIEDADE

Levamos ao conhecimento dos nossos subscritores e do público em geral que estão sendo providenciados os atos finais de sua constituição definitiva. Assim sendo, a subscrição de seu capital será encerrada no dia 31 do corrente.

AS SUBSCRIÇÕES SERÃO RECEBIDAS ATÉ 31 DE DEZEMBRO DE 1945

AÇÕES DE CRS 200,00

(Duzentos cruzeiros)

EM 10 PAGAMENTOS DE 10%

Escritório central:

RUA DA QUITANDA N.º 96 - 1.º andar

Fone: 23-4290

RIO DE JANEIRO

VIRA-LATAS

(Conclusão do número anterior)

Miúda penetrava, com tempo, em todos esses e em muitos outros segredos da "profissão". E, graças a isso, vivia rela-

Pés doridos?

Este sofrimento se reflete nas rugas de seu rosto!



Obtenha alívio imediato com um Remédio ou Aplicação do Dr. Scholl! Custo reduzido.

Faces sulcadas pela dor; indisposição; nervos cansados; fadiga; falta de energia; menor capacidade de trabalho — estes são apenas alguns dos resultados nocivos que pode causar um mal nos pés. Liberte-se deste sofrimento! O Dr. Wm. M. Scholl, famoso cientista e autoridade em males dos pés, criou um remédio, uma aplicação ou um Suporte de Arco para o alívio de cada mal-estar nos pés. A venda nas drogarias, sapatarias, perfumarias e várias outras lojas em todo o mundo. Seu custo é reduzido. Procure a marca Dr. Scholl.

ARCOS DÉBEIS

Foot-Eazer Dr. Scholl e exercícios apropriados aliviam o cansaço, pés doloridos, dores nos pés e nas pernas, quando devidos aos arcos fracos ou caídos.



CALOS DORES NOS DEDOS

Os Zino-pads Dr. Scholl aliviam imediatamente os calos, eliminando a pressão do calçado. Macios e acolchoados, impedem a formação de calos e bolhas d'água.



CALOSIDADES

Os Zino-pads Dr. Scholl, em tamanho especial para calosidades, aliviam a dor, suavizam a pressão sobre o ponto dolorido. Despreendem, rapidamente, e extirpam as calosidades.



JOANETES

Os Zino-pads Dr. Scholl, tamanho especial para joanetes, protegem as articulações sensíveis e dilatadas, eliminando a pressão do calçado.



PÉS QUENTES E CANSADOS

O Balsamo Péptico Dr. Scholl dá alívio imediato, eliminando a ardência e o cansaço dos pés muito doloridos.



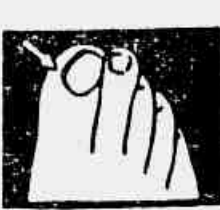
JOANETES

O Redutor de Joanetes Dr. Scholl, de borracha macia, elimina a dor causada pela pressão do calçado, corrigindo-lhe a deformação e mantendo sua forma.



UNHAS ENCRAVADAS

O Onixal Dr. Scholl é excelente contra o sofrimento causado pelas unhas encravadas. Suave emoliente, permite que as partes inflamadas sejam removidas.



Exames e conselhos grátis sobre todos os males dos pés. Pedicuros científicos sempre à disposição.

SUPORTES DE ARCO-REMÉDIOS-CALÇADOS

Lojas Dr. Scholl

PARA O CONFORTO DOS PÉS

RUA SÃO JOSE, 114 - RIO

RUA AROUCHE, 71 - SÃO PAULO

tivamente feliz. No seu casobre, calção-cot, ninguém a ia incomodar. Na caminhada de cada dia conseguia sempre os seus sete, os seus dez cruzeiros, quando não dez ou quinze, fora, naturalmente, o almôço e o jantar, para o fornecimento dos quais já tinha casas certas, o que lhe permitia até variar de menu... Assim, ia vivendo sem maiores problemas ou preocupações. Os seus únicos cuidados lhe eram proporcionados pela possibilidade de perda dos seus animais e pela eventualidade de forçarem-na a entrar para o asilo. Ah! o asilo... Ela sabia que nele teria casa, comida, roupa e remédios garantidos. Mas, vagamente, a idéia do asilo lhe sugeria o fim de tudo para ela. Uma vez lá, nada mais teria a esperar; os dias seriam sempre iguais e fáceis, até à morte, que não deveria tardar... Cá fora sempre havia distrações, movimento. Cá fora ela lutava, ao seu modo, é verdade, pela vida. Cá fora havia o prazer de contar, à noite, o dinheiro ganho durante o dia; as caras estranhas que a olhavam pelas ruas, ora com indiferença,

ora com piedade, ora simplesmente curiosas, às vezes distraidamente enojadas. E ela, com a sua fala mansa:

— Uma esmolinha p'ra velha, iôô...

E a emoção de receber um níquel, uma desculpa ou uma recusa brutal. Cá fora ela se esquecia de si própria. Era livre, enfim, embora nem percebesse que aí é que estava o motivo da sua repulsa íntima pela idéia de ser acolhida ao asilo.

Da Miúda de cinquenta anos atrás, que fazia os negros sentirem o sangue ferver (e também os brancos: dois filhos mulatos, que ela não sabia por onde andavam, assim como outros três, todos de pais diferentes, tinham sido a prova), daquela Miúda moga, de carnes duras e sonsa como ela só, nada, nada mais resta. Isto é, só os dentes sempre certos, alvos, fortes, e a fala mansa.

Ela não se lamenta, entretanto. Vive, como sempre viveu sem pensar muito profundamente em nada. Da sua existência, quando terminar, nenhuma falta sentirá o mundo. E — quem sabe? — talvez para



esse mundo isso seja melhor do que as existências que pretendem fazer alguma falta.

Com o cajado na mão, o pequeno ba-laiço milagrosamente equilibrado na cabeça e os três vira-latas rentes à saia comprida, Miúda caminha lentamente no passeio movimentado, todo encharcado da luz amarela do sol da manhã.



VOCÊ SERÁ REALMENTE BELA

EVITANDO A

Beleza

de Máscara!

QUE É BELEZA-DE-MÁSCARA? É esta falsa aparência de beleza conseguida com os recursos de um "maquillage" excessivo, com o fim de ocultar ou disfarçar imperfeições da cutis. Além de artificial e efêmera, essa "Beleza-de-Máscara" constitui perigo para a vital respiração da pele.

PORTANTO, NÃO OCULTE, NÃO DISFARCE! CORRIJA AS IMPERFEIÇÕES COM LEITE DE COLÔNIA!

Não adie para amanhã... Consulte seu espelho agora mesmo... Veja o que ele lhe diz! E, se notar o aparecimento de alguma imperfeição, não siga o primeiro impulso. Pense bem! Rugas, espinhas, cravos, sardas, manchas? Não há erro maior do que pretender ocultar ou disfarçar os defeitos da pele... Proceder assim será apenas ostentar uma perigosa "Beleza-

de-Máscara". O certo é seguir este caminho fácil, prático e simples — corrigir as imperfeições, eliminando-as! A partir de hoje confie esse cuidado ao incomparável Leite de Colônia, que limpa, alveja e amacia a pele, libertando-a das imperfeições. Dessa forma, conseguirá, enfim, dar à sua cutis uma beleza jovem, radiante e, principalmente, real!



Éis o fácil tratamento diário para sua pele!

Use Leite de Colônia pela manhã e durante o dia como base para pó. À noite, para tirar o "maquillage" e limpar a pele. Use-o igualmente para proteger sua cutis contra os efeitos do sol.

Leite de Colonia

— LIMPA, ALVEJA E AMACIA A PELE!



A esmeralda

(Continuação da pag. 34)

ter desembulhou a caixa e abriu-a. Diante dos seus olhos arregalados surgiu, num magnífico escrínio, a esmeralda que ele vira brilhar no colo da môça.

A esmeralda!

Um turbilhão de idéias tomou conta d'ele. Esmeralda... Paul pedira segredo quanto às relações com a môça... Roubo... Teria um ladrão como amigo?

★

Quando Paul chegou a luz estava acesa. Lyster, passeando

impacientemente pela sala, esperava-o.

— Hoje descobri tudo.

Paul olhou-o surpreso.

— O que?

— O seu segredo. Sei de tudo. Da esmeralda...

Apontou para a caixa desembulhada sobre a mesa.

— Ah...

Paul caminhou lentamente para a mesa, apanhou a jóia e embrulhou-a.

— Eu peço uma explicação de tudo isso...

Paul sorriu. Guardou o embrulho no bolso, depois disse:

— "Isto" é meu.

E sem mais uma palavra saiu da sala. Lyster estava estupefato.

★

Depois daquela tentativa de explicação, Lyster não tentou perguntar mais nada.

Foi Paul mesmo quem abordou o assunto. Certa vez, como Lyster ainda se ressentisse da secura com que fôra tratado naquela noite, Paul disse:

— Você não deve guardar rancor. Afinal de contas, você foi se meter onde não devia.

— Mas eu...

— Talvez tenha sido por es-

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

É um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas.

tar preocupado comigo; admito que você tenha agido com a melhor das intenções. Entretanto...

— Escute, Paul, eu quis simplesmente saber por que você me tratou daquela forma na noite em que eu o encontrei no teatro.

— Lá me vem você novamente com a mesma história absurda.

— Mas se eu digo que...

— Você pode dizer o que entender. O fato é que eu não estava lá.

— Mas...

— Vamos começar novamente.

Lyster de repente resolveu abandonar a discussão.

— Olhe, Paul, quando esse mistério houver passado, você me promete contar tudo?

O outro sorriu estranhamente:

— Prometo.

Depois acrescentou, prudente:

— ... se houver alguma coisa que contar...

Lyster quase sorriu. Tinha a certeza de que havia. E que Paul estava ocultando alguma coisa, porque realmente não podia revelar. Pois bem, esperaria.

Certa noite Paul chegou em casa mais cedo do que de costume.

— Lyster, vista-se que vamos sair.

— Mas logo hoje?

— Você quer conhecer uma môça loura que usa esmeraldas?

— Você quer dizer que...

— Que chegou o dia de revelar a você a verdade.

— Então...

— Você vai me perguntar alguma coisa sobre o caso do teatro?

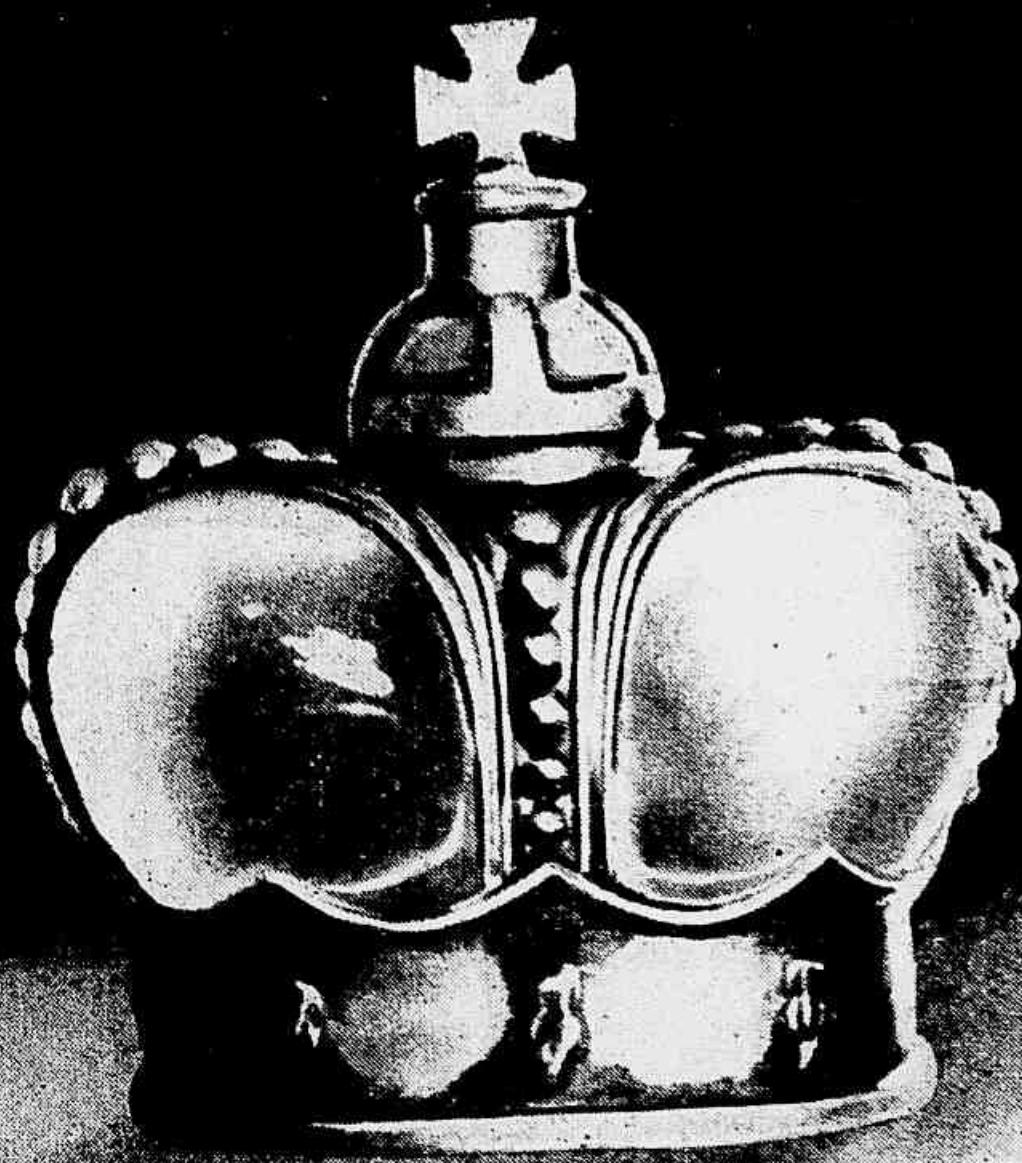
(Continua na pag. 57)



JOALHERIA UNIVERSAL

JOIAS ★ RELOGIOS ★ OBJETOS PARA PRESENTES

RUA DO OUVIDOR, 159 — ESQ. GONÇALVES DIAS



Matchabelli

"Stradivari" "Abano".

"Duchess of York" "Catherine the Great"

"Princess Marie" "Royal Gardénia"



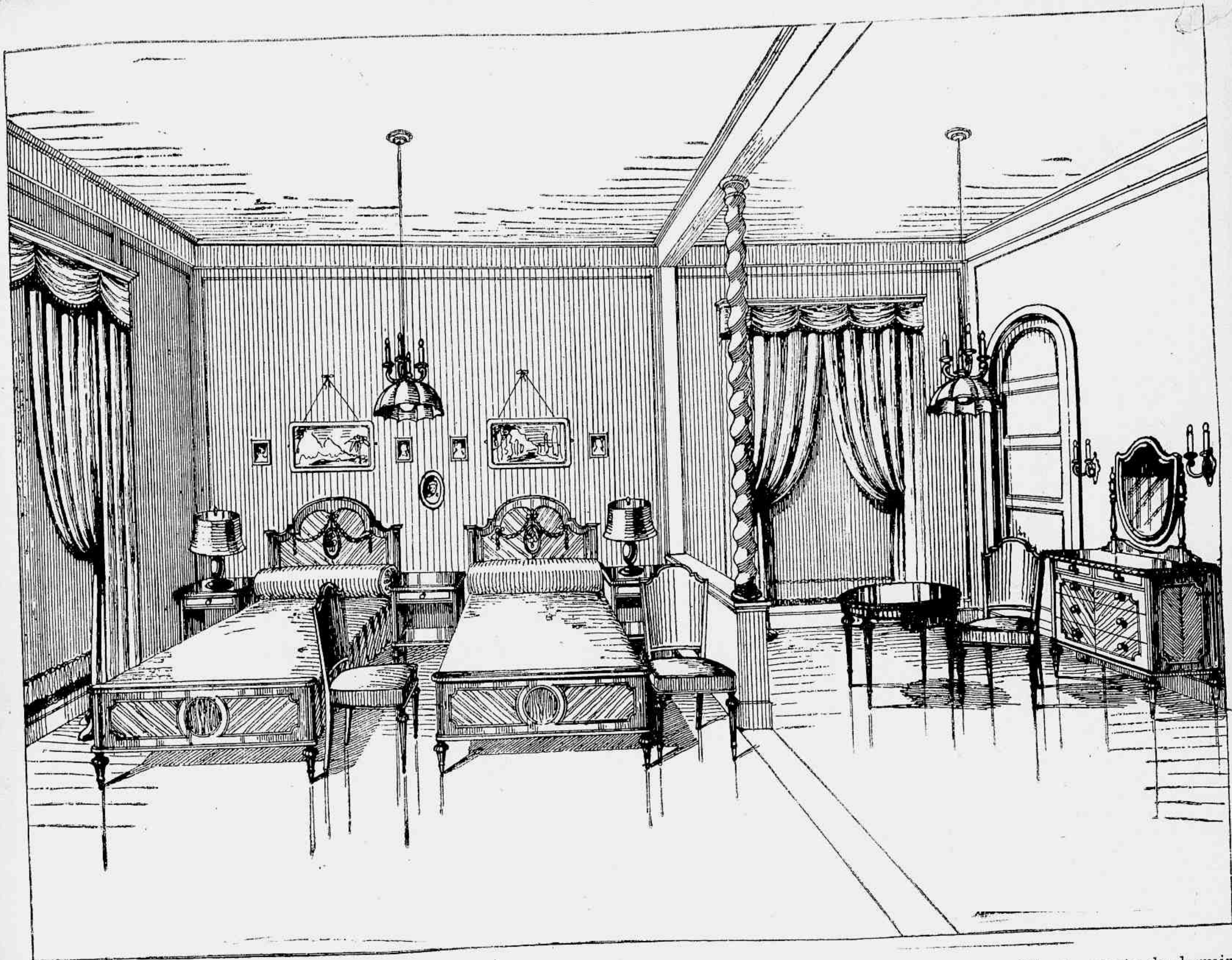
CASA HERMANNY

FUNDADA EM 1855

MATRIZ: GONÇALVES DIAS, 50 — FILIAIS: COPACABANA — NITERÓI — PETRÓPOLIS

O primeiro modelo, em baixo, à esquerda, executado em crepe de seda, tem como nota alegre o adorno de botões coloridos. Em cima, o primeiro à esquerda em "toile" de seda, deliciosamente bordado com uma guirlanda de flôres coloridas. Ao lado, um outro modelo bem interessante, enfeitado com lacinhos executados em ponto de marca, também em côres. E finalmente os dois últimos, em baixo: um em crepe mate, graciosamente adornado com babados "dente-lés", e o outro com bordados no ombro e a um lado da saia.





Dormitorio de estudante

No "cliché" acima reproduzimos um modelo de quarto de dormir em estilo moderno, especialmente desenhado para aposentos de rapazes. O técnico que o criou levou em conta a premente carência de espaço que se encontra nos apartamentos de hoje. As camas, trabalhadas em madeira escura, são colocadas uma ao lado da outra, com mesinhas de cabeceira que podem, pelo seu formato e tamanho, servir como estantes de emergência. No quarto de vestir, uma mesa de centro e um toucador com espelho, além de um guarda-casaca que pode ser feito em qualquer estilo. O necessário número de cadeiras deve ser distribuído entre os dois aposentos, de maneira a não prejudicar a estética nem agravar a exiguidade de espaço.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA

MARCA

UNES

REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAL



Como V.S. se protege contra a PIORRÉIA?

De cada 5 pessoas — 4 estão ameaçadas!

Sendo descuidada, a piorrêia se transforma numa enfermidade repulsiva. A inflamação e o encolhimento das gengivas e o afrouxamento dos dentes, que as vezes devem ser extraídos embora estejam inteiramente sãos, desfiguram a boca. Esteja em guarda contra os primeiros indícios da piorrêia. Não se descuide nunca das gengivas sensíveis e que sangram!

E também não se descuide das precauções necessárias, como o uso diário do dentífrico FORHAN'S — feito especialmente para a limpeza dos dentes e a massagem nas gengivas. FORHAN'S para as GENGIVAS é o único dentífrico que contém o adstringente especial anti-piorrético do Dr. Forhan. Exames clínicos recentes demonstraram que 95% dos casos ameaçados de piorrêia apresentaram notável melhora no fim de apenas um mês de uso do dentífrico FORHAN'S.

Visite seu dentista com frequência. E comece a usar o dentífrico FORHAN'S.

Escove os dentes com

Forhan's



R. J. Forhan D.D.S.

"Não espere sofrer de piorrêia para usar Forhan's — use Forhan's e evite a piorrêia."

OPPS

Um vestido que tanto pode ser usado na primavera como no verão. Muito apropriado para diversas ocasiões e valorizado, aqui, com a elegância de Martha Vickers, que o exibirá no filme "The time, the place and the girl". (Foto Warner)



DO SIMPLES PREGO...

AO MAIS FINO CRISTAL!



Casa AMERICANA

A casa das formas

Assembleia Esq. Quitanda



ILONA MASSEY

Encantadora Estrela da Tela, diz:

"Considero ARRID o desodorante por excelência e o recomendo com o maior entusiasmo".

NOVO

Crema Desodorante

que evita manchas e odor nas axilas

1. Não irrita a pele.
2. Não enluta os mais finos vestidos.
3. Evita as manchas desagradáveis, nas mangas e nas costas dos vestidos.
4. Seu efeito é duradouro. Evita o cheiro do suor. Tem um delicioso perfume.
5. Tem a fina consistência de um creme de beleza. É branquíssimo, sem gordura, não mancha e desaparece instantaneamente.

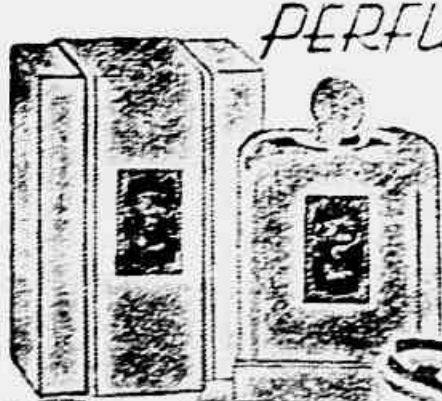
Use ARRID com regularidade.

Preços: Cr\$ 4,80 e Cr\$ 9,50

ARRID

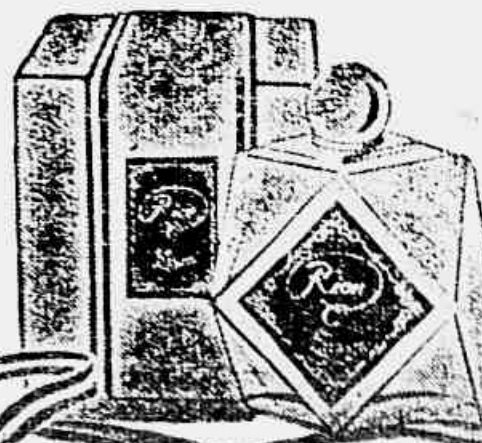
O DESODORANTE QUE MAIS SE VENDE.

UM PRESENTE DE CLASSE E DISTINÇÃO



PERFUMES

Rosa



PERFUMES

BELLES FLEURS
MUSGO CHINE

05



LISO



COM PONTA



Lincoln



Um monge brasileiro...

(Continuação da pág. 18)

seio e fraternal ágape, e à noite um belo concerto com músicas e cânticos clássicos, populares e incaicos. Um dos padres poetas, Frei Caselli, dedicou-me uma poesia. Terminou com o Hino Nacional Peruano.

Visitámos depois Cuzco, paraíso da arqueologia, arte e pintura, com seus inúmeros templos coloniais, ricos em obra de talha barroca e rococó, onde as telas célebres abundam. Visitámos também as ruínas preincaicas de dois mil anos, em Cuzco e Machupichu, assim como as ruínas dos incas que, como os Aztecas no México, chegaram a alta grau de cultura e civilização. No Templo do Sol, todo forrado de lâminas de ouro, está hoje o Convento Dominicano, no palácio dos reis incas, a residência do arcebispo, e na residência do conquistador espanhol Pizarro, o Convento de S. Francisco.

★

Encontrei em Frei Mojica um verdadeiro confrade e amigo. Ajudava-me a missa todos os dias, servia-me o café e acompanhava-

me nos passeios (achava interessante os comentários sobre ele que ouvíamos pelas ruas), mostrando-me seus discos e fotografias dos tempos antigos, inclusive de sua residência, um verdadeiro e luxuoso palácio no estilo mexicano. Escolheu o Convento de Cuzco, que é simples e pobre, distribuindo sua fortuna aos pobres no México antes de vir para cá. Disse-me que nunca encontrou a felicidade senão aqui, trabalhando humildemente na horta, varrendo a casa, orando e estudando. É um bom religioso, humilde e piedoso, grande conhecedor da vida espiritual, cursando atualmente o 2.º ano de Teologia. Fará a Profissão dia 9 de março de 1946 e será ordenado Sacerdote em 1947. Continua, contudo, o mesmo Mojica do cinema, sempre jovial e alegre. É a alegria dos recreios e passeios, recordando suas fitas, tocando violão e cantando cânticos populares e das películas em que trabalhou. Sua cela é pequena, não faltando ao lado da cama seu violão para os recreios. Mostrou-me vários quadros seus, pois é também pintor e engenheiro agrônomo. No noviciado recebeu algumas centenas de cartas de todo

Sempre José Mojica manifestou uma predileção especial pelos papéis de homem bom, de altos sentimentos. Também neste filme ele se revelava, alguns anos antes, o futuro sacerdote que hoje é. Suas admiradoras entusiasmavam-se com os trabalhos cinematográficos do ator místico.



Os programas femininos de Sagramor de Scuvero Adolescência

AS SEGUNDAS-FEIRAS
DAS 13.05 AS 14.05



Cozinhando pelo radio

AS TERÇAS-FEIRAS
DAS 10.35 AS 11.15

Para você, maezinha

AS QUARTAS-FEIRAS
DAS 13.05 AS 14.05



O mundo não vale o seu lar

AS QUINTAS-FEIRAS
DAS 13.05 AS 14.05

Problemas de sua vida

AS SEXTAS-FEIRAS
DAS 13.05 AS 14.05



Marcha Nupcial

AOS SÁBADOS
DAS 13.05 AS 14.05

Radio GLOBO
PRE 3 1180 QUILOCYCLOS

o mundo, inclusive dos artistas de Hollywood. O mestre dos novícios, porém, só as entregou no fim do noviciado.

Falando a respeito de sua vocação, disse-me: "Creia, Dom Paulo, não sinto a mínima nostalgia do mundo externo. Encontrei enfim a paz que tanto desejava. Sou completamente feliz consagrado ao Senhor. O mundo jamais pôde me compreender porque nunca penetrou o meu íntimo. Viam em mim o ídolo, mas desconheciam-me. A perseguição religiosa no México não pôde arrancar de meu coração a semente divina nele lançada na primeira infância. Minha mãe me consagrara à Virgem de Guadalupe. Até me parece ouvir suas santas palavras ajoelhada ao pé do altar: "Mãe Santíssima, entregovos meu filho, para que façais dele um bom mexicano". Minha fé se robusteceu num Colégio Franciscano da capital, onde estive até os 8 anos. Logo a revolução expulsou os religiosos, sucedendo-se o ensino leigo e anticristão, que fez com que afastasse da religião e de Deus. Assim cheguei aos 18 anos vazio de sentimentos e materialista, nunca porém satisfeito com esse estado de espírito. Estudei então todas as

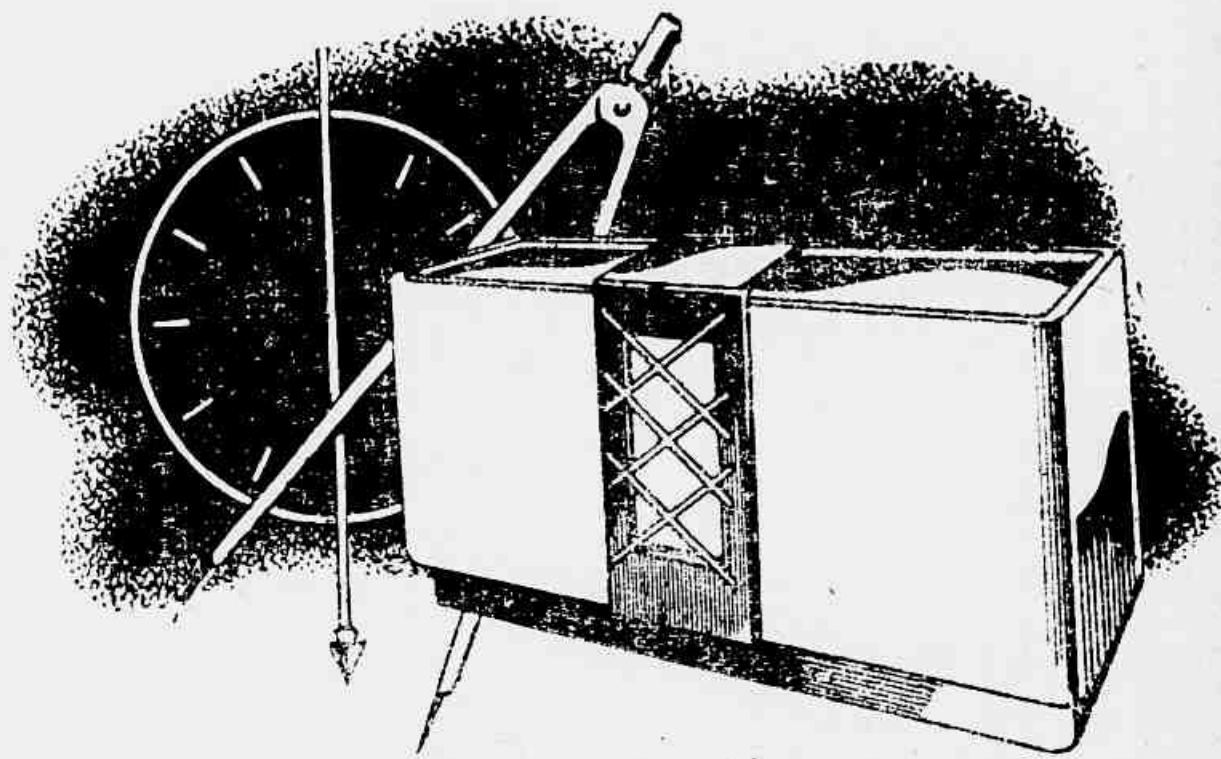
religiões, menos aquela que minha mãe me colocara no coração. Logo me dediquei aos estudos superiores de engenharia agrônoma e medicina veterinária. Decidi-me a cultivar a voz e dedicar-me à pintura, esperando deste modo obter maior proveito e com ele sustentar o meu único amor na terra, minha mãe, a quem queria ver rodeada de todas as comodidades. Vieram então os dias de triunfo, dias agitados dum lugar para outro, logrando comprar uma fazenda, com uma linda residência para minha mãe. Minha fortuna crescia dia a dia, mas em meu interior cada vez era maior a minha infelicidade. Certa vez, convidado de ricos amigos norte-americanos, passei parte do verão em Men, na Califórnia, onde havia uma biblioteca; por acaso caiu-me nas mãos o livro "Brother John", que trata dumas discussões entre frades, sobre a doutrina de S. Francisco. Foi quando se produziu o milagre. Minha fé, aquela fé que senti a primeira vez em um pobre altar de S. Gabriel, brotou com força, e naquelas doutrinas do seráfico santo encontrei a luz do verdade que iluminou meu espírito. Foi então,

(Continua na pág. 57)

Canção da rua, homem bom por excelência, ele reproduzia, na tela, facetas de seu feito próprio. E as crianças o acompanhavam. Dessem-lhe o papel de um rapaz simples, camponês ou cidadão, e ele estaria feliz. Seu repertório era sempre enriquecido de melodias também religiosas.



Só Comparável com A PRECISÃO de um relógio **SUISSO**



AS RÁDIO-VITROLAS **PAILLARD**

última novidade da
indústria Suíça

Discos Victor, em
aluns ou isolados,
outro lindo
presente de Natal



Jorge T. Abdalla & Cia. Ltda.

Av. Almirante Barroso, 86
Fones: 42-3217 e 42-7652

★ Continental

Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais indicado para higiene e conservação dos dentes.



Vida Nôva, Vigôr e Vitalidade

Brown Sequard, já em 1891, agitou o mundo médico entusiasmado com o seu exemplo pessoal afirmando sentir nova mocidade, resultante da ingestão de substâncias hormonais masculinas. Foi precisamente baseado nessa grande descoberta que se chegou à realização de uma fórmula de grande alcance médico social cujo nome é PANSEXOL.

das reservas do organismo, com especial referência aos órgãos da sexualidade, aos quais reanima, dando-lhes nova vida e vigôr. PANSEXOL existe uma fórmula para cada sexo Masculino e Feminino. Encontra-se à venda em todas as Drogarias e Farmácias.

Fórmula do Prof. AUSTREGESILIO Remetemos, pelo reembolso postal Cr\$ 25,00 o vidro

Produtos Panvital - Rua da Estrela n.º 6 - RIO DE JANEIRO

HEMORRHOIDAS? tome

EM TODAS AS FARMACIAS E DROGARIAS

Pilulas de Herva de Bicho compostas mescard
LIC. 3.518
14-3-925-D.N.S.R.

DÔR DE OUVIDO? INFLAMAÇÃO E PURGAÇÃO NO OUVIDO? Use AURIS-SEDINA

Os penteados entram, agora, nas cogitações femininas como um legítimo complemento da "toilette". Nan Leslie aboliu o chapéu, penteando-se tal como se vê na gravura abaixo. Ela declara que se a moda "pegar", os chapeleiros terão grande prejuízo... (Foto RKO)



ConsERVE o seu otimismo! Mantenha o seu bom humor! Animo tristonho quase sempre é sinal de fígado doente. Lembre-se das "Pílulas de Reuter" quando a insuficiência hepática lhe estiver afetando a saúde e a alegria de viver.

PÍLULAS de Reuter
PARA O FÍGADO



ORIGINA DE 1.ª ORDEM
AVANÇAM-SE RECHTAS MÊ-
DICAS COM EXATIDÃO

O PINCE-NEZ

OCULOS, PINCE-NEZ, LORÇONS
R. CARIOCA N.º 28

Joaquim
Joaquim

DE OURO

LUIS R. RICART
TEL. 22-4690 - RIO

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES

"A DAMA DESCONHECIDA"

(Continuação da página 21)

algumas sequências David Bruce leva a melhor, em um novelista policial de rotundo fracasso quando se resolve por conta própria a deslindar um crime na vida real. E o veterano Edward Everett Horton, usando e abusando do seu velho recurso do raciocínio retardado, consegue ainda boas gargalhadas.

E' um legítimo filme de Dean-a Durbin, dêsses que se fazem sem maiores preocupações nem qualquer sentido mais alto de cinema, êsse que vimos de assistir. Mas ninguém terá dúvidas quanto ao seu êxito comercial. Porque — repetimos — a criadora de "Três pequenas do barulho" continuará sendo ainda, por muito tempo, a favorita de muitos milhares de "fans". — C.

Cotação: BOM.

Regressou de Hollywood o produtor Bob Chust, que aqui no Rio fez, anos atrás, "O Brasileiro João de Souza". Disse-nos ter exibido essa produção em telas norte-americanas, canadenses, australianas, chinesas e portuguesas com grande sucesso e larga compensação pecuniária. Bob Chust ficará poucos dias no Brasil, voltando a Hollywood, onde contraiu nupcias com uma jovem norte-americana. Em março pretende voltar, então com outros e grandes propósitos cinematográficos.

BAILADOS CLASSICOS NO MUNICIPAL

(Continuação da pág. 20)

da tarde; dançam as nuvens no cenário azul do infinito; dança o sorriso nos lábios das jovens; dançam as almas a música das afinidades; dança, loucamente, o coração, numa sarabanda fantástica, na procura insaciável da felicidade. Cantam as águas saltitantes do regato, acariciando, delectosamente, o limo das pedras; cantam os pássaros um hino de amor enquanto, com amor, constroem seus ninhos; canta, num ciclo, a folhagem, ao sentir o afago invisível do vento; canta, finalmente, o nosso coração quando Deus nele habita.

No dia 9 de dezembro fui ao Municipal. Olhei o programa, sem interesse: "Apresentação de alunos do curso de bailados dos professores Vera Grabinska e Pierre Michailowsky". Em geral, uma apresentação de alunos pouco material oferece ao crítico. Ele analisa tendências, dissecar temperamentos, arquiteta futuros, porém mais por força do hábito e não para transmitir suas impressões ao público. No entanto acomodei-me na poltrona e esperei. Na cortina escura que minha visão depara, uma figura surge; depois outra; do chão parece brotar terceira mais pequenina, e em breve, como se uma sementeira de sôres frutificasse milagrosamente, enchese de vultos que, a um

sinhal inapercebido para estranhos, se põem a dançar. E a música parece emanar dos corpos que vaguem docemente pelo palco, adotando, conforme o ritmo, inúmeras posições. Não destacarei nomes. Todos os alunos desempenharam a contento o papel que lhes foi confiado. Entretanto Dulce Marques de Souza deve ser lembrada, pois espero alcance, algum dia, lugar de destaque no "ballet" brasileiro. Aluisto Dantas já é um pequeno artista. A pureza da escola de seus movimentos graciosos junta-se o cunho, todo seu, que sabe imprimir a cada papel.

Vera Grabinska e Pierre Michailowsky pertencem ao grupo daqueles para quem o "ballet" representa tudo. Não podem compreender a vida sem a dança; para eles, dançar ou fazer dançar é viver.

E a música, nas suas manifestações sublimes, eleva nosso espírito, numa prece muda, ao Criador.

Maria da Glória

A mulher de Londres e de Paris

Paris (H. P.) — A mulher moderna de Paris e de Londres sabe despertar, adquirir e conservar a sua Feminilidade, Juventude, Saúde, Atração e Beleza, tão desejadas e necessárias em todos os períodos de sua vida. A sua arma é o famoso tratamento Okasa, à base de Hormônios frescos e vivos (extratos das glândulas endócrinas e de Vitaminas essenciais) — (fonte de Vitalidade). Okasa, de alta reputação mundial, é fabricado há mais de 25 anos pelos conhecidos Laboratórios Hormo-Pharma de Londres e Paris; é importado agora diretamente de Londres. O tratamento Okasa é uma medicação de escolha, ultra-racional e científica; conhecida pela sua eficácia terapêutica clinicamente comprovada.

oferece o máximo de sucesso em todos os casos ligados à deficiência do sistema glandular, do aparelho genital e do teor vitamínico, como: frigidez, insuficiência ovariana, regras anormais, perturbações da idade crítica (menopausa), obesidade ou magreza excessivas, flacidez da pele e rugosidade da cutis, queda ou falta da turgência dos seios, etc., tôdas essas deficiências de origem glandular na mulher.

Experimente Okasa e se convencerá. Peça a fórmula drágeas "ouro" em tôdas as boas Drogarias e Farmácias, só em embalagem original de Londres. Informações e pedidos ao Distribuidor: Produtos Arna — Avenida Rio Branco, 109 — Rio — Telefone 43-3378.

Perfume

Orbleu

de

BAZIN

O ouro sobre o azul dos perfumes!

- Agua de Colônia • Brillantina
- Extrato • Loção • Óleo perfumado
- Pó de Arroz • Sabonete • Talco

A VENDA EM TODO O BRASIL

P. Ferlat

SOFRE DO FÍGADO?
TOME
BIO-HEPAX
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

A gramática e a resistência

(Continuação da pág. 44)

Era o que me faltava para completar o prego da passagem; com efusivos agradecimentos despedi-me do vendeiro e saí.

Ao passar por uma rua, lembrei-me que tinha sido educado no catolicismo e entrei na primeira igreja que encontrei, afim de agra-

decir Deus o benefício inesperado que recebera.

A missa estava terminando, mas ainda pude assistir a algumas cerimônias. Afinal acabou; ia retirar-me, quando uma senhora avisou:

- Olhe que tem a bênção do Santíssimo. Todos se ajoelharam; ajoelhei-me também. O sacerdote, depois de ter passado a âmbula diante dos fiéis contritos, recitou:
- Bendito seja Deus.
 - E o câro repetia com êle:
 - Bendito seja Deus.
 - Bendito seja seu Santo Nome.
 - Bendito seja seu Santo Nome.
 - Bendito seja Jesus Cristo verdadeiro Deus e verdadeiro Homem.
 - Bendito seja Jesus Cristo verdadeiro Deus e verdadeiro Homem.
 - Bendito seja o nome de Jesus.



*Suscite admiração
Que atinja o coração...
"Amor" é o tom
Ideal do seu Baton...*

tonalidade sensacional... divina...
sem igual... a base exclusiva de
"creme veludo" desta famosa marca
norte-americana suaviza, protege
e embeleza os lábios.

Baton para os lábios

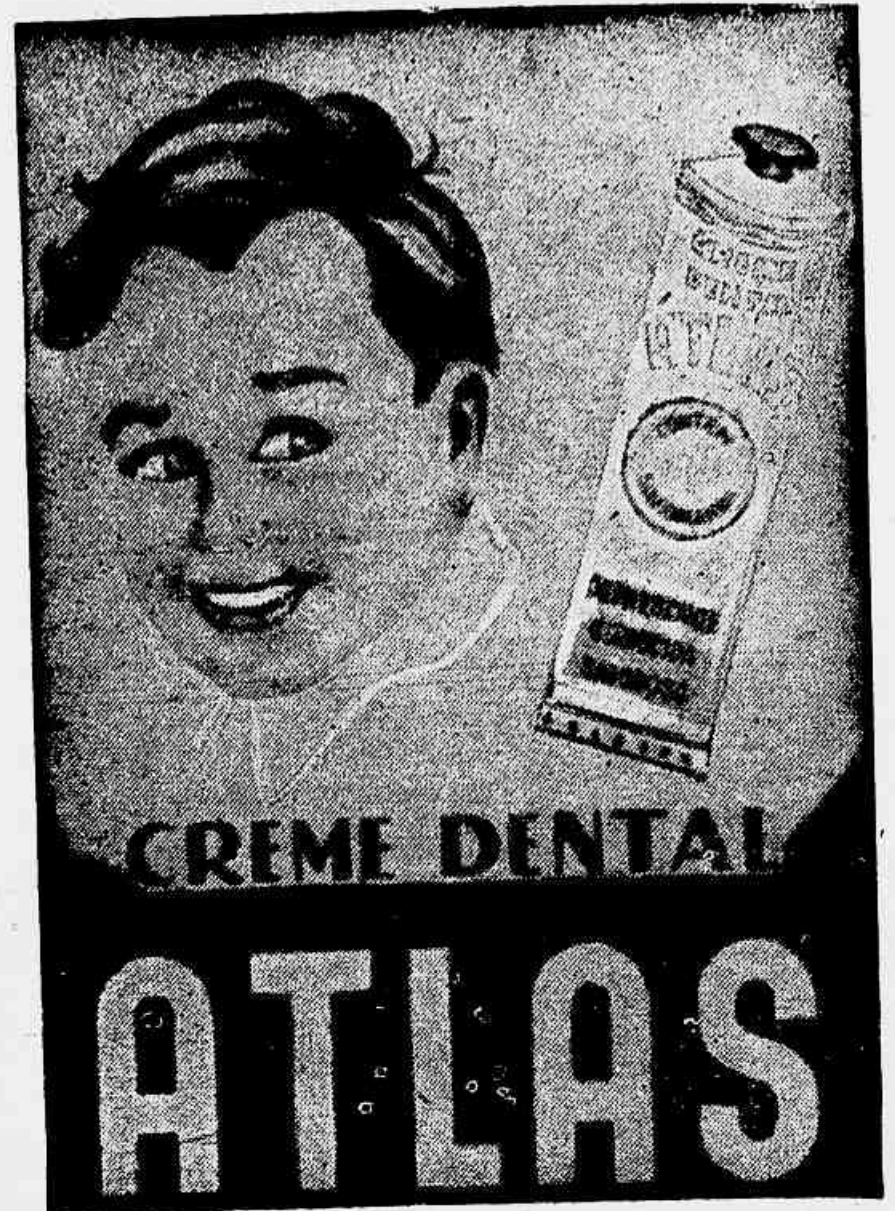
Van Ess



a famosa marca americana!

criação ao mesmo tempo da arte e da ciência!

★ Use também o pó e "rouge" aveludado e atomizado VAN ESS, que tornarão irresistível a sua cutis.



- Bendito seja o nome de Jesus.
- Bendito seja seu Sacratíssimo Coração.
- Bendito seja seu Sacratíssimo Coração.
- Bendito seja Jesus no Santíssimo Sacramento do Altar.
- Bendito seja Jesus no Santíssimo Sacramento do Altar.
- Bendita seja a Grande Mãe de Deus Maria Santíssima.
- Bendita seja a Grande Mãe de Deus Maria Santíssima.
- Bendita seja sua Santa e Imaculada Conceição.
- Bendita seja sua Santa e Imaculada Conceição.
- Bendito seja o nome de Maria Virgem Mãe.
- Bendito seja o nome de Maria Virgem Mãe.
- Bendito seja Deus, os seus Anjos e os seus Santos.
- Bendito seja Deus, os seus Anjos e os seus Santos.

Não esperei o Amem; corri à Cia. de Navegação e horas depois zarpava de Porto Alegre.

Essa cena se passou há muitos anos, mas não me sai da memória aquele vendeiro que misturava Santa Teresinha do Menino Jesus com vinho do Porto, e Nossa Senhora da Conceição com o bacalhau.

STANDARD CR\$ 115,00 FEDERAL CR\$ 165,00 INCA CR\$ 285,00	ANEL ZODIAICO Registrado e garantido por lei. A Oitava Maravilha. Um presente inquecível. Com o Signo, Planeta e a Pedra do dia e mês do Nascimento. Feito de Prata Fina com ouro de 18 K. Também fornecemos todo de Ouro com Platina. Mande medida do dedo, o dia e mês do nascimento, pagando no ato de recebê-lo na Agência do seu Correio pelo Reembolso Postal. Peça em catálogos. Fábrica de Jóias "Artica" — Rua Regente Feijó n.º 18, Rio de Janeiro.	AMERICA CR\$ 150,00 CAPITAL CR\$ 265,00 BRASIL CR\$ 300,00
---	--	--

PÍLULAS DE BRISTOL

Estimulam
suavemente os
intestinos e
eliminam os
resíduos e
toxinas.

Vegetais e
açucaradas

A esmeralda

(Conclusão da pag. 10)

— Bem...
— Guarde a pergunta para fazer mais tarde. Vamos, vista-se!
Lyster não esperou segunda ordem.



Num salão profusamente iluminado, que a princípio o ofuscou, ele encontrou a moça loura.
— Miss Letty Winters. Mister Lyster Crane.

Ela estendeu-lhe a mão e sorriu docemente.

Lyster estava perplexo. O ambiente luxuoso era inesperado.

Paul começou a explicar:

— Você teve um momento de imprudência ao tomar aquela entrada de teatro. Era a entrada para uma aventura que você não poderia levar a cabo, porque não sabia de que se tratava. Terminou minha missão como agente secreto, hoje, e eu posso

UM MONGE BRASILEIRO VISITA FREI JOSÉ MOJICA

(Continuação da pag. 53)

com grande ânsia, que procurei conhecer a doutrina do pobrezinho de Assis, grande condutor de almas, onde encontrei, enfim, a respirada tranquilidade. Minha vocação religiosa era invencível, contudo vivia minha santa mãe, o que me impedia de realizar meu ideal: deixar a Pátria e, pobre, bater, bem longe, às portas dum convento franciscano, iniciando um novo caminho. Fiz-me terciário franciscano, visitei o sepulcro de Junipero Cerra, o Santo Missionário da Califórnia. Uma noite, cantando na "Gran Opera" de Chicago, recebi a dolorosa notícia que haveria de abrir as portas de minha vida nova: minha mãe havia falecido. Desde então não quis mais firmar contratos; terminei quanto antes os compromissos contraiados e meditei, por espaço de um ano, a seriedade de minha vocação. Ao cabo do mesmo liquidei minha fortuna, distribuindo-a aos pobres e assegurando as necessidades de minhas duas velhas tias. Assim me fiz também pobre, só me reservando a passagem, o que fiz tão mal que necessitei do auxílio dos Jesuítas do Panamá, para chegar ao Peru. Assim cheguei aqui, onde, toso e feliz, sigo meus estudos de teologia."

Deu-me várias cartas para antigos colegas seus de Los Angeles e Mexico, inclusive uma para Ramon Navarro, para que este me mostre os estúdios de Hollywood.

Pediu-me que celebrasse uma missa no altar da Virgem de Guadalupe, no Mexico, e dissesse à Virgem: "Lembra-vos daquele vosso filho que, por amor de vós, está servindo a Deus no Peru".

Ao desperdimo-nos ajoelhou-se, beijou-me as mãos, pedindo uma bênção especial e entregando-me uma lembrança. Assim dei-xei Cuzco, seguindo de avião rumo aos Estados Unidos.

RUGOL

O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

revelar a você, sem violar segredo, que o lugar onde se encontravam os agentes era num teatro; o momento de passar as mensagens era uma ligeira discussão a respeito de lugares. Eu parti mais cedo do que esperavam, e você recebeu a entrada. Quando eu soube que deveria ir aquela noite ao teatro, voltei para casa e José me disse que você tinha ido em meu lugar. Corri para lá e tive tempo de usar uma velha dextreza manual para tirar a entrada que estava em seu bolso. Você quase estragou o encontro meu e de

Comunicam-nos, da capital paulista, a organização, naquela praça, da firma Nascimento, Corsi & Camargo, Ltda., que se destina ao ramo de representações para todo o Estado de São Paulo".

minha companheira com o nosso agente. Em todo caso, tudo terminou da melhor maneira, e isso é que é o essencial.

Lyster estava abismado.

— Mas é aquela história da esmeralda?

— Era para despistar, dando alimento à sua imaginação enquanto terminávamos nossa última tarefa sem que você pensasse em nos vigiar.

— Mas...

— Era preciso.

— E você agora me diz que vai deixar completamente o serviço?

— Sim...

— Mas... por que?

— Bem, para esse trabalho é preciso que um homem seja livre e independente, e eu... vou me casar.



Lyster ficou uns momentos em silêncio; depois disse, finalmente:

— Sim senhor, hein?! E eu a pensar tudo menos isso!

Letty retrucou:

— O senhor se deixou levar tão facilmente...

Com ESMALTE LALAQUE suas unhas brilham como joias!



Nas cores:

- Branco
- Rosa natural
- Rosa rubra
- Rosa coral
- Rosa antigo
- Cardinal
- Ruby
- Cyclamen
- Grenat

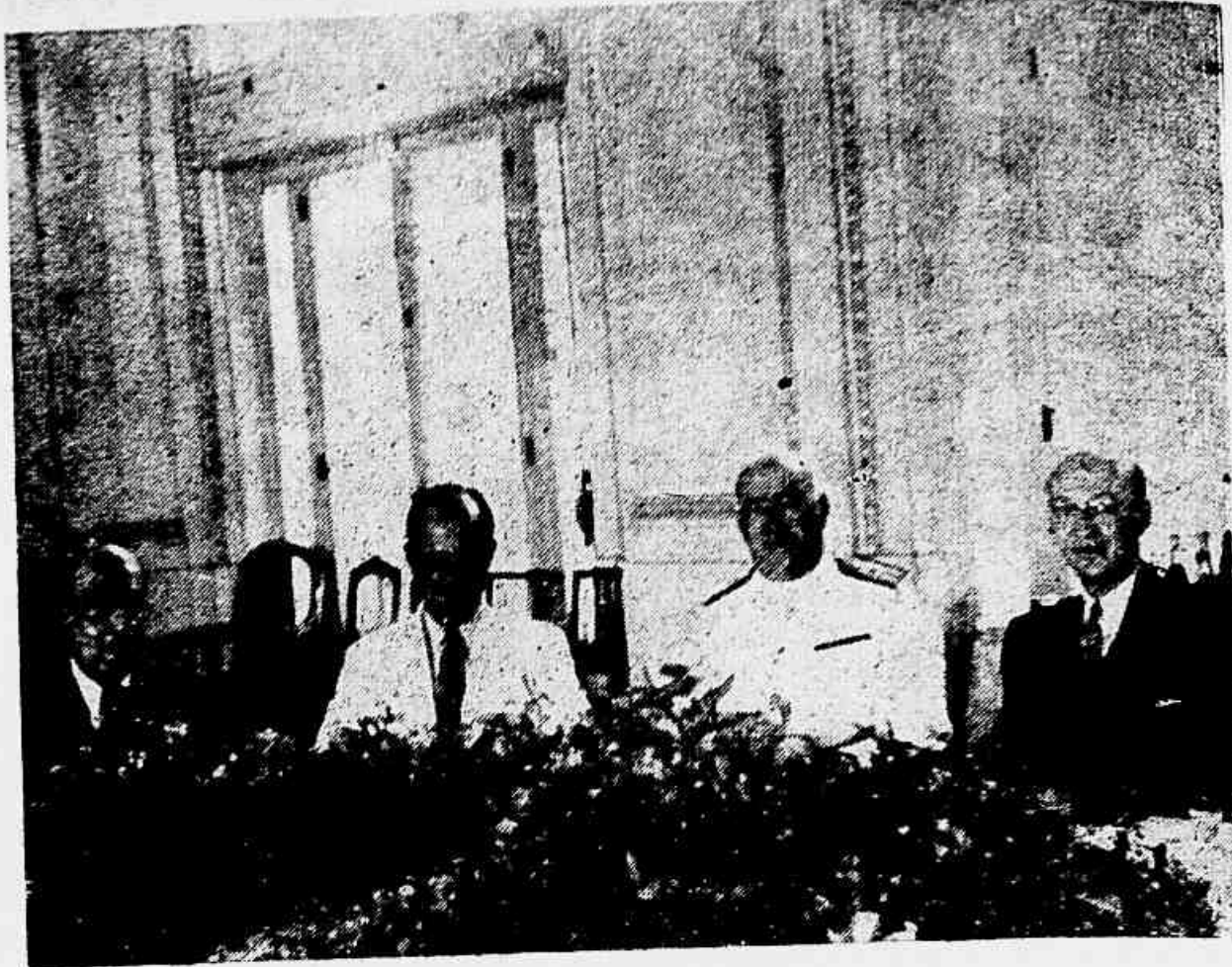
ESMALTE LaLaque

Protege e embeleza as unhas!
É econômico, de fácil
aplicação e muito duradouro.



A VENDA
EM TODO O BRASIL

J. Ferraz



JOCKEY CLUB MUNDANO

O Jockey Club Brasileiro ofereceu domingo último um almoço à Marinha Brasileira, ao qual compareceram diversas autoridades civis e militares. Estampamos nesta página aspectos do êxodo, nos quais se vêem o presidente do Jockey Club Brasileiro, sr. João Borges Filho, e o ministro da Marinha, almirante Dodsworth Martins, e vários flagranties colhidos no Hipódromo, por ocasião das corridas ali realizadas.



DESDE
QUANDO
PEQUENINOS



-É BOM QUE USEM KOLYNOS!

AS crianças em geral não se mostram alegres nas horas de escovar os dentes... se não o fazem com Kolynos. Esta é uma vantagem desse creme dental completo: graças ao seu sabor, as crianças aprendem, desde a mais tenra idade, um método de proteção dos dentes que lhes será útil para toda a vida. Um centímetro de Kolynos na escova seca é o bastante para assegurar uma perfeita higiene

bucal, pois a sua espuma antisséptica atinge todos os recantos dos dentes.

Seu filho prefere Kolynos por causa do sabor agradável; mas graças a isto, aprenderá a proteger os dentes e a saúde durante toda a vida.

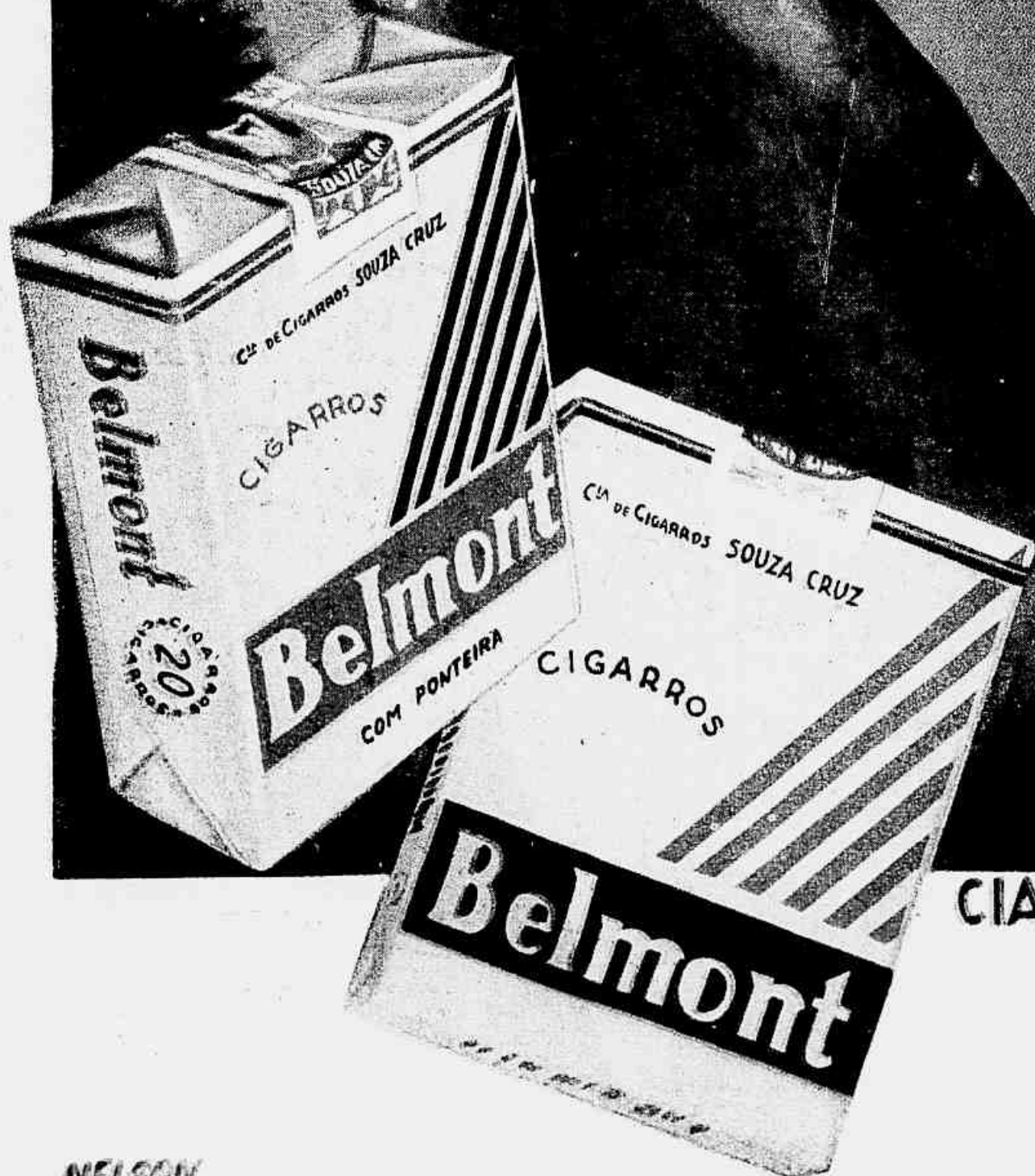
Não é em vão que mais dentistas e mais famílias usam e recomendam este creme dental que custa muito menos porque rende muito mais!



Limpa mais...
agrada mais...
rende mais...

ENSINE seu filho
a usar o CREME
DENTAL
ANTISSÉPTICO!

★ Ouça na Rádio Nacional, às 2.^{as} feiras
às 21,35 o "Rádio Almanaque Kolynos".



CIA. DE CIGARROS

Souza Cruz